

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

HELENA ZONETI RODRIGUES

**A PEDRA ANGULAR DA TEORIA DA LIBIDO DE FREUD:
masoquismo e sadismo entre os anos de 1905 a 1919**

**SÃO CARLOS
2026**

Helena Zoneti Rodrigues

**A PEDRA ANGULAR DA TEORIA DA LIBIDO DE FREUD:
masoquismo e sadismo entre os anos de 1905 a 1919**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia — Campus São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia.
Linha de Pesquisa: A Subjetividade na Filosofia da Psicologia e da Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria.

**SÃO CARLOS
2026**

Rodrigues., Helena Zoneti

A pedra angular da teoria da libido de Freud:
masoquismo e sadismo entre os anos de 1905 a 1919 /
Helena Zoneti Rodrigues. -- 2026.
123f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria
Banca Examinadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva
Soria, Profa. Dra. Josiane Cristina Bacchi, Profa. Dra.
Munique Gaio Filla
Bibliografia

1. Freud . 2. Sadismo . 3. Masoquismo . I. Rodrigues.,
Helena Zoneti. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Helena Zoneti Rodrigues

**A PEDRA ANGULAR DA TEORIA DA LIBIDO DE FREUD:
masoquismo e sadismo entre os anos de 1905 a 1919**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia — Campus São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria.

Data de aprovação: 26/03/2026.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria (Orientadora, Presidente da Banca Examinadora)

Profa. Dra. Josiane Cristina Bacchi (Membro Externo)

Profa. Dra. Munique Gaio Filla (Membro Interno)

Para Rui, Renata e Clarice,
com amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio à realização desta pesquisa por meio da concessão de bolsa. À professora Ana Carolina, pela orientação. Agradeço aos meus pais, Rui e Renata, pelo apoio incondicional, e ao meu companheiro, Gabriel. Por último, não menos importante, à minha avó Clarice, que sempre perguntou, com atenção e carinho, sobre este trabalho.

É mais profundo, mais profundo! Quanto mais penso a respeito, mais vejo, e quanto mais vejo, mais temo!

Henry James, *A outra volta do parafuso*

Donde concluía que nada havia de realmente justo, a não ser o que gerava prazer, e de injusto, senão o que trazia penas.

Marquês de Sade, *Os 120 dias de Sodoma ou A Escola da Libertinagem*

*Was - tust du
Was - fühlst du
Was - bist du
Doch nur ein
Tier
Rammstein, Tier*

Sumário

INTRODUÇÃO	6
PARTE I — SADISMO E MASOQUISMO: PECULIARIDADE OU GENERALIDADE	10
<i>Capítulo 1 — O batismo do sadismo e masoquismo em Psychopathia sexualis (1886), de Krafft-Ebing</i>	10
<i>Capítulo 2 — “A mais frequente e significativa de todas as perversões”: sadismo e masoquismo nos “Três ensaios” (1905)</i>	26
<i>Capítulo 3 — Sadismo e masoquismo é sobretudo perversão? Acréscimos ao ensaio de 1905</i>	47
<i>Conclusão da primeira parte — Sadismo e masoquismo: peculiaridade ou generalidade?</i>	65
PARTE II — AS RUÍNAS DE TEBAS: COMPLEXO DE ÉDIPO E MASOQUISMO	68
<i>Capítulo 4 — Por que sadismo originário? A hipótese do sadismo originário no ensaio “Pulsões e destinos da pulsão” (1915)</i>	68
<i>Capítulo 5 — Ameaça de ruptura do edifício metapsicológico: o ensaio “Bate-se numa criança” (1919)</i>	80
<i>Conclusão da segunda parte — As ruínas de Tebas: complexo de Édipo e masoquismo</i>	105
CONCLUSÃO	108
Referências	119

INTRODUÇÃO

Talvez a dimensão do sadismo e masoquismo fale por si só. Não somente no contexto psicanalítico, como também no saber popular e médico europeu do século XIX e XX ao motivar uma marca no imaginário coletivo daqueles que se intrigam pela agressividade e sofrimento em seus aspectos limítrofes, extremos. Não apenas um fenômeno perverso e bestial, mas literário, similar à sua própria maneira às tragédias gregas que juntamente não escaparam ao olhar atento de Freud.

É significativa a amplitude que a concepção de sadismo e masoquismo atingiu no interior do discurso psicanalítico. Este trabalho tem como propósito, de forma geral, analisar esses conceitos com o máximo de rigor e cuidado, procurando evidenciar as dificuldades e ambiguidades que surgem quando movemos as regiões infernais do material latente advindo de narrativas clínicas e, sobretudo, da fantasia. A primeira parte da dissertação levanta uma questão importante sobre a perversão sádico-masoquista e sua abrangência: ao falar de perversão na psicanálise, estamos tratando da psicologia do indivíduo doente ou do ser humano em geral? Essa primeira parte, intitulada “Sadismo e masoquismo: peculiaridade ou generalidade?”, organiza-se em três capítulos.

Neste primeiro, antes de aprofundarmos na conhecida “pedra angular” da teoria da libido de Freud, a leitura e os estudos realizados para esta dissertação indicaram a relevância de resgatar a figura médica que cunhou os termos *sadismo* e *masoquismo*: o psiquiatra alemão Krafft-Ebing, em sua obra clássica *Psychopathia Sexualis* (1886). O primeiro capítulo — “Batismo do sadismo e masoquismo em *Psychopathia Sexualis* (1886), de Krafft-Ebing” — busca retratar o espírito da época a que pertenceu o autor e introduz o objeto central deste estudo: a psicanálise freudiana e seu olhar inovador e à frente de seu tempo¹.

Após este capítulo introdutório, esta pesquisa analisará os principais textos de Freud que tratam da formulação dos conceitos de sadismo e masoquismo, tendo como ponto de partida a interpretação do ensaio *As aberrações sexuais*, o primeiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). O título deste segundo capítulo é “‘A mais frequente e significativa de todas as perversões’: sadismo e masoquismo nos *Três ensaios* (1905)”, e busca compreender como Freud constrói os fundamentos da sexualidade perversa e infantil sob o mote das pulsões sexuais, com foco nos conceitos de sadismo e masoquismo considerando exclusivamente a edição original de 1905, sem os acréscimos e reformulações presentes nas versões posteriores

¹ Isso não significa atribuir à psicanálise freudiana um caráter “atemporal” ou “trans-histórico”, mas reconhecê-la como uma intervenção teórica original e desafiadora no contexto do saber psiquiátrico vigente.

da obra. Por fim, o capítulo aprofunda, de forma cuidadosa, a (re)construção das ideias sobre sexualidade e perversão, destacando a importância da formulação destes dois conceitos.

Encerrando esta primeira parte, o terceiro e último capítulo — “Sadismo e masoquismo é sobretudo perversão? Acréscimos ao ensaio de 1905” — dedica-se à análise das diversas adições feitas por Freud ao primeiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, tanto aquelas inseridas de notas de rodapé quanto as incluídas diretamente no corpo do texto. O objetivo é aprofundar o exame do movimento discursivo do texto na formulação das concepções de sadismo e masoquismo, ampliando a discussão desta dupla no âmbito da teoria pulsional apresentada na obra. Opta-se por apresentar a interpretação dos *Ensaio*s de 1905 em perspectiva temporal, com o intuito de delimitar com precisão o processo de desenvolvimento e construção destes conceitos, reconhecendo também a relevância teórica dos acréscimos posteriores à primeira publicação.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é evidenciar a presença da crueldade, agressividade e também da culposa passividade na dinâmica psíquica e libidinal do ser humano — elementos que já se fazem notar antes mesmo da publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), obra que inaugura mudanças fundamentais na compreensão do sadismo e do masoquismo ao inseri-los na Segunda Teoria Pulsional e na Segunda Tópica do aparelho psíquico. Assim, questiona-se se tais transformações já não estariam, de algum modo, esboçadas em sua forma embrionária nessas formulações anteriores. Em síntese, serão examinados os principais ensaios de Freud que tratam da formulação dos conceitos de sadismo e masoquismo, com o objetivo de demonstrar o valor dessa dupla conceitual no próprio advento da estrutura psíquica do sujeito dito “normal”, cindido entre consciente e inconsciente, sobretudo como expressão da tragédia edipiana cujos contornos serão dados pela atividade e passividade pulsional.

Com o propósito de traçar a genealogia do sadismo e masoquismo para a psicanálise freudiana, esta pesquisa adota um recorte temporal que acompanha as principais publicações de Freud sobre a perversão sádico-masoquista até o ano de 1919. Esse percurso culmina no ensaio “*Bate-se numa criança*”: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919), cujo conteúdo oferece não apenas esclarecimentos, mas também desafios conceituais para a compreensão do sadismo e do masoquismo.

É nesse ponto, ao término do percurso que acompanha as formulações freudianas até 1919, que se impõe a necessidade de uma inflexão. Se a primeira parte deste trabalho se dedicou a traçar a genealogia conceitual do sadismo e do masoquismo, a segunda parte propõe-se a examinar o momento em que essa construção encontra suas tensões internas mais decisivas.

Intitulada “*As ruínas de Tebas: complexo de Édipo e masoquismo*”, esta parte concentra-se nos dois textos que, de maneira complementar e problemática, reconfiguram o estatuto da dupla sadismo-masoquismo no interior da metapsicologia: *Pulsões e destinos da pulsão* (1915) e *Bate-se numa criança* (1919).

O primeiro propôs explicitar como é elaborada uma formalização rigorosa dos destinos pulsionais sádico-masoquistas e a hipótese de um sadismo originário concebido como componente inaugural da pulsão sexual e fundamento lógico da primazia da atividade. Este capítulo se intitula “*Por que sadismo originário? A hipótese do sadismo originário no ensaio ‘Pulsões e destinos da pulsão’ (1915)*”. O segundo, ao apresentar o material clínico das fantasias de surra, e dessa forma, como ambos ensaios são complementares, introduz também uma perturbação desse arranjo, ao revelar a complexidade da gênese do masoquismo e sua íntima articulação com o complexo de Édipo. Por esse motivo, o quinto capítulo recebe o título “*Ameaça de ruptura do edifício metapsicológico: o ensaio ‘Bate-se numa criança’ (1919)*”.

A escolha da metáfora das “ruínas de Tebas” não se reduz a recurso literário, mas busca nomear o cenário em que a teoria é convocada a confrontar seus próprios limites. Tebas é o espaço trágico por excelência, onde o saber a respeito de (quem é) Édipo emerge ao preço da catástrofe, lugar em que a escolha incestuosa e a proibição se entrelaçam. Se o complexo de Édipo constitui, para Freud, matriz universal da subjetividade, ele o faz sob o signo do funcionamento sádico-masoquista.

É nesse campo que o masoquismo assume um relevo particular. A hipótese do sadismo originário, formulada em 1915, garante a coerência de um modelo em que o masoquismo aparece como destino secundário, resultado de uma reversão do sadismo. Contudo, a análise das fantasias de 1919 revelam que a passividade pode ocupar uma posição estruturalmente primária, especialmente quando esta é formulada pelo inconsciente, articulada à culpa punitiva e à conservação erógena do amor proibido. O masoquismo deixa então de ser simples inversão para tornar-se vestígio, restos do conflito edipiano.

Se, na primeira parte, a questão central era saber se o sadismo e o masoquismo seriam peculiaridades perversas ou traços universais da sexualidade humana, aqui o problema se desloca: trata-se de interrogar se a própria arquitetura metapsicológica que os sustenta permanece íntegra diante da irrupção do campo edipiano. Entre a hipótese do sadismo originário e a emergência do masoquismo como expressão de culpa e punição erotizada, abre-se um espaço de “fissura”, a partir do qual se tornam possíveis novos desdobramentos teóricos na psicanálise. Essa inflexão garante ao sadismo e ao masoquismo um lugar na teoria pulsional que transborda sua concepção enquanto “destino” da pulsão (vicissitudes e seus modos de

transformação das pulsões), elevando-os a elementos constitutivos da própria dinâmica psíquica (não apenas transformações possíveis da pulsão, mas componentes estruturais da própria organização pulsional).

PARTE I — SADISMO E MASOQUISMO: PECULIARIDADE OU GENERALIDADE

Capítulo 1 — O batismo do sadismo e masoquismo em Psychopathia sexualis (1886), de Krafft-Ebing

Nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), especialmente na conferência *Angústia e Pulsões*, Freud recordou que, em sua formulação inicial, o sadismo e o masoquismo surgiram como fenômenos enigmáticos dentro da teoria da libido, sendo, nas palavras do autor, “a pedra de escândalo” da obra psicanalítica. Neste sentido, propõe-se uma inversão simbólica: caberia agora, após a infâmia, que estes dois fenômenos, intimamente relacionados entre si, passem a ocupar o lugar de “pedra angular” da teoria freudiana da libido (Freud, [1933], 2010e, p. 253). Como afirma Freud: “Ambos, sadismo e masoquismo, são fenômenos enigmáticos para a teoria da libido, particularmente o masoquismo, e é natural que o que foi a pedra de escândalo de uma teoria seja a pedra angular daquela que a sucede” (Freud, [1933], 2010e, p. 253).

De fato, a balbúrdia que se seguiu na comunidade médica após a publicação dos *Três ensaios* (1905) já se delineava anteriormente, quando Freud passou a reconhecer a influência dos conflitos sexuais no padecer neurótico de Anna O. e demais pacientes nos *Estudos sobre a histeria* (1893). À época, até mesmo seu antigo amigo e colaborador Josef Breuer o questionou no tocante à amplitude sexual. Porém, foi com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que se encenou o ápice do escândalo à comunidade científica; “explosivo”, nas palavras de Gay (1989). Não tardou para que seus opositores o reduzissem a teórico do “pansexualismo”.

Em resposta a essa crítica recorrente, cabe destacar que, no ensaio *Resumo da psicanálise* (1924), o próprio Freud refuta tal objeção, apontando seu caráter equivocado. Segundo ele, essa acusação distorce o que a psicanálise entende como “sexual”. O termo, em seu uso psicanalítico, não se restringe ao sentido moralista, genital ou vulgar, como comumente interpretado por seus críticos, mas se refere a um campo de múltiplas forças presentes no psiquismo desde a infância e dizem respeito à experiência do desejo no aparelho psíquico do indivíduo. Para Freud, seus opositores não compreenderam o sentido psicanalítico do termo “sexual”.

Cabe assinalar como é equivocada a objeção de pansexualismo que frequentemente se faz a ela. Conforme essa objeção, a teoria psicanalítica não conhece outras forças psíquicas pulsionais senão as puramente sexuais, e assim fazendo explora preconceitos populares, ao utilizar o “sexual” não no sentido analítico, e sim vulgar (Freud, [1924], 2011b, p. 242).

No prefácio à quarta edição dos *Três ensaios* (1905), Freud recordou também que antes dele, filósofos como Schopenhauer já haviam reconhecido a força determinante dos impulsos sexuais na motivação humana (Freud, [1905], 2016b, p. 18). Menciona ainda Platão, com seu conceito de “Eros divino”. O prefácio, situado no ano de 1920, mostra como Freud dialogava com a tradição filosófica para circunscrever sua teoria no contexto mais amplo das ideias sobre a sexualidade. Não apenas Schopenhauer, mas também outros pensadores da chamada Era Vitoriana (1837-1901) são citados por Freud no primeiro dos *Três ensaios* (1905), intitulado “As aberrações sexuais” / *Die sexuellen abirrungen*.

Isso revela que Freud não era o único a tratar da sexualidade e de sua influência nas patologias. É justamente nessa primeira seção que os conceitos de masoquismo e sadismo emergem como a autêntica “pedra de escândalo” da psicanálise, tornando-se progressivamente, ao longo das diversas edições e notas de rodapé acrescidas entre 1910 e 1924, uma verdadeira pedra de toque da teoria da libido. O ultraje causado por essa introdução do sexual como categoria central se devia, em parte, à incorporação de uma série de autores vitorianos cujos escritos haviam contribuído para aquilo que Mezan (2005) denominou como “psiquiatrização do prazer perverso” (Mezan, 2005, p. 121).

É nesse contexto que, no primeiro ensaio, Freud mencionou os nomes das principais fontes utilizadas para introduzir o que a psicanálise viria a interpretar como “aberrações sexuais”:

As informações contidas no primeiro ensaio foram retiradas das conhecidas publicações de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Schrenck Notzing, Lowenfeld, Eulenburg, I. Bloch e M. Hirschfeld, e dos trabalhos do *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* [Anuário de estágios sexuais intermediários], editado por este último. Como o restante da bibliografia sobre o tema é apresentado nessas obras, pude poupar-me referências detalhadas (Freud, [1905], 2016b, p. 20).

Disto depreende-se que o interesse pela sexualidade já estava presente em diversos autores da época. Porém, o primeiro ensaio de Freud não se limitou a uma simples compilação das publicações de Krafft-Ebing, Havelock Ellis e outros. Ainda que o próprio Freud declare ter se apoiado amplamente nesses estudos e organizado-os habilmente, o que se observará neste capítulo é a sua leitura ativa, crítica e interpretativa frente a essas fontes, por mais respeitadas que fossem. Como é o caso de Krafft-Ebing, a quem Freud reconhece o mérito pelos estudos clínicos pioneiros sobre as perversões (Gay, 1989, p. 144).

Em *Freud e a sexualidade* (1997), Laplanche observa que, embora *As aberrações sexuais* tenha sido polêmica e “explosiva”, ela não se orienta por uma vontade de inovação radical:

Quanto a esse primeiro capítulo sobre “as aberrações sexuais”, insistiu-se no fato de que se tratava de uma compilação; o que o próprio Freud confirma desde o início: “Os dados contidos no primeiro ensaio são tirados das publicações bem conhecidas de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis...” Não há pois nenhuma vontade de originalidade quanto ao *conteúdo* dessas aberrações sexuais, *mas uma acumulação de argumentos* quanto aos desvios em relação ao objetivo (isto é, o processo que obtém prazer), objeto, e enfim também em relação à fonte, isto é, pelo uso sexual de zonas corporais que não são as zonas necessárias ao coito (Laplanche, 1997, p. 23, grifo nosso).

Seguindo a interpretação de Laplanche, é possível afirmar que, no conjunto argumentativo dos *Três ensaios* (1905), em especial no primeiro, *As aberrações sexuais*, Freud introduz uma nova forma de olhar para as tendências e comportamentos perversos do adulto, ao evidenciar que a disposição à perversão² faz parte da constituição normal do ser humano. Freud desloca a perversão da posição de exceção ou “peculiaridade”. Ou seja, ela não é algo raro, exclusivo, mas sim um aspecto estrutural da constituição psíquica. É nesse movimento que Freud alicerça as tendências perversas em uma disposição anterior, originária, que confirma a existência de uma sexualidade infantil perverso-polimorfa. Disto isso, a perversão contribui para revelar a estrutura da sexualidade “normal”.

Em função disso, no verbete “Perversão” encontrado no livro *Vocabulário da psicanálise* (1982), Laplanche e Pontalis assinalavam que, embora os estudos de Krafft-Ebing descrevessem com minúcia o conjunto das perversões sexuais do adulto, a originalidade de Freud consistiu justamente em reinterpretar o fenômeno da perversão à luz de uma nova concepção da sexualidade no ser humano:

Embora estes trabalhos (de Krafft-Ebing em seus estudos das perversões sexuais) descrevessem já o conjunto das perversões sexuais do adulto, foi encontrar no fato da perversão um apoio para a definição tradicional da sexualidade (Laplanche; Pontalis, [1982], 2001, p. 342).

Em *Vida e morte na psicanálise* (1985), Laplanche também propõe uma leitura dos *Três ensaios* (1905) em três planos teóricos, o que evidencia a complexidade estrutural e

² “O termo perversão, que tem origem no latim *perversione*, designa o ato ou o efeito de perverter-se, isto é, tornar-se perverso ou mau, corromper, depravar, desmoralizar. Pode designar ainda a alteração ou o transtorno de uma função. Na tradição da medicina, esse termo foi reservado para designar o desvio ou a perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico e, mais propriamente, no terreno da sexualidade” (Ferraz, 2010, p. 24 e 25).

interpretativa da obra, muito além de uma simples compilação documental. Há, em primeiro lugar, um *plano heurístico*, voltado à concepção da descoberta psicanalítica; um *plano polêmico*, em que Freud buscou desconstruir a noção comum de sexualidade; e por fim, um *plano genético*, que visou acompanhar o surgimento da sexualidade no ser humano (Laplanche, 1985, p. 17). Nesse sentido, Monzani (2014) também identifica no primeiro ensaio um registro polêmico, não apenas a respeito da opinião popular, mas contra “toda concepção pacientemente montada pela *biologia* e pela *psiquiatria* do século XIX, que está sendo diretamente atacada. Desde Buffon e Bichat, passando por Esquirol, até Krafft-Ebing e H. Ellis” (Monzani, 2014, p. 33).

O objetivo deste primeiro capítulo é delinear como a leitura freudiana das obras científicas vitorianas a respeito das patologias sexuais o conduziu ao desmantelamento do saber médico, científico e popular em torno da sexualidade (o referido plano polêmico), a partir do prisma da teoria psicanalítica. A partir disso, busca-se lançar luz sobre os aspectos da originalidade presentes no primeiro dos *Três ensaios* (1905). Para tal, será necessário adentrar em trechos específicos da obra *Psychopathia sexualis* (1886).

Essa leitura sustenta a hipótese de que havia, possivelmente, em Freud, um desejo de inovação no modo de abordar a sexualidade e o sexual, especialmente em relação à dupla sadismo e masoquismo, cujos contornos conceituais começam a se delinear de forma mais específica ainda no primeiro ensaio. Para alcançar de forma mais satisfatória este objetivo, é necessário retomar a relação entre Freud e Krafft-Ebing antes de adentrarmos propriamente na acepção de sadismo e masoquismo em *Psychopathia sexualis* (1886).

As cartas trocadas entre Freud e Wilhelm Fliess oferecem indícios relevantes sobre como Freud poderia ter concebido a figura de Krafft-Ebing, revelando tanto aproximações quanto tensões em relação ao posicionamento teórico de ambos. Sabe-se que o psiquiatra alemão esteve presente na palestra “A etiologia da histeria”, proferida por Freud em 21 de abril de 1896. Apenas cinco dias depois, Freud escreve a Fliess relatando que Krafft-Ebing teria considerado sua exposição como um “conto de fadas científico” (Freud, [1896], 1986, p. 185), ao que respondeu com ironia: “Pois que vão para o inferno, para expressá-lo eufemisticamente” (Freud, [1897], 1986, p. 185).

Apesar da dureza dessa reação inicial, a correspondência de Freud logo revela certa ambivalência: em janeiro de 1897, na carta que Masson³ nomeia como o marco do “Isolamento da Comunidade Científica”, Freud escreve a Fliess que “a concordância [de meu material] com

³ Antigo diretor dos Arquivos Sigmund Freud, organizador das cartas trocadas entre Freud e Fliess (Imago, 1987).

as perversões descritas por Krafft-Ebing é uma nova e valiosa confirmação da realidade” (Freud, [1897], 1986, p. 232). Curiosamente, poucos meses depois, um documento em apoio à nomeação de Freud como professor-adjunto foi escrito por ninguém menos que o próprio Krafft-Ebing:

O ineditismo dessa pesquisa e a dificuldade de verificá-la não nos permitem, neste momento, julgar-lhe a importância com segurança. É possível que Freud a esteja superestimando, bem como super generalizando os resultados que obteve. De qualquer modo, suas pesquisas nesse campo dão mostras de um talento incomum e da capacidade de orientar as investigações científicas para novos rumos⁴ (Krafft-Ebing *apud* Masson, 1986, pp. 232-233).

Para elucidar a forma como Freud reelabora a concepção de sexualidade e, dentro dela, de perversão e suas “categorias” — o sadismo e o masoquismo em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) —, é fundamental adentrar a uma de suas fontes de referência mais citadas: a obra *Psychopathia sexualis* (1886), do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing. Ao longo deste capítulo, será revisitada a sua leitura sobre as chamadas parestesias, que ele define como “perversões do instinto sexual” (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7), com especial atenção à formulação da dupla sadismo-masoquismo. A célebre e controversa obra destaca-se não somente pela classificação das anomalias das funções sexuais, compondo o repertório médico e legal acerca das condutas desviantes, mas também pelas histórias de centenas de casos de seus pacientes e até mesmo de casos célebres, como o famoso caso de Jack, o Estripador.

Embora as histórias de casos reunidas por Krafft-Ebing tenham sido construídas com aparente imparcialidade e coesão, serão lidas neste trabalho a partir de um deslocamento operado por Freud. Sob o que Laplanche chamou de “plano polêmico” dos *Três ensaios* (1905), Freud inicia o dismantelamento da noção médica e comum de sexualidade vigente, conservando o ímpeto de olhar para o conteúdo invisível e latente ditado pelo desejo. Em outras palavras, evidencia nos sintomas tidos como perversos pontos de regressão e fixação ligados às zonas erógenas investidas de libido. Nesse sentido, propõe-se que os relatos clínicos de Krafft-Ebing, ao tentar traduzir o material patológico em linguagem médica e moral, acabaram por deformá-lo e censurá-lo. Essa operação, ainda que normatizadora, revela muito sobre a forma como o olhar médico da época é central para conhecer e diagnosticar as condutas desviantes, que também possui, além da matriz médica alemã, influências já retratadas do alienismo francês, com os escritos de Pinel e Esquirol (Mucury, 2025, p. 409).

⁴ Trata-se do livro *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904*. Tradução do documento de Jeffrey Moussaieff Masson, nota de rodapé número 3 à Carta 8 de fevereiro de 1897.

Ampliada e corrigida diversas vezes, a obra de Krafft-Ebing utilizada para este estudo é a da editora Martins Fontes⁵, na qual se encontram reunidas as histórias de casos. Complementarmente, recorre-se à edição italiana *I casi clinici dalla Psychopathia sexualis di Richard von Krafft-Ebing* (1886), especialmente por seu prefácio assinado por Giorgio Agamben, cuja leitura oferece subsídios à reflexão colocada. Nele, os relatos reunidos por Krafft-Ebing não são apenas descrições médicas, mas revelam um conflito entre o desejo e o olhar normativo da medicina do século XIX, como evidencia o excerto:

Então estas biografias sexuais são, de alguma forma, o registo da vida bem-aventurada, cujos lacres patográficos foram rompidos um a um pelo desejo (...) O que aparece ao poder médico como perversão, essa é a presa que ele [Krafft-Ebing] busca capturar em sua taxonomia míope e implacável. (Agamben *apud* Krafft-Ebing, [1886], 2015, pp. 11-12).

“Míope e implacável”. Dois adjetivos usados por Agamben para caracterizar os pontos cegos do poder médico diante das aberrações sexuais, que Freud buscou “corrigir”. A versão analisada da *Psychopathia* (1886) possui apenas dois capítulos: o primeiro apresenta uma perspectiva generalizada sobre a patologia geral, neurológica e psicológica, enquanto o segundo reúne as histórias de caso, totalizando 238 narrativas.

Este primeiro capítulo reforça a perspectiva médica vigente, segundo a qual as anomalias das funções sexuais são sinais de uma condição doentia e hereditária do sistema nervoso central, portanto, sinais ou indicativos de degeneração (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 3), devido à relação funcional dos órgãos genitais com todo o sistema nervoso, como observado no trecho abaixo:

Uma vez que os órgãos genitais tem uma importante relação funcional com todo o sistema nervoso, e especialmente com suas funções psíquicas e somáticas, é fácil compreender a frequente ocorrência de neuroses e psicoses gerais em distúrbios sexuais (funcionais ou orgânicos) (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 3).

⁵ Cabe conferir a resenha de Isaías Pessoti (ex-professor titular de psicologia da Faculdade de Medicina da USP (Ribeirão Preto), cuja crítica à presente edição do *Psychopathia* pela Martins Fontes é avaliada em sua precariedade e omissão. PESSOTI, I. *Patologia da sexualidade*. (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2904200116.htm>). Pessoti (2001), relata como a tradução brasileira da obra é uma versão mutilada e inadequada da original, excluindo partes fundamentais, como conteúdos clínicos e teóricos e capítulos importantes, se limitando a apresentar os relatos de caso sem nenhum enfoque científico e clínico. Também, o prefácio escrito por Krafft-Ebing foi suprimido e, no lugar, inserida uma introdução que debocha e torna apelativa a figura de Krafft-Ebing. Concluindo, para Pessoti (2001), a edição vulgarizou e distorceu o intuito da *Psychopathia* (1886), não contribuindo em solo brasileiro para os estudos sobre sexualidade.

Deste modo, Krafft-Ebing relacionou os distúrbios sexuais com a ocorrência de doenças mentais, e, com o intuito de classificá-los com maior precisão, propôs três categorias de neuroses: as neuroses sexuais (divididas em sensoriais, secretórias e motoras), as neuroses espinhais (relacionadas as afecções do centro de ereção e ejaculação) e, por fim, não menos relevante, as chamadas neuroses cerebrais (entre as quais se destacam a paradoxia, anestesia, hiperestesia e, especialmente, a parestesia). Esta última será o foco do presente capítulo, tendo em vista que o sadismo e masoquismo pertencem a esse grupo. Segundo Giorgio Agamben, as parestesias constituem “de longe, a área mais interessante em que o autor exerce a sua genialidade taxonômica” (Agamben, *apud*. Krafft-Ebing, [1886], 2015, 11).

A origem etimológica da palavra *parestesia* vem do grego *para* (παρά), que significa “em confronto com”, “ao lado de”, “contra”, “por oposição a” combinada com *aísthesis* (αἴσθησις), que remete à faculdade de sentir ou experimentar sensações. No *Miniaurélio* (2010), o termo é definido dentro do campo da medicina como uma “sensação táctil anormal, de queimação, ou de formigamento, etc., frequentemente sem estimulação externa” (Ferreira, 2010, p. 565). Esta definição, entretanto, já se distancia da formulação original dada por Krafft-Ebing, que entendeu a parestesia como “perversão do instinto sexual, isto é, excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados” (Krafft-Ebing, [1886], 2001, p. 7).

Recorrendo a uma fonte mais próxima temporalmente à publicação original da *Psychopathia sexualis* (1886), no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1913), o filólogo Cândido Figueiredo definiu a *paresthesia* como “desordem na sensibilidade, caracterizada por sensações anormaes [anormais] e allucinações sensoriaes [alucinações sensoriais]” (Figueiredo, [1913], 2010, p. 1483).

É notável que, ao longo dos anos, o termo tenha conservado sua associação a sensações anômalas, sendo o prefixo “*para*” indicativo daquilo que se desvia ou se opõe ao padrão considerado normal. No entanto, a definição proposta por Krafft-Ebing carrega uma nuance distinta: a causa da parestesia se concentra numa atividade do doente de estimular de maneira inadequada suas funções sexuais. Ou seja, é resultado de uma disposição do indivíduo que busca satisfazer suas funções sexuais ao se utilizar de estímulos “desviados” ou inadequados.

A fim de compreendermos com maior precisão a definição proposta por Krafft-Ebing, cabe atentar às principais subdivisões das parestesias. Por meio dos exemplos clínicos, pode-se entrever o que o autor classificava como aberração (ou perversão) do instinto sexual, entendido como irritabilidade ou excitabilidade das funções sexuais, assim como os estímulos considerados como impróprios à função sexual. Nesse processo classificatório, o psiquiatra habilmente cunhou diversos termos, entre eles, não apenas os do *sadismo* e do *masoquismo*,

mas também o *fetichismo* e o *exibicionismo* — o primeiro inserido no campo das parestesias e não obstante, retomados nas obras de Freud (Agamben *apud* Krafft-Ebing, [1886], 2015, p. 11).

Como o objetivo deste trabalho é se centrar na dupla sadismo-masochismo, cabe destacar com maior atenção essas duas manifestações específicas. O termo forjado por Krafft-Ebing de “sadismo” e “masochismo” tem origem nos nomes de dois autores da literatura europeia do século XVIII e XIX: o francês Marquês de Sade (1740-1814) e o austríaco Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), este último contemporâneo à publicação de *Psychopathia* (1886). Sade e Masoch, sob a ótica da psicanálise, aparecem como figuras complementares, perversões fundamentais, mas que, antes de serem incorporadas ao âmbito clínico, estavam situadas no campo literário e que neste ponto de vista também “foram denominadas as perversões em questão” (Deleuze, 2009, p. 10). Em *Sacher e Masoch: o frio e cruel* (2009), Deleuze reflete o vínculo entre a clínica e a literatura, e como os valores estéticos de ambos autores não podem ser dissociados de seu valor clínico:

Pode ser que a crítica (no sentido literário) e a clínica (no sentido médico) estejam fadadas a entrar em novas relações, num ensino recíproco. A sintomatologia diz sempre respeito à arte. As especificidades clínicas do sadismo e do masochismo não são separáveis dos valores literários próprios de Sade e de Masoch (Deleuze, 2009, p. 10).

Foi através de Krafft-Ebing que, ao agrupar as sintomatologias até então “singulares” descritas nas obras de Sade — sobretudo em *Os 120 dias de Sodoma* (1904) — e de Sacher-Masoch, em *A Vênus das Peles* (1870), as palavras puderam ser reunidas sob categorias diagnósticas. Para o psiquiatra, essas obras funcionavam como um “catálogo” ilustrativo das perversões em forma de libertinagem, possibilitando que tais sintomas fossem reunidos em um *nome e representação*, no caso de ambos, literárias, viabilizando a designação do agora “sadismo” e “masochismo” ao campo das parestesias. Como observa Deleuze, ao escrever sobre essas manifestações, Krafft-Ebing conferiu relevância e legitimidade clínica pela renovação de uma nova “entidade clínica” (Deleuze, 2013, p. 14).

Meses de libertinagem, modalidades de gozos desprovidas de pudor, realizadas por dezenas de membros que seguem uma rotina rigorosa de volúpia, luxo e violência com outros quatro libertinos que possuíam denominação individualizada: Bispo, Ducet, Blangis e Curval. Assim se estrutura a narrativa de *Os 120 dias de Sodoma*: sob um catálogo de perversões realistas. Trata-se de uma leitura destinada, como observa Moraes (2011, p. 23), àqueles que possuem condições de “apreciar a multiplicidade dos prazeres do crime” e, sobretudo, àqueles capazes de preencher os espaços de devaneios que o texto sadiano inaugura. Segundo Moraes

(2011, p. 25), as obras de Sade revelam um universo estruturado pelo desejo; um teatro dedicado a encenar as fantasias. Do outro lado, Sacher-Masoch explorou, em *A Vênus das Peles*, o prazer lascivo e sexual extraído do sofrimento físico e moral, uma experiência que escapa à lógica biológica e médica. Na figura de Severin — escravizado, humilhado e submisso a Wanda, mulher por quem firma um contrato de servidão.

Ambas narrativas forneceram o material que foi incorporado na *Psychopathia* (1886), ao lado de outras manifestações perversas, como o voyeurismo, fetichismo, homossexualidade e até assassinatos por luxúria. Material literário, mas também médico-legal, embora reduzido, na abordagem da psiquiatria, à categoria de perversão — e interpretado em sua complementaridade⁶. É a partir dessas duas figuras da literatura, portanto, que Krafft-Ebing cunha e nomeia as parestesias do sadismo e a do masoquismo. Cabe agora analisar, com mais atenção, as minúcias dessas definições na *Psychopathia* (1886), valendo-se de alguns casos clínicos exemplares.

Sadismo. Consiste em que a associação de volúpia e crueldade, indicada na consciência fisiológica, torna-se fortemente marcada por uma base psiquicamente degenerada, e esse impulso voluptuoso combinado com representações de crueldade aumenta até se transformar em poderosos afetos. Isso gera uma força que busca materializar essas representações de fantasia, e que se realiza quando a hiperestesia sobrevém como uma complicação, ou quando contra-representações morais inibitórias deixam de agir. A qualidade dos atos sádicos define-se pela potência relativa do indivíduo pervertido. [...] O *masoquismo* é a contrapartida do sadismo, na medida em que a culminância do prazer decorre de atos temerários de violência sofridos nas mãos do parceiro. [...] Em proporção direta com a intensidade do instinto perverso e com a força remanescente dos contramotivos morais e estéticos, compõe uma gradação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdo (a busca por castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.) (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7).

No sadismo descrito, observamos a junção de volúpia, portanto, apetite e desejo, com crueldade. Esta junção é fisiologicamente estabelecida, ou seja, sua etiologia provavelmente se encontra nas funções orgânicas do ser humano, sendo esta “base” advinda de um cérebro *psiquicamente degenerado* que atinge as funções sexuais. Há uma ação combinada entre representações de crueldades (fantasiosas) e impulsos voluptuosos que, ao serem

⁶ Cabe ressaltar que as obras de Sade e Masoch não são produções únicas e exclusivas de seu tempo. Pelo contrário, tanto o discurso sadiano, quanto o masochiano partilham as matrizes do pensamento europeu. Para Monzani (2011), Sade foi a realização completa e acabada de certos núcleos do pensamento filosófico dos séculos XVII e XVIII, marcado pela influência de certos teóricos que refletiram temáticas acerca do desejo, luxo e prazer (Monzani, 2011, p. 13). Também Deleuze (2009, p. 34) assinalou a importância do movimento da história para a constituição do caráter perverso, refletindo os acontecimentos da revolução francesa de 1789, evocando a natureza e o costume da época. Já para Sacher-Masoch, as revoluções de 1848 no Império Austríaco, os costumes e destinos dos galicianos, húngaros, poloneses, judeus e prussianos, “forças” esboçadas em seis temas tensionados sob o mote da crueldade: “o amor, a propriedade, o dinheiro, o Estado, a guerra e a morte” (Deleuze, 2009, pp. 34-35).

desencadeados por uma hiperestesia, isto é, uma sensibilidade exacerbada dos estímulos, podem romper a barreira da fantasia e materializar-se em ações.

Como observado na citação acima, Krafft-Ebing apontou duas causas para que haja uma “transformação” de pensamento (fantasias) em ato (ação sádica): a primeira causa é justamente essa hiperestesia; a segunda é a suspensão ou falência das contra-representações inibitórias, ou seja, dos freios morais e éticos que normalmente impediriam a realização do ato. Desse modo, é pela combinação entre uma alta sensibilidade aos estímulos (hiperestesia) e a falibilidade das contra-representações morais que o indivíduo libertino tem seu instinto sexual pervertido.

E é por meio da potência relativa do indivíduo — ou seja, sua capacidade de realizar ou não o coito de maneira completa — que se observa a qualidade dos atos sádicos (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7). Quando o sujeito é potente, seu impulso visa o coito acompanhado de “maus tratos preliminares, concomitante ou consecutivos, e mesmo ao homicídio do parceiro (‘Assassinato por luxúria’)” (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7). Já no caso de impotência, seja ela psíquica ou de origem espinhal, o indivíduo sádico terá três motivações. Na primeira, pode estrangular, perfurar ou flagelar o parceiro numa tentativa de substituir o coito; em outra, sob circunstâncias banais, comete atos de violência simbólica contra o outro (sadismo simbólico); e por fim, direciona sua agressividade contra qualquer objeto vivo (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7).

O masoquismo é apresentado aqui como contrapartida ao sadismo, caracterizando-se pela junção entre o sofrimento imposto pelo parceiro e o *clímax* da sensação prazerosa. Assim como o sadismo, sua manifestação depende do estágio da potência espinhal e psíquica do sujeito, podendo surgir de duas formas: como meio preliminar para potencializar o prazer do coito, ou como finalidade em si mesma na busca desse prazer (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 8).

A intensidade do instinto — e, portanto, do impulso perverso e da excitabilidade — em correlação com a força dos contramotivos morais determina uma gradação que vai, segundo Krafft-Ebing, “dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos (a busca de castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.)” (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 8). Além disso, tanto o sadismo quanto o masoquismo são considerados por Krafft-Ebing como anomalias cerebrais, sendo entre as aberrações aquelas que merecem maior atenção por conduzirem “com muita frequência a atos perversos e até criminosos” (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 9).

A fim de concluir de maneira mais precisa a definição dessas duas parestesias, vale citar alguns casos clínicos de sadismo e masoquismo relatados pelo médico. Na edição utilizada⁷, dentre os 238 casos descritos, 38 são classificados sob a denominação de “sadismo”, subdivididos da seguinte forma: sadismo (16 casos); assassinato por luxúria (14 casos); sadismo ideal (5 casos); sadismo simbólico (2 casos) e sadismo inconsciente (1 caso).

No que diz respeito ao “masoquismo”, observam-se 30 ocorrências, muitas vezes associadas a outras anomalias. Estas são subdivididas em: masoquismo (12 casos); masoquismo ideal (6 casos); masoquismo fetichista (5 casos); masoquismo simbólico (4 casos); masoquismo com coprolagnia (2 casos) e masoquismo com fetichismo e coprolagnia (1 caso). É digno de nota que, nesta mesma edição, apenas um caso é descrito explicitamente como a junção dos dois polos — o sadomasoquismo.

Foi decidido analisar dois casos de cada parestesia e o único exemplo de sadomasoquismo, dado que, embora Krafft-Ebing utilize por vezes apenas os termos “sadismo” e “masoquismo”, há também ocorrências em que essas categorias aparecem qualificadas por adjetivos, como “ideal”, “simbólico” ou “fetichista”, conforme apontado anteriormente. Abaixo, seguem dois exemplos extraídos do *Psychopathia sexualis* relativos ao sadismo.

Caso 28. *Sadismo*

Por volta de 1860 os habitantes de Leipzig foram aterrorizados por um homem que costumava atacar moças jovens na rua, perfurando-as no braço com uma adaga. Quando finalmente foi preso, reconheceram nele um sádico, que ejaculava, no instante de apunhalar e para quem o ataque às mulheres era um equivalente ao coito (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 37).

Caso 37. *Sadismo simbólico*

Em Viena, um homem visitava regularmente prostitutas apenas para ensaboar seus rostos e depois retirar a espuma com uma navalha, como se as estivesse barbeando. Nunca feriu as moças, mas ficava sexualmente excitado e ejaculava durante o procedimento (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 41).

Em ambos os casos, observa-se a definição de sadismo segundo Krafft-Ebing (1886): a associação entre prazer sexual, desejo e crueldade. No primeiro exemplo, isso se dá pela violência explícita — a perfuração do braço — enquanto que no segundo ocorre de forma simbólica, com a mimetização do ato de barbear. Nas duas situações, o ato culmina na ejaculação, sinalizando a substituição simbólica do coito por uma prática violenta ou sua representação. A origem desse comportamento, segundo Krafft-Ebing, estaria em uma degenerescência psíquica que afeta as funções sexuais, dando origem a representações cruéis

⁷ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

(fantasias sádicas) ligadas a um impulso voluptuoso que, por sua vez, provoca no indivíduo uma excitação diante de um objeto moral ou socialmente inadequado, desencadeando por fim a ação sádica.

Além disso, é possível perceber a presença de uma norma implícita nos relatos clínicos que reduz a sexualidade saudável à lógica genital (ato do coito genital), à finalidade reprodutiva e heteronormativa (que tem como objeto o sexo oposto). Desvios dessa lógica — tanto em relação ao objeto quanto à meta sexual — são tratados como perversões. Nesse sentido, o sadismo aparece como uma forma de erotismo desviado, cuja excitação se liga ao ato de produzir dor ao outro, funcionando como substituto do coito “normal”. Tal desvio seria, ainda segundo o autor, um indício de impotência do órgão genital e, portanto, da incapacidade do sádico de realizar a cópula reprodutiva convencional. É justamente o grau de potência ou impotência que, para Krafft-Ebing, determina a qualidade e a gravidade dos atos sádicos.

Uma última observação extraída dos casos analisados diz respeito à definição de *sadismo simbólico*, especialmente diante da ausência da crueldade física efetiva. No caso 37, por exemplo, o paciente não agride e nem causa dor real às prostitutas, apenas simula um gesto potencialmente agressivo — o ato de ensaboar seus rostos e retirar a espuma com uma navalha, como se as barbeasse — e, ainda assim, sente-se sexualmente excitado, chegando à ejaculação (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 41). Diante disso, é possível supor que Krafft-Ebing qualificaria esse caso como oriundo de um indivíduo impotente, uma vez que não há como finalidade o coito real nem sua associação com maus-tratos — critérios que, segundo ele, caracterizam os atos sádicos em sujeitos sexualmente potentes (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 7).

A cena, portanto, torna-se exclusivamente metafórica: o ato de “ferir” é representado, encenado, sem dor, mas ainda assim suficiente para desencadear o prazer sexual, no caso, a ejaculação. Por fim, cabe destacar a amplitude do campo das perversões sádicas, dada a variedade de suas subdivisões, que, em alguns casos, contrariam a própria definição central de sadismo como prazer erótico associado à crueldade. Há casos, como o citado acima, em que a agressividade não se manifesta de forma efetiva, mas emerge simbolicamente. Ainda assim, em grande parte dos relatos, observa-se a presença de uma conexão direta entre um tipo específico de prazer, o genital (com a ocorrência da ejaculação), causado pela cena desviante.

Assim, no caso 28, por exemplo, a adaga adquire valor simbólico de falo, e os braços femininos tornam-se objetos eróticos substitutivos dos genitais (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 37). Da mesma forma, no caso 37, a navalha emerge como símbolo do genital masculino, enquanto o ato de barbear funciona como substituto da relação sexual convencional (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 41), revelando a complexidade da ambivalência dos mecanismos

perversos descritos por Krafft-Ebing. Agora, resta analisar os casos do fenômeno perverso que Krafft-Ebing (1886) denominou como contraparte do sadismo: o masoquismo⁸.

Caso 54. *Masoquismo*

Durante seus ataques, um paciente mandava uma pessoa de sua confiança alugar uma casa e instruir os empregados (três prostitutas) sobre o que deveria ser feito com ele. Sempre que chegava lá tiravam-lhe a roupa, masturbavam-no e flagelavam-no conforme ordenado. Ele fingia oferecer resistência e implorava piedade; depois, também de acordo com o que fora estipulado, permitiam que comesse e dormisse. Apesar de seus protestos, porém, era mantido ali e espancado se não se submetesse. Isso durava alguns dias. Quando o ataque passava mandavam-no embora, e ele voltava para sua mulher e filhos, que não suspeitavam de sua doença. Os ataques ocorriam uma ou duas vezes por ano (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 56).

Caso 62. *Masoquismo ideal*

Um homem de meia-idade, casado e pai de família, que sempre levava uma vida sexual normal, mas que provinha de família muito nervosa, fez a seguinte declaração: No começo da juventude ficava muito excitado sexualmente ao ver uma mulher abatendo um animal com faca. Desde aquela época, e por muito tempo, deliciara-se com a ideia, de natureza lasciva, de ser apunhalado e cortado, até mesmo morto, por mulheres com facas. Mais tarde, quando passou a ter relações sexuais normais, essas ideias perderam totalmente o caráter de estímulo perverso para ele (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 67).

Primeiramente observa-se, em ambos os casos, a busca deliberada pelo sofrimento ou pela submissão como forma de provocar sensações prazerosas de conotação sexual. Esse prazer, contudo, é deslocado da zona genital e do ato reprodutivo, sendo descrito pelo autor como uma experiência *preliminar* ao coito, ou, em certos casos, como sua própria *finalidade* (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 8). Ou seja, nunca é considerado como prazer legítimo ou completo em si mesmo.

Além disso, o masoquismo, diferentemente do sadismo, implica necessariamente a presença de *um outro*, alguém que inflige dor ou humilhação — mesmo que desse outro não derive o prazer da ação. Isso levanta uma questão: se o parceiro não sente prazer, pode ainda ser considerado um sádico? Krafft-Ebing responde afirmativamente ao definir formas como o *masoquismo ideal*, nas quais a realização do ato está restrita ao plano da fantasia. Disto, mesmo sem ação concreta, o que define o masoquismo é o caráter lascivo, de prazer advindo da fantasia que tem um objeto desviado (estímulo), da mesma forma que no sadismo.

Essa variedade de “sadismos” e “masoquismos” levou Krafft-Ebing a se deparar com contradições dentro de seu próprio sistema classificatório devido a sua definição excessivamente rígida diante da multiplicidade de graus e formas das perversões descritas.

⁸ Outrossim, foi a partir desses relatos clínicos apresentados Krafft-Ebing que Freud, intermédio das observações de Havelock Ellis, identificou a possibilidade de que traços sádicos e masoquistas coexistam em um mesmo indivíduo (Freud, [1905], 2016b, p. 54, nota de rodapé 26).

Como é o último exemplo, o de *masoquismo ideal*, no qual o suposto “caráter degenerado” do paciente é colocado em dúvida, já que ele parece se “curar” ou se livrar dos pensamentos perversos assim que inicia relações sexuais genitais.

Conclui-se, portanto, que as parestesias de sadismo e masoquismo representam um desvio do objeto natural da sexualidade, isto é, a reprodução da espécie, em direção a outros tipos de metas que não o coito reprodutivo. Entretanto, existe a presença de um componente sexual nos fenômenos sádicos e masoquistas. Essa interpretação se insere em um plano etiológico de base estritamente congênita e degenerativa, que será progressivamente questionado com o surgimento de abordagens mais flexíveis, como a de Alfred Binet em *Fétichismes dans l’amour* (1887), as pesquisas de Schrenck Notzing (1889) (Vallas, 1990, p. 12) e, mais adiante, pela própria psicanálise — que, ainda assim, deve reconhecimento à contribuição pioneira de Krafft-Ebing.

Por fim, o último e único caso de perversão sadomasoquista é apresentado para ilustrar que os traços sádicos e masoquistas podem coexistir em um mesmo indivíduo. No entanto, esse exemplo se diferencia dos anteriores por apresentar a duplicidade do prazer perverso voltada tanto ao interior do sujeito quanto à relação com objetos externos. De um lado, o paciente obtém deleite pelos pensamentos cruéis ao observar animais em sofrimento — expressão do sadismo; de outro, o mesmo indivíduo experimenta excitação quando é ferido por uma mulher com seus sapatos — expressão do masoquismo. Foi desta forma que Krafft-Ebing apresentou os contornos do fenômeno que foi reconhecido como *sadomasoquismo*:

Caso 74. *Sadomasoquismo/ Fetichismo*

(...) X. era potente; durante o ato sexual a mulher tinha de estar elegantemente vestida e, acima de tudo, usar sapatos bonitos. No auge de sua excitação sexual ocorriam-lhe pensamentos cruéis relacionados com sapatos. Era compelido a deliciar-se com a ideia da agonia mortal do animal do qual se extraía o couro. Às vezes era impelido a levar galinhas ou outros animais com ele ao visitar uma prostituta, a fim de vê-la pisoteá-los com seus lindos sapatos para lhe dar prazer. Chamava isso de “sacrifício aos pés de Vênus”. Em outras oportunidades pedia que a mulher andasse sobre ele com seus sapatos, e quando mais forte pisasse melhor (Krafft-Ebing, [1886], 2000, p. 78).

A partir da breve análise desenvolvida neste capítulo, foi possível delinear os aspectos gerais da definição das perversões sexuais sádicas e masoquistas sob a perspectiva de Krafft-Ebing (1886), destacando as nuances labirínticas e ambivalentes que introduzem contradições na formulação básica dessas parestesias. O objetivo deste capítulo — que se insere no escopo maior da dissertação — foi justamente explorar as origens médico-psiquiátricas desses conceitos, revelando seus limites classificatórios, contradições internas e o enquadramento patológico que os marca desde a sua origem.

Frente à complexidade dos casos clínicos descritos por Krafft-Ebing, cabe questionar: será possível “desbatizar” o sadismo e o masoquismo daqueles que os batizaram? Ou, ao menos, deslocá-los de seu destino exclusivamente patológico? Será observado como Freud articulou uma concepção própria de sadismo e masoquismo dentro da sua teoria pulsional — mesmo tendo Krafft-Ebing como um dos principais norteadores — menos centrada no juízo moral, na degeneração, no determinismo anatomopatológico dominante no século XIX. No próximo capítulo observaremos como, em Freud, a ênfase nas perversões se desloca de tais determinismos para uma compreensão da sexualidade estruturada pela dinâmica pulsional.

Já em 1901, com a obra *Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora)*, Freud oferece indícios de uma leitura que se diferencia da perspectiva de Krafft-Ebing: a questão não está mais em identificar uma perversão como desvio biológico da norma, e muito menos avaliar seus objetos eróticos inadequados, mas em compreender o papel psíquico da atividade e passividade pulsional, e quais as suas formações, sejam sintomáticas ou não, no funcionamento da criança e do neurótico. A citação abaixo, retirada do *Caso Dora* (1901), propõe uma outra forma de interpretar o que na época era tido como perversão: a homossexualidade:

Não devemos esquecer que a perversão mais repugnante para nós, o amor sensual de um homem por outro, era não apenas tolerada por um povo culturalmente superior a nós, os gregos, como também dotada de importantes funções sociais. Cada um de nós ultrapassa um tanto em sua vida sexual, ora aqui, ora ali, os estreitos limites traçados para o que é normal. As perversões não constituem nem bestialidades nem degenerações no sentido passional do termo (Freud, [1901], 2016a, pp. 228-229).

Enquanto Krafft-Ebing construiu uma taxonomia clínica baseada em classificações sintomáticas e suas causas cerebrais e anatômicas, em que sadismo e masoquismo são lidos como aberrações de origem hereditária e degenerativa, Freud propõe uma teoria em que o desvio deixa de ser patológico por essência ao se encaminhar como um dos destinos das pulsões. Ao contrário, a sexualidade perversa é colocada como parte estrutural do desenvolvimento do indivíduo e presente, por exemplo, na criança.

Outra distinção fundamental colocada por Freud está no amálgama entre prazer e dor, cuja explicação não se deve por uma falha das contra-representações morais ou hiperestesia. Adiante, este paradoxo entre prazer e dor será explorado de outra forma. Também, será observado que nem o masoquismo ou o sadismo decorrem de uma disfunção na função sexual (ligada à potência ou impotência do indivíduo). Por fim, Freud substitui o olhar normativo da medicina legal e da psiquiatria por uma escuta atenta àquilo que é apresentado no material onírico e fantasioso. Freud observou como a aceitação e o banimento de comportamentos dados

como “perversos” estão inscritos numa certa concepção de cultura e de ser humano dentro da temporalidade. O enfoque deste trabalho é compreender os possíveis sentidos de sadismo e masoquismo na obra psicanalítica, ou seja, traçar a sua “genealogia”. Para isso, a interpretação atenta da perversão sádico-masoquista dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), constitui o próximo passo para a compreensão da concepção freudiana de sadismo e masoquismo.

Capítulo 2 — “A mais frequente e significativa de todas as perversões”: sadismo e masoquismo nos “Três ensaios” (1905)

A introdução de Freud aos conceitos de sadismo e masoquismo irrompe na publicação de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie)*, especificamente na primeira parte da obra, intitulada *As aberrações sexuais (Die sexuellen Abirrungen)*. Nesse momento, Freud confronta as ideias já estabelecidas tanto pela medicina quanto pela opinião popular sobre a natureza e as características do instinto sexual (*Geschlechtstrieb*). É a partir do ponto de vista *externo*, portanto, dos saberes populares e médicos, que emergem as chamadas perversões (*Perversionen*). Esse ponto de partida reflete diretamente o prisma abordado na primeira seção deste capítulo, na qual Krafft-Ebing apareceu como um eco fiel desses saberes, operando com acentuada parcialidade diagnóstica.

No entanto, em consonância com a proposta da dissertação, sadismo e masoquismo adquirem, na psicanálise freudiana, tonalidades próprias em relação às classificações médicas tradicionais. Esse deslocamento teórico se inicia quando o autor introduz dois conceitos, ou, mais precisamente, duas expressões técnicas: objeto sexual (*Sexualobjekt*) e meta sexual (*Sexualziel*) (Freud, 1905, [2016b], p. 21). O primeiro refere-se à pessoa ou objeto do qual “vem a atração sexual”⁹ (Freud, 1905, [2016b], p. 21); já a meta é definida por Freud como “a ação à qual a pulsão impele”¹⁰ (Freud, 1905, [2016b], p. 21), portanto, a finalidade ou objetivo sexual.

É a partir desses dois termos — de objeto sexual e meta sexual — que Freud inicia sua argumentação acerca das perversões, considerando, num primeiro momento, que seu caráter perverso surge de *desvios* em relação à norma (*Norm*). Essa norma, por sua vez, não se fundamenta nas suposições da chamada teoria popular das pulsões, sustentada tanto pelo senso comum quanto pela tradição médica, sobretudo no que diz respeito ao que se entende como objeto e finalidade “normais” da sexualidade. É pela interpretação “das raízes” da teoria popular da libido que Freud edifica sua própria teoria das pulsões, a começar pelo negativo: as perversões.

⁹ No original (alemão, Alemanha): “*von welchen die geschlechtliche Anziehung ausgeht*” (Freud, *Gesammelte Werke* (1890-1939), p. 1578). O verbo *ausgehen von* denota sobretudo o caráter de proveniência, a origem ou derivação da atração sexual (*geschichtliche Anziehung*), portanto, a pessoa ou objeto da qual provém a atração. Na versão da Editora Amorrortu, foi utilizado o verbo *partir*, também denotando a origem e início da atração, “*la persona de la que parte la atracción sexual*” (Freud, [1905], 1978a, p. 123).

¹⁰ No original (alemão, Alemanha), o uso do verbo *drängt* pode ser traduzido também como a ação pela qual a pulsão “empurra” ou se “esforça”: “*die Handlung, nach welcher der Trieb drängt, das Sexualziel*” (Freud, *Gesammelte Werke* (1890-1939), p. 1578). O uso da palavra “esforça” aparece na tradução do alemão (Alemanha) pela Amorrortu, “*acción hacia la cual esfuerza la pulsión*” (Freud, [1905], 1978a, p. 123).

Os *Três ensaios* (1905) foram enriquecidos com notas de rodapés e acréscimos ao longo dos anos — os quais evidenciam que há mais do que uma simples catalogação de patologias e sua discussão sobre objetos sexuais e metas: há também indícios de um deslocamento teórico e uma reverência crítica, mas ainda presente, a autores como Krafft-Ebing. Assim, independentemente da postura ora “citante”, ora crítica de Freud em relação a seus predecessores, o que se preserva — e se destaca nesta dissertação — é o movimento discursivo interno à construção da psicanálise em relação à noção de perversão, a fim de, a partir desse percurso, aprofundar a concepção de sadismo e masoquismo.

Portanto, no primeiro *Ensaio* — foco da dissertação —, Freud se apoia nos dois termos/conceitos fundamentais de objeto sexual e meta sexual para permear as perversões. Estas passam a ser definidas, precisamente, a partir dos desvios em relação à norma, tanto quanto ao objeto quanto à meta da pulsão sexual, como já analisado anteriormente. Ele afirmou: “A observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada” (Freud, [1905], 2016a, p. 35).

Contudo, antes mesmo da exposição sistemática desses conceitos, logo no primeiro parágrafo do primeiro *Ensaio*¹¹, Freud introduz um outro eixo conceitual que demarca a especificidade psicanalítica da obra, afastando-a de uma mera coletânea de casos retirados da literatura médico-legal — como os de Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, Schrenck Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, I. Bloch e M. Hirschfeld. Esse diferencial do discurso psicanalítico é a arquitetura própria da teoria das pulsões. Freud iniciou o texto nos seguintes termos:

A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um instinto sexual¹². Nisso faz-se analogia com o instinto de nutrição, fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra “fome”; a ciência emprega *libido*.

A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual. Ele estaria ausente na infância, apareceria na época da puberdade, ligado ao processo de maturação desta, e se revelaria nas manifestações da irresistível atração que um sexo exerce sobre o outro; e sua meta seria a união sexual, ou pelo menos, as ações que se acham no caminho para ela.

Mas temos motivos para ver nessas informações um quadro infiel da realidade; e um exame mais atento, elas se mostram plenas de erros, imprecisões e conclusões precipitadas (Freud, [1905], 2016b, pp. 20-21).

¹¹ Será utilizada a denotação “primeiro *Ensaio*” para remeter ao *Aberrações sexuais* dos *Três ensaios* (1905).

¹² Seguindo a nota de Paulo César de Souza, o termo instinto sexual (*Geschlechtstrieb*) é aqui utilizado tanto para seres humanos, quanto para os demais animais.

Nestes parágrafos iniciais, verifica-se que Freud se ampara no conceito de “instinto de nutrição” e “fome” para chegar à suposição de que as necessidades sexuais se desenvolvem sob um instinto sexual, assim como a fome pressupõe um instinto de nutrição. Trata-se de uma analogia que se aprofunda ao associar, em certo aspecto, a libido a uma “espécie” de necessidade fisiológica e biológica — o que já antecipa a localização da sexualidade em um campo marginal, de desvio, mas paradoxalmente *apoiado* nas funções biológicas (Monzani, 2014, p. 34). Como ressalta Laplanche (1997), na obra *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante* (1997), é nos *Três ensaios* (1905) que o termo *apoio* (*Anlehnung*) emerge, com a função de articular o funcionamento sexual com o funcionamento autoconservador (Laplanche, 1994, p. 28).

Dessa forma, Freud enumerou, ponto a ponto, a rigidez e unilateralidade com que não apenas a opinião popular, mas também parte da medicina do século XIX construíram a noção de instinto sexual — e, por consequência, da própria sexualidade¹³. A partir dessa concepção, os objetos e metas do instinto sexual possuirão características bem definidas: o instinto sexual teria como finalidade exclusiva a reprodução, o que implicaria, necessariamente, a escolha de um objeto do sexo oposto como seu alvo legítimo.

Além disso, presume-se que a sexualidade seja um fenômeno latente, isto é, inexistente na infância, emergente na puberdade e decrescente até desaparecer na senescência. Essa visão delimita o que se entende por uma sexualidade “saudável” e normativa. Tudo o que escapa a esse modelo é automaticamente exilado ao campo da perversão: a sexualidade infantil, senil, homossexual, ou mesmo os desvios quanto à meta reprodutiva (relação genital) e ao objeto sexual — o que “escapa” à finalidade e à meta do instinto sexual, bem como ao seu objeto pré-definido, é dado como “anormal”. Daí que, pode-se pensar, como ressaltado por Mucury (2025), que a revolução operada na concepção de perversão por Freud possui limites, pois continua refém de “uma norma sexual fundada no primado genital” (Mucury, 2025, p. 408). Não obstante, Freud propõe uma desmontagem deste conceito de sexualidade ao romper com a ideia de uma sexualidade instintiva com características pré-existentes (Monzani, 2014, p. 33).

Dessa forma, a distinção entre o normal e anormal — no caso, o perverso — deve ser compreendida mais como uma diferença quantitativa, de grau, do que uma diferença qualitativa. Assim, o saber popular localizou o campo do negativo, da perversão, como prontamente patológico, seguindo também, assim como a noção de sexualidade, a ideia de caracteres

¹³ Destacando uma perspectiva crítica, não é possível generalizar a forte rigidez moral e biologizante como pertencente a toda medicina da época, como ressalta Simanke (2016, p. 43) em seu texto *Freud e a sexualidade infantil antes de Freud*.

preexistentes: as patologias perversas são degenerativas e inatas, ponto que Freud também irá contestar. Como observa Monzani (2014), a sexualidade “não é algo dado, pronto e acabado que o sujeito humano traz desde o início e que o habitará, latente, até que, na época apropriada (a puberdade), irrompa com suas características marcantes” (Monzani, 2014, p. 33).

O que Freud denomina pulsão sexual, a partir da visão psicanalítica, distingue-se radicalmente da noção de instinto sexual¹⁴ defendida pela medicina do século XIX. Enquanto esta concepção tradicional atribui à sexualidade metas e objetos sexuais definidos, a pulsão sexual, tal como elaborada por Freud, não possui objetos nem metas sexuais pré-determinados. Essa ruptura conceitual começa a se delinear já no primeiro dos *Três ensaios* (1905) e se aprofunda no segundo, quando ocorre uma ampliação significativa da noção de sexualidade. Retomando o parágrafo inicial do primeiro *Ensaio*, Freud aproxima o sexual da função nutritiva ao mostrar que prazer e desejo emergem, num primeiro momento, como atividade ligada ao cessar da fome — mas que rapidamente ultrapassa essa função, ao manifestar um prazer que excede a nutrição, um prazer *outro* da nutrição. Como aponta Monzani (2014), o sexual aparece como um “efeito marginal do biológico”, isto é, ligado às funções vitais, mas não inteiramente determinado por elas — e sobretudo, sem objeto sexual pré-estabelecido, o que confere à sexualidade seu caráter autoerótico desde a infância. Freud mesmo afirmou:

Esta nasce [a manifestação da sexualidade infantil] *apoiando-se* em uma das funções corporais importantes para a vida; ainda não conhece um objeto sexual, pois é *autoerótica*, e sua meta sexual se encontra sob o império de uma *zona erógena* (Freud, [1905], 2016b, pp. 165-166).

Metas que buscam o prazer ou a satisfação por meio da estimulação de uma zona erógena — como, por exemplo, a mucosa oral no caso da nutrição — constituem as principais características da sexualidade infantil. Por isso, ela se manifesta em atos como o de chupar o dedo, em que a criança busca a repetição da satisfação experimentada inicialmente durante a alimentação. A pulsão sexual, nesse contexto, tem um fim em si mesma: embora surja inicialmente apoiada no orgânico, logo se autonomiza e passa a funcionar independentemente das necessidades biológicas, dando origem ao que Freud denomina como desejo. Como observa

¹⁴ Ainda que Paulo César de Souza utilize em sua tradução a palavra “instinto” sexual ao invés de “pulsão” sexual, será optado pelo uso e tradução de *Trieb* por pulsão, dado a conotação única do termo que Freud começa a delinear, portanto, para distinguir daqueles a quem dirige sua crítica, também pelo distanciamento da sua própria noção de pulsão sexual daquilo que propriamente entendemos como instinto, que possui a ideia de algo herdado, inato e natural. Para Laplanche a origem germânica de *Trieb* ressalta a diferenciação para com o termo *Instinkt* (Laplanche, 1997, p. 16).

Monzani (2005), trata-se da formação de um “circuito paralelo e independente do circuito biológico” (Monzani, 2005, p. 132).

Cabe ressaltar que o primeiro *Ensaio* articula as pulsões sexuais às chamadas “aberrações sexuais”, tratando justamente da perda do instinto — ou, nos termos de Laplanche (1997, p. 22), do “instinto perdido”, tal como proposto pela teoria da libido. Com isso, Freud rompe com a suposição de um instinto sexual programado biologicamente e inaugura um novo modelo, o pulsional. A meta sexual, isto é, a finalidade e o alvo da pulsão, se encontra também na sexualidade infantil, sob o império de uma zona erógena localizada no próprio corpo (autoerótica), onde a pulsão sexual alcança sua descarga de energia — satisfação — por meio do alívio da tensão.

Deste modo, Freud rompe com a concepção de que a sexualidade emerge apenas na puberdade: a sexualidade é um processo que se inicia ao longo do desenvolvimento humano, desde os primeiros anos de vida. A sexualidade infantil, como afirma Monzani (2014, p. 33), se dá por sínteses e composições em que, num primeiro instante, diferentes pulsões e zonas erógenas se ativam e se desenvolvem independentes uma das outras. Freud identificou três fases pré-genitais preponderantes no desenvolvimento infantil e na organização libidinal, cada uma centrada em uma zona erógena específica — zonas essas que mantêm importante correspondência com funções biológicas e vitais. Tais fases constituem a organização sexual infantil, a qual visa, ao longo do tempo, a maturação da sexualidade sob o primado da zona genital, momento em que todas as pulsões parciais se cooperam em torno da genitalidade (Freud, [1905], 2016b, p. 107), e passa a ocorrer, então, a escolha objetal.

Justifica-se, portanto, uma breve referência ao segundo *Ensaio*, uma vez que nele Freud aprofundou o conceito de pulsão sexual. Contudo, é ao retomar o primeiro *Ensaio* que encontramos o conceito de perversão ressignificado por Freud, que se adequará ao estágio da sexualidade infantil. Nesses estágios do desenvolvimento, a chamada pré-história do indivíduo, o funcionamento pulsional da criança compartilha diversos traços estruturais com as chamadas perversões: tanto na criança quanto em certas formações perversas, qualquer parte do corpo pode operar como zona erógena ou objeto sexual, ou seja, como fonte e alvo de prazer¹⁵.

Com isso, Freud evidenciou que a sexualidade infantil não reconhece um objeto sexual fixo, dado e disposto em um “instinto”. A escolha do objeto sexual é, portanto, contingente, marcada pela singularidade da história pulsional de cada criança. Daí o caráter que Freud

¹⁵ Como o fetichismo e voyeurismo, por exemplo.

denomina “polimorficamente perverso”: a sexualidade infantil não possui uma meta única nem um objeto sexual previamente estabelecido.

A ligação da pulsão sexual e seu objeto é, para Freud, flexível, tensionável e maleável. O essencial da pulsão não reside nas qualidades do objeto, nem no valor moral das metas sexuais. Como afirmou o autor: “O essencial e constante na pulsão sexual é outra coisa” (Freud, [1905], 2016b, p. 40). Se, como discutido anteriormente, o conceito de perversão se mostra adequado para compreender os estágios de desenvolvimento da sexualidade infantil, por meio da concepção das pulsões sexuais, será possível observar adiante como masoquismo e sadismo correspondem particularmente à segunda fase da organização sexual infantil, a chamada fase sádico-anal. Nesse sentido, o conceito de perversão, intrinsecamente ligado à teoria da pulsão sexual, já se expande para além do campo patológico, deslocando-se da sintomatologia médica do século XIX para um campo de significações estruturais da sexualidade humana.

Assim, pode parecer ao leitor dos *Três ensaios* que a questão das chamadas “aberrações sexuais” adquire uma nova espessura teórica na arquitetura freudiana à medida que se avança para o segundo *Ensaio*. Isso se deve ao fato de que os chamados desvios infantis proclamam considerações mais amplas sobre as polimorfias perversas: nos chamados pontos de fixações, na formação dos sintomas, na ambivalência do adulto, e mais adiante, como será demonstrado, no complexo edípico, transitando para o campo do conceito de perversão. Aliás, os próprios pontos de fixações podem ser entendidos como formas de *permanecimentos* pulsionais. Por outro lado, o advento das pulsões parciais, apoiadas sobre uma base vital e biológica, podem ser compreendidas como *extensões* do objeto ligado ao instinto. Adiante, será observado como essas duas palavras-chaves — *permanecimentos* e *extensões* — foram utilizadas por Freud ao definir seu conceito de perversão a partir do objeto sexual e da meta sexual.

Outrossim, a criança ocupa um papel privilegiado nas investigações psicanalíticas, funcionando como um verdadeiro “espelho” do neurótico: há, nesse sentido, uma continuidade estrutural entre a criança e o neurótico ou perverso. Como aponta Lebrun (1985, p. 96), o adulto que padece psiquicamente é aquele que, regredindo a um estágio do desenvolvimento infantil, se fixa e não consegue se adaptar à realidade presente. Assim, o esclarecimento do processo “histórico” do neurótico é dado em parte pela sexualidade infantil, um dos pilares da teoria freudiana.

Convém lembrar que Freud atendia exclusivamente adultos, e suas interpretações partiam dos sintomas do neurótico, desdobrando-se em direção às experiências infantis e à fantasia. Nesse sentido, o título que o primeiro *Ensaio* carrega, *As aberrações sexuais*, não deve ser lido somente como um mero catálogo de desvio ou polêmica médica, mas como parte da

metodologia argumentativa de Freud, ao partir daquilo dado como padecimento, “as aberrações”, para alcançar a estrutura pulsional que “costura” a “pré-história” do ser humano.

Ao traçar uma sexualidade composta por infinitas pulsões, metas e zonas erógenas possíveis, em que o corpo todo é potencialmente erógeno, Freud definirá a perversão pela sua distinção em relação à meta ou ao objeto sexual da “suposta” norma. Porém, o próprio autor reconhece que dentro do mais normal, “já se notam os *rudimentos* que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados *perversões*” (Freud, [1905], 2016b, p. 40, grifos nossos). Como observado na citação acima, na tradução de Paulo César de Souza o termo *rudimentos* rememora o sentido de as perversões pertencerem a uma estrutura primordial ou primária, originária do sexual — ou de um estado primitivo que, sob a ótica do desenvolvimento considerado “normal”, teria tido uma evolução incompleta. Já na edição em espanhol da Amorrortu opta-se pela palavra *esbozos* (esboços), que igualmente sugere um estado inicial da organização pulsional, mas que ainda é provisório.

Em ambas as versões, prevalece a perspectiva de que as perversões remetem a um esquema anterior e primário das pulsões sexuais, em seu desenvolvimento ainda áspero e imperfeito. Cabe ressaltar que no segundo dos *Três ensaios* (1905), acerca das predisposições polimorficamente perversas, as pulsões de crueldade surgem na infância com certa independência das zonas erógenas (independente de fontes da sexualidade), e será com essa “independência ainda maior das outras atividades sexuais, ligadas a zonas erógenas, que desenvolve-se na criança o componente cruel da pulsão sexual” (Freud, [1905], 2016b, p. 101), ou seja, numa ligação entre o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento da pulsão de crueldade acabam subsistindo influências que Freud coloca como mútuas (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 101).

Tais *rudimentos* ou *esboços*, quando fixados, podem dar origem às perversões, principalmente ao se considerar que um certo grau desses rudimentos está presente na própria sexualidade dita normal. Como afirma Freud, os rudimentos se manifestam em atos como o olhar, o tocar e o beijar (Freud, [1905], 2016b, p. 40), ou seja, as perversões são como “frutos” desses rudimentos. Tais práticas preliminares, quando exacerbadas ou fixadas, podem converter-se em metas sexuais próprias. Esse desenvolvimento dos rudimentos ocorre por meio de dois sentidos fundamentais, ambos intrinsecamente ligados à concepção de pulsão sexual, uma vez que é por meio das pulsões que se mapeiam os objetos e metas sexuais na psique. Não por acaso, dez anos após a publicação dos *Três ensaios* (1905) — e já incorporando diversas retificações ao texto original — Freud publica o ensaio intitulado *Pulsões e seus destinos* (1915). Segundo Freud:

As perversões são *a) extensões (Überschreitungen)* anatômicas das áreas do corpo do corpo determinadas para a união sexual; ou *b) permanecimentos (Verweilungen)* nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam percorridas com rapidez, no rumo da meta sexual final (Freud, [1905], 2016b, p. 41).

A perversão possui, portanto, uma conotação *dupla*: por um lado, manifesta-se como *extensões (Überschreitungen)*¹⁶ — isto é, transgressões que ultrapassam o genital como objeto sexual e, em certos casos, até mesmo o anatômico (o próprio corpo) na busca por prazer. Por outro lado, também se expressa como *permanecimentos (Verweilungen)*¹⁷ ou permanência, relacionado à demora ou retenção em uma etapa intermediária da relação com o objeto sexual, advinda de uma pulsão parcial. Neste segundo sentido de perversão, assim como no primeiro, a meta sexual parcial é colocada como meta *final* em busca do prazer, suprimindo o primado do genital¹⁸. Será observado adiante que, no caso do sadismo e masoquismo, ambos atravessam e exemplificam essas duas modalidades de perversão enquanto *extensão e permanecimento*.

Apesar de sadismo e masoquismo emergirem no texto apenas na seção dedicada aos *permanecimentos* — ou, mais precisamente, às “*b) fixações de metas sexuais provisórias*” (Freud, [1905], 2016b, p. 49) —, observa-se que Freud já antecipa a presença da “dupla perversa”, sobretudo o masoquismo, como um “mecanismo” e expressão de um superinvestimento no objeto sexual não genital. Trata-se, portanto, de uma forma de extensão anatômica, no sentido de uma “superestimação psíquica do objeto sexual”¹⁹ ou *valorização psíquica* deste. Nas palavras de Freud:

A mesma superestimação se irradia para o âmbito psíquico, mostrando-se como cegueira lógica (fraqueza de julgamento) ante as realizações e perfeições psíquicas do objeto sexual e submissão crédula aos julgamentos que dele partem. Assim, a credulidade do amor se torna uma fonte importante, embora não a primeira, de autoridade (Freud, [1905], 2016b, p. 42).

Antes de analisar os prováveis aspectos da perversão sádico-masoquista no parágrafo que inaugura a seção das extensões anatômicas, é fundamental considerar um elemento adicional que Freud introduz por meio de uma nota de rodapé à citação principal. Tal adição, da mesma data da publicação dos *Três ensaios* (1905), amplia a compreensão da superestimação do objeto sexual e antecipa a articulação entre o componente masoquista da pulsão sexual e possíveis manifestações clínicas. Na nota de rodapé correspondente, acrescentou:

¹⁶ Pode-se traduzir também como ultrapassar, atravessar, exceder.

¹⁷ Pode-se traduzir como permanência.

¹⁸ Meta sexual final *normal* por excelência.

¹⁹ Alemão (Alemanha): *Überschätzung des Sexualobjektes*.

Não posso deixar de recordar, neste ponto, a crédula submissão dos indivíduos hipnotizados ante o seu hipnotizador, que me faz suspeitar que a essência da hipnose deve se achar na inconsciente fixação da libido na pessoa do hipnotizador (mediante o componente masoquista da pulsão sexual)²⁰ (Freud, [1905], 2016b, p. 42).

Nestes dois trechos observa-se que as extensões, ao transbordarem o plano somático, passam a se relacionar intrinsecamente à realidade psíquica, campo do desejo e da fantasia, pelo investimento libidinal de certa quantidade de energia psíquica em uma representação que se torna maximizada, *idealizada*. Evidenciam-se, nesse movimento, as conotações ativas e passivas da pulsão sexual, sobretudo nas suas manifestações de domínio e submissão. Vê-se, portanto, que o sadismo e masoquismo deixam de figurar apenas como uma “aberração” da pulsão sexual para se configurar também como uma forma específica de ligação libidinal, na qual o objeto é elevado a uma posição de autoridade. Freud parece insinuar, também, a relação entre certas estruturas clínicas, como a hipnose, e a organização masoquista da pulsão sexual. Neste contexto, o masoquismo adquire contornos mais complexos, uma vez que não se reduz à simples busca pela dor, mas envolve fundamentalmente uma submissão (passividade) ao poder do outro.

À luz das obras posteriores, como *Além do princípio do prazer* (1920) e *O eu e o id* (1923), pode-se interpretar este trecho como um prenúncio da obediência e autoridade exercidas pelo Super-Eu, instância que se constitui, em parte, pela introjeção psíquica do objeto sexual, em face de um eu tomado por certa passividade. Considerando ainda a nota de rodapé adicionada por Freud, poderia se inferir que essa subjugação à autoridade se deve a um aspecto qualitativo da própria pulsão sexual, seu componente masoquista. Com isso, compreende-se que o masoquismo e seu duplo estrutural, o sadismo, também devem ser pensados para além de categorias diagnósticas da perversão, inscrevendo-se no interior das vicissitudes pulsionais do psiquismo, particularmente no campo da realidade psíquica articulada pela teoria da libido.

Ao menos, as passagens analisadas demonstram que, no âmbito psíquico, o vínculo entre o eu e o objeto sexual investido se constitui a partir de relações de atividade e passividade. No polo passivo, sobressai a possibilidade de fixação, expressão direta do “componente masoquista da pulsão sexual”. É nesse sentido que os conceitos de extensões e permanencimentos convergem para o vocabulário técnico da teoria das pulsões. Quando a pulsão sexual comporta uma qualidade masoquista, torna-se possível compreender seus destinos a partir da fixação no objeto sexual, como exemplificado na figura do hipnotizador (o

²⁰ Em alemão (Alemanha): “*vermittels der masochistischen Komponente des Sexualtriebes*” (Freud, *Gesammelte Werke* (1890-1939), p. 1587).

que exerce a autoridade e atividade do processo hipnótico, que remete ao outro aspecto da perversão, o sadismo).

Ademais, ao se tratar das fixações predominantemente patológicas, como quando um órgão é eleito como meta sexual final em lugar do genital, a exemplo da mucosa oral, dos pés ou do ânus, Freud sugere a hipótese de uma fase “apagada”, ou seja, inconsciente e esquecida do desenvolvimento sexual. Nessas condições, as fixações ou os chamados “fetiches” seriam rudimentos e precipitados psíquicos desta fase desbotada, cujos traços foram constituídos a partir das experiências sexuais infantis e determinadas, em alguma medida, constitucionalmente (Freud, [1905], 2016b, p. 48, nota de rodapé n. 18).

Tal formulação encontra ressonância num texto anterior de Freud, *Sobre lembranças encobridoras* (1899), no qual se delineia o funcionamento de um mecanismo psíquico que, balizado pelo desejo inconsciente, recobre vivências infantis esquecidas ou inassimiláveis por meio de recordações “falsas” ou de fantasia. A produção dessas lembranças encobridoras pode tanto mascarar quanto reinserir o conteúdo recalcado, revelando-se também no uso de cenas fantasiosas de matiz sádico ou masoquista. Como observa o próprio Freud:

Entendo que ao produzir uma fantasia deste tipo eu preparei, em um certo sentido, a realização de ambos os desejos reprimidos: a defloração e o bem-estar material. Mas depois de expor para mim mesmo uma justificativa tão rigorosa para o surgimento da fantasia do dente-de-leão, eu devo supor que trata-se de alguma coisa que jamais aconteceu e que foi contrabandeada ilegalmente para as minhas lembranças infantis (Freud, [1899], 2021, p. 16).

Isto posto, observa-se que, no conjunto das perversões delineadas por Freud nos *Três ensaios* (1905), particularmente nas categorias de *extensões e permanecimentos*, o sadismo e o masoquismo se inscrevem em ambos. Não se limitam, portanto, à classificação exclusiva como metas sexuais provisórias ou *permanecimentos*, tal como Freud os agrupou ao lado dos impulsos de olhar e tocar. Acerca dessas metas sexuais provisórias, Freud assinalou:

Todas as condições externas e internas que dificultam ou adiam o alcance da meta sexual normal (impotência, alto custo do objeto sexual, perigos do ato sexual) favorecem, compreensivelmente, a tendência a permanecer nos atos preparatórios e a partir deles criar novas metas sexuais, que podem assumir o lugar daquela normal. Um exame mais detido mostra que esses novos objetivos, mesmo os aparentemente mais estranhos entre eles, já se encontram insinuados no ato sexual normal (Freud, [1905], 2016b, p. 49).

Nesta citação observa-se um ponto já previamente assinalado: entre a meta sexual dita normal (coito genital), há metas sexuais preliminares que funcionam como etapas preparatórias para o ato sexual, tais como o olhar, o beijo e o tato, práticas que produzem um afluxo de

excitação e se articulam com distintas fontes de prazer. Destarte, no interior da própria sexualidade considerada “normal”, encontramos graus menores de *permanecimentos* e *extensões*, os quais, por si, não configuram perversões, justamente porque não ocupam de forma estável o lugar da meta sexual final. Contudo, quando essas práticas preliminares se fixam e passam a substituir a meta genital como finalidade última, aí sim constituem o quadro das perversões. Seria esse o caso da “tendência a permanecer nos atos preparatórios” (Freud, [1905], 2016b, p. 49), na qual o autor menciona o exibicionismo (prazer limitado aos genitais ligado à superação do nojo (*voyeurs*) no lugar da meta sexual normal²¹).

A característica mais relevante, entretanto, e que já antecipa a estrutura do par sádico-masoquista, é a seguinte:

Na perversão em que o indivíduo se empenha em olhar e ser olhado aparece uma característica muito curiosa, que nos ocupará intensamente na próxima aberração: a meta sexual [ação à qual a pulsão impele, impulsiona a realização] está presente em configuração dupla, em forma *ativa* e *passiva* (Freud, [1905], 2016b, p. 51).

Deste modo, o exibicionismo revela uma duplicidade estrutural: olhar (posição) e ser olhado (posição passiva). Para a compreensão dessa configuração de atividade e passividade, Freud recorreu àquilo que nomeia como a mais significativa das perversões: o par sadismo-masiquismo. A análise dessa duplicidade pulsional ativa e passiva encontra um desenvolvimento fundamental na definição que segue:

A mais frequente (*häufigste*) e significativa (*bedeutsamste*) de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida, recebeu de Krafft-Ebing os nomes de *sadismo* e *masiquismo*, para suas formas ativa e passiva respectivamente. Outros autores preferem uma designação mais restrita, *algolagnia*, que enfatiza o prazer com a dor, a crueldade, enquanto os nomes escolhidos por Krafft-Ebing ressaltam o prazer com toda espécie de humilhação e submissão (Freud, [1905], 2016b, p. 51).

Primeiramente, antes de adentrar propriamente à análise do sadismo e masiquismo nos *Três Ensaio*s (1905), cabe destacar que essa é a seção do primeiro *Ensaio* na qual Freud mais incorporou notas de rodapé, revisões e complementações ao longo dos anos subsequentes. Tais acréscimos acompanham momentos decisivos do percurso teórico de Freud, particularmente entre os anos de 1915, 1919, 1920 e 1924 — datas que correspondem, respectivamente, às publicações de *Pulsões e seus destinos* (1915), *Bate-se numa criança* (1919), *Além do princípio do prazer* (1920) e *O problema econômico do masiquismo* (1924) — Freud revisou e ampliou

²¹ Freud, [1905], 2016, p. 50.

suas formulações sobre o sadismo e masoquismo, acrescentando diversas notas aos *Três ensaios* (1905). Contudo, neste trabalho, serão analisadas apenas as contribuições anteriores a 1919, respeitando o recorte proposto, que se encerra com o ensaio *Bate-se numa criança*. Tal delimitação visa acompanhar de forma temporalmente progressiva e conceitualmente precisa a construção da noção de sadismo e masoquismo no interior da obra freudiana, desde seu emergir nos *Três ensaios* (1905).

Retomando a citação, Freud definiu o sadismo e o masoquismo a partir de um mesmo prisma: trata-se de perversões que envolvem a dor infligida ao objeto sexual, manifestando-se sob duas formas complementares — uma ativa (sadismo) e outra passiva (masoquismo). Assim, por exemplo, o ato de *esmurrar* representa a forma ativa (*aktiver Form*), ao passo que *ser esmurrado* corresponde à forma passiva (*passiver Form*). Freud assinala, nesse mesmo parágrafo, sua predileção pelos termos *sadismo* e *masoquismo*, tal como cunhados por Krafft-Ebing, em detrimento do termo “*algolagnia*”, tendo em vista a amplitude da definição cunhada em *Psychopathia* (1886), que incluiu o prazer vinculado a *toda espécie* de humilhação e submissão. Trata-se de um adendo relevante para pensar o alcance desses conceitos na teoria psicanalítica, não apenas no contexto das patologias extremadas, mas também enquanto elementos do funcionamento psíquico, o que constituiu um dos propósitos centrais deste capítulo.

Além do mais, entre as demais perversões, Freud destacou o sadismo e masoquismo como as principais, isto é, as mais frequentes, constantes e *importantes*. Mas por que essa dupla se tornaria a mais significativa das perversões? Pode-se supor que isso se deva ao fato de terem sido as que mais emergiram ou mais o interpelaram em sua clínica. Assim como as demais perversões, o sadismo e o masoquismo possuem raízes, ainda que discretas, naquilo que se considera como “normal”:

No tocante a *algolagnia* ativa, o sadismo, é fácil apontar as raízes no que é normal. A sexualidade da maioria dos homens mostra um elemento de *agressividade*, de inclinação a subjugar, cuja significação biológica estaria na necessidade de superar a resistência do objeto sexual por algum outro meio além de fazendo-lhe *a corte*. O sadismo corresponderia, então, a um componente agressivo da pulsão sexual que se tornou independente, exacerbado, e foi colocado na posição principal mediante deslocamento (Freud, [1905], 2016b, pp. 51-52).

Freud toma como exemplo para indicar a raiz do sadismo, o primeiro membro desse par, a preponderância e existência da agressividade e da postura ativa do homem de *subjugar* o outro sexo por meio do galanteio, da corte (Freud, [1905], 2016b, p. 52). Portanto, observa-se que tais elementos parecem estar presentes na “sexualidade comum”, especialmente na masculina.

Em outras palavras, Freud exemplificou que, na atividade do cortejo, situada dentro da norma, já se encontra presente uma característica universal do sadismo: o elemento da agressividade ou agressão²². Aqui, ainda não cabe discutir se a agressividade é ou não um elemento sexual, porém, destaca-se a distinção que Freud faz entre um componente agressivo e, por outro lado, a pulsão sexual.

Esse componente agressivo da pulsão sexual excede os limites do galanteio e se articula à atividade, ao domínio e à conquista do outro, ainda que revestido por práticas socialmente aceitas, como o flerte. Trata-se de um indício de como o sadismo vai se configurando como operação pulsional, dada a proximidade, evidenciada neste exemplo, entre a agressividade e certas manifestações da sexualidade tidas como normal. O sadismo, então, emerge quando essa carga agressiva da pulsão sexual se torna investida e é deslocada como posição de meta sexual principal. Tal disposição agressiva teria uma significação biológica, cuja função seria a de *superar* a resistência do objeto sexual, exigindo, para isso, não apenas o recurso ao cortejo, mas também à subjugação.

Retomando a citação, ao definir a perversão sádica, Freud introduz: “O sadismo corresponderia, então, a um componente agressivo²³ da pulsão sexual que se tornou independente, exacerbado, e foi colocado na posição principal mediante deslocamento” (Freud, [1905], 2016b, p. 52). Trata-se de uma formulação mais estrita e teórica, distinta daquela que Freud acrescentaria posteriormente, em 1915, ao recorrer a uma delimitação mais comum (*im Sprachgebrauch*)²⁴ para designar o sadismo (Freud, [1905], 2016b, p. 52)²⁵. Como ressalta o tradutor Paulo César de Souza, nas edições de 1905 e 1910, esse mesmo parágrafo incluía uma passagem que foi suprimida nas versões seguintes: “pelo menos uma das raízes do masoquismo pode ser inferida com a mesma certeza. Ela vem da superestimação sexual, como necessária consequência psíquica da escolha de um objeto sexual” (Freud, [1905], 2016b, p. 52). Ainda que essa formulação tenha sido posteriormente omitida, uma inferência semelhante, já comentada neste trabalho, é mantida por Freud em nota de rodapé²⁶. O que diferencia ambas as citações é que, na omitida, a superestimação sexual aparece como efeito necessário da escolha

²² No original (alemão, Alemanha): *Aggression*. Optou-se pela tradução por agressão, do que agressividade, visto que também na versão da Editora Amorrortu o termo também é *agresión*.

²³ No original (alemão, Alemanha): *Aggressiven*.

²⁴ Traduzido por *lenguaje usual* (Freud, [1905], 1978a, p. 143).

²⁵ Optou-se por agregar os acréscimos posteriores de acordo com a divisão temporal dos capítulos da dissertação presente.

²⁶ Recapitulando a citação já comentada: “Que me faz suspeitar que a essência da hipnose deve se achar na inconsciente fixação da libido na pessoa do hipnotizador (mediante o componente masoquista da pulsão sexual) (Freud, [1905], 2016b, p. 42).

do objeto sexual, enfatizando assim o peso constitutivo da escolha objetal na gênese do masoquismo.

Destarte, Freud não exclui a existência de um componente “sádico” e outro “masoquista” da pulsão sexual como qualidades das pulsões sexuais, qualificando como perversão o momento em que estes componentes se tornam autônomos e independentes, sendo deslocados para ocupar a posição principal da satisfação²⁷ (Freud, [1905], 2016b, p. 52). Ainda tratando do componente agressivo da pulsão libidinal, Freud acrescenta, num longo parágrafo:

A história da cultura humana ensina, para além de qualquer dúvida, que crueldade e pulsão sexual estão intimamente relacionados, mas na explicação desse nexos não se fez mais que enfatizar o elemento agressivo da libido. Conforme alguns autores, essa agressividade mesclada à pulsão sexual é um vestígio de apetites canibalescos, ou seja, uma contribuição do aparelho de apoderamento que serve à satisfação da outra grande necessidade, ontogeneticamente mais antiga (Freud, [1905], 2016b, pp. 53-54).

Neste sentido, o sadismo, ou a crueldade, apareceria como *restos (Rest)* ou rudimentos de crueldade agregados à pulsão sexual, expressão de uma amálgama ou co-pertencimento que, outrora, possuía utilidade sexual (satisfação) junto às necessidades que Freud qualifica como ontogenéticas, ou seja, relacionadas ao desenvolvimento sexual do indivíduo, e remete, neste caso, a vestígios de apetites canibalescos, portanto, orais. A presença de tais rudimentos indicaria que o declínio da crueldade na pulsão sexual é uma aquisição relativamente recente da cultura, ainda não inteiramente assegurada pelo recalque. Seguindo a edição de 1905, Freud prossegue:

Também se afirmou que toda dor, em si, já contém a possibilidade de uma sensação de prazer. Nós vamos nos contentar que essa perversão não foi explicada de maneira satisfatória e de que nela, possivelmente, vários impulsos psíquicos se unem para produzir um só efeito (Freud, [1905], 2016b, p. 54).

Dor e prazer são articulados por Freud ao final da seção sobre sadismo e masoquismo, em que afirma que toda dor (*Schmerz*) contém a *possibilidade (Möglichkeit)* de uma sensação de prazer (*Lustempfindung*). Para Laplanche (1985, p. 29), esse apontamento de Freud indicaria que “os afetos dolorosos desencadeiam uma excitação sexual”. Observa-se, ainda, que Freud introduz dois temas que futuramente se tornarão centrais: o paradoxo do masoquismo e o problema energético que ele impõe à teoria pulsional. Embora a articulação entre dor e prazer tenha sido identificada parcialmente nos *Três ensaios* (1905), esse paradoxo será tematizado de

²⁷ Agregando a citação do hipnotizador, ao serem “fixados”.

maneira mais explícita apenas na década de 1920, quando se tornará evidente a dificuldade de conciliar o conceito de masoquismo articulando o princípio do prazer com a permanência de uma parcela de desprazer e dor. O masoquismo passa, então, a figurar como um verdadeiro enigma econômico a ser desvelado pela psicanálise.

Outro ponto que será retomado mais adiante, e que já se encontra sugerido na citação, é o de que há na psique uma diversidade de impulsos que convergem para um mesmo efeito, no caso, a dinâmica sádico-masoquista²⁸. Ademais, Freud destaca a inerência entre sadismo e masoquismo, concebendo-os como formas complementares, ativa e passiva, que coexistem em um mesmo sujeito, embora em diferentes intensidades, de modo que uma forma será mais desenvolvida que a outra. Assim, não se pode pensar o sadismo sem a sua contraparte, o masoquismo, e vice-versa. Ao final da seção, Freud também propõe, como hipótese, outras vias pelas quais o par sadismo-masoquismo pode ter emergido, como oposição entre masculino e feminino reunida na noção de bissexualidade²⁹, uma consideração que, ao longo de suas elaborações, viria a ser progressivamente traduzida nos termos de atividade e passividade. Segue a citação em que Freud explora esses aspectos:

A característica mais notável dessa perversão, porém, é o fato de suas formas ativa e passiva se encontrarem regularmente na mesma pessoa. Quem tem prazer em causar dor aos outros nas relações sexuais também é capaz de fruir, como um prazer, a dor que tais relações lhe proporcionarem. Um sádico sempre é, simultaneamente, um masoquista, embora o lado ativo ou o lado passivo da perversão esteja mais desenvolvido nele e constitua sua atividade sexual predominante (Freud, [1905], 2016b, p. 54).

Os pares de opostos que, no segundo *Ensaio*, emergem como elementos constitutivos do desenvolvimento infantil (Freud, [1905], 2016b, p. 54), antecipam uma organização da vida pulsional marcada pela ambivalência e pela zona anal. Antes, porém, de ingressar no exame da sexualidade infantil, convém destacar os apontamentos presentes na seção “Observações gerais sobre as perversões”. Nela, Freud amplia e reforça alguns conteúdos tratados na seção dedicada ao sadismo e masoquismo, com especial atenção à pulsão sexual.

²⁸ A hipótese da existência de diversos impulsos psíquicos convergindo para um mesmo efeito antecipa, de certo modo, a ampliação metapsicológica que será proposta por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), quando introduz a dualidade pulsional entre pulsões de vida e de morte.

²⁹ Sabe-se que Freud evitou tratar da questão da bissexualidade. Na carta de 23 de julho de 1904 à Fliess, Freud escreveu: “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*’, onde evito o tópico da bissexualidade tanto quanto possível. Há dois pontos em que não posso fazê-lo: na explicação da inversão sexual — nesse ponto, vou até onde permite a literatura (Krafft-Ebing e predecessores, Kiernan, Chevalier e os outros) — e ao mencionar a corrente homossexual nos neuróticos” (Freud, [1904], 1986, p. 465).

Na perversão sádico-masoquista se reconhece um aspecto que será posteriormente aprofundado, sobretudo em *Além do princípio do prazer* (1920): o caráter composto da pulsão sexual, entendida como uma amálgama de múltiplos elementos. A perversão se mostra, nesse contexto, como manifestação da proeminência de um desses componentes, como por exemplo, a agressividade, em *fusões* (*Verschmelzungen*) libidinais que escapam ao modelo considerado normativo (Freud, [1905], 2016b, p. 58). Neste sentido, a perversão denota oposição à respectiva noção de neurose, tão íntima do recalçamento³⁰. Freud assinalou, nesse ponto, uma hipótese: talvez a pulsão sexual não seja uma entidade unitária, mas sim um “composto de elementos” que, nas perversões, se separam e se manifestam isoladamente:

Disso podemos tirar uma indicação de que talvez a pulsão sexual não seja algo simples, mas sim composto de elementos que dele novamente se separam nas perversões. Desse modo, a clínica terá dirigido nossa atenção para *fusões* que não aparecem como tais no comportamento uniforme normal (Freud, [1905], 2016b, p. 58).

Dentre essas fusões, sobressai o par ativo-passivo da crueldade, que se configura como expressão da ambivalência pulsional³¹ ao emergir como pares de opostos. É a partir desse referencial, os pares de opostos e sua emergência no desenvolvimento sexual, que Freud acrescentará, já na edição de 1905:

Um papel destacado entre os formadores de sintomas das psiconeuroses têm as pulsões parciais, que geralmente aparecem como pares de opostos e de que tomamos o conhecimento como portadores de novas metas sexuais: a pulsão do prazer de olhar e da exibição e a pulsão ativa e passiva da crueldade. A contribuição desse último é indispensável para compreender a natureza de sofrimento dos sintomas, e quase sempre domina um quê da conduta social dos doentes. É também mediante essa ligação entre libido e crueldade que sucede a transformação de amor em ódio, de impulsos afetuosos em hostis, característica de toda uma série de casos neuróticos e até mesmo da paranoia, ao que parece (Freud, [1905], 2016b, pp. 64-65).

Observa-se o papel das pulsões parciais para a formação dos sintomas neuróticos, muitas vezes organizadas como pares de opostos. A última forma citada por Freud, as formas ativa e passiva da crueldade, é vista como indispensável para compreensão da natureza do sofrimento dos sintomas e mais: na própria conduta social dos pacientes. É essa articulação

³⁰ Adiante, neste mesmo prisma do recalque, Freud relaciona a neurose como negativo da perversão (Freud, [1905], 2016b, p. 63). Para Ferraz (2010), o perverso realiza as fantasias pré-genitais que o neurótico almeja, porém não encontra permissão para tal, fazendo delas o “centro mesmo de sua vida sexual” (Ferraz, 2010, p. 33).

³¹ Termo agregado somente na edição de 1915.

entre libido e crueldade que explica transformações afetivas³² e marca inúmeras formas de neurose, como visto, chegando até mesmo à paranoia (Freud, [1905], 2016b, p. 65).

Nesse contexto da citação, o sadismo e o masoquismo, compreendidos enquanto formas ativa e passiva da pulsão sexual, deixam de figurar apenas como manifestações perversas ao serem reinscritos também no campo da produção dos sintomas, como expressões da natureza do sofrimento psíquico, o que se intensifica posteriormente em *O eu e o isso* (1923), na formulação da reação terapêutica negativa, manifestação típica do chamado masoquismo moral³³. Freud acrescenta ainda que a zona erógena por excelência da pulsão sexual agregada ao componente da crueldade e de dor é a pele:

Entretanto, no prazer em olhar e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no componente de dor e crueldade da pulsão sexual é a pele que assume esse papel, a pele, que em certos locais do corpo se diferenciou em órgãos dos sentidos ou se transformou em mucosa, ou seja, a zona erógena *κατ' ἐξοχήν* [por excelência] (Freud, [1905], 2016b, p. 68).

A conexão entre pulsão sexual e perversão é, com efeito, elevada ao estatuto de dado constitutivo da sexualidade humana. Trata-se de uma disposição congênita³⁴ (*angeborene*), algo “que todos os seres humanos têm em comum” (Freud, [1905], 2016b, p. 71) / “*was allen Menschen angeboren ist* [algo que é inato a todos os seres humanos]” (Freud, [1905], (1890-1939), p. 1598). Com base na observação dos sintomas psiconeuróticos, Freud afirma que na infância ou em alguma fase inicial do desenvolvimento sexual, “somos todos um pouco perversos”³⁵. Isso significa que o caráter perverso da pulsão sexual antecede, em termos ontogenéticos, os mecanismos de recalque (*Unterdrückung*) e a própria formação dos sintomas histéricos. Na perversão, observa-se a pulsão em seu estado primevo, evidenciando a

³² “Supõe-se que as transformações de caráter afetiva da ambivalência são fruto, portanto, de fusões e divisões das pulsões sexuais e crueldade, por fim, pulsões parciais, que inclusive, admitam disseccções (*Zerlegung*)” (Freud, [1905], 2016b, p. 66).

³³ “Há pessoas que se comportam muito peculiarmente no trabalho analítico. Quando lhes é dada esperança e mostrada satisfação com a marcha do tratamento, parecem insatisfeitas e geralmente pioram seu estado. No começo enxerga-se nisso rebeldia e esforço de demonstrar superioridade ao médico. Depois chega-se a uma visão mais profunda e justa. Não só nos convencemos de que tais pessoas não toleram elogio e reconhecimento, mas de que reagem aos progressos da terapia de maneira inversa. Toda solução parcial, que deveria trazer — e traz em outros — uma melhora ou suspensão temporária dos sintomas, nelas provoca um momentâneo exacerbar do sofrimento, elas ficam piores durante o tratamento, em vez de melhorar. Mostram a chamada *reação terapêutica negativa* (Freud, [1923], 2011a, p. 61).

³⁴ A escolha de Paulo César pela tradução de *angeboren* por “congênito” é válida neste sentido enquanto qualidade ou adjetivo de uma doença, aqui no caso, quando Freud trata das chamadas perversões. Nas demais utilizações de *angeboren*, o sentido do termo assemelha mais ao termo “inato” que “congênito”.

³⁵ “Moebius pôde afirmar, com bons motivos, que somos todos um pouco histéricos” (Freud, [1905], 2016b, p. 71).

autenticidade daquilo que Freud denomina como atividade sexual: um conjunto de tendências pulsionais originárias que não se organizam segundo a norma. Desse modo, a perversão desvela em sua base as raízes inatas (*angeborenes*) da pulsão sexual, ou seja, a perversão ganha um estatuto também estrutural enquanto esboço constitutivo do funcionamento pulsional:

A conclusão que agora se apresenta para nós é que, de fato, há algo congênito na base das perversões, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida. Trata-se de raízes inatas, constitucionais, da pulsão sexual, que numa série de casos se desenvolvem até se tornarem os autênticos veículos da atividade sexual (perversões), e outras vezes sofrem uma supressão (repressão) insuficiente, de modo a poder atrair para si, por via indireta, como sintomas de doença, uma parte considerável da energia sexual (...) (Freud [1905], 2016b, pp. 71-72).

Em um sentido mais amplo de *predisposição*, ainda no resumo aos *Três ensaios* (1905), Freud aloca no mesmo horizonte a genealogia das perversões no indivíduo à sua teoria da libido. Tal alocação permite que, ao traçar as predisposições ou causas do padecer perverso no humano em um nível ontológico, seja necessário resgatar, numa perspectiva evolucionista, a disposição libidinal originária da psique, que é notadamente perversa:

Impôs-se a nós a ideia de que a predisposição às perversões seria a predisposição geral original da pulsão sexual humana, da qual se desenvolveria o comportamento sexual normal, em consequência de alterações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação (Freud, [1905], 2016b, p. 155).

Cabe adentrar, aqui, dois termos que, para Monzani, em seu ensaio *A “fantasia” freudiana* (1991), conduzem à eclosão da fantasia: a regressão e a disposição (Monzani, 1991, p. 77). A regressão possibilita o retorno a certos estágios do desenvolvimento, os chamados “pontos de fixação”, ou seja, um complexo “conjunto das fantasias que o indivíduo passa” (Monzani, 1991, p. 77). Encontrar esse “ponto de fixação”, equivale, assim, a identificar a representação da disposição do sofrimento psíquico. No que diz respeito à sua origem, essas fixações podem ser consideradas constitucionais (Monzani, 1991, p. 77).

Dessa forma, o termo “predisposição” aparece frequentemente acompanhado da noção de “constituição” ou “constitucionalidade”, como ressalta Monzani (1991). Freud jamais deixou de acentuar tais termos na sua explicação da etiologia das neuroses: “O fator constitucional reenvia aos fatores internos do sujeito que seriam responsáveis pela emergência de uma determinada neurose” (Monzani, 1991, p. 78). A complementaridade entre fatores externos e constitucionais permite pensar a sexualidade e, com ela, a perversão, como algo simultaneamente histórico e estrutural. O fator constitucional remonta a um tempo no qual

traços foram adquiridos e, posteriormente, transmitidos por hereditariedade. Sobre o fator constitutivo, observa-se que é “anterior, primitivo, quando foi adquirido e, depois disso, transmitido hereditariamente” (Monzani, 1991, p. 80).

A perversão remonta, assim, a traços e esquemas pulsionais que se arranjam em representações arcaicas, observadas na clínica sob a forma da fantasia e dos sintomas. Freud considerou, nesse sentido, a perversão como a representação de uma inibição no desenvolvimento sexual, resultando do ressurgimento de conteúdos primitivos ativados por predisposições fixadas e por vivências acidentais da infância. Esse ressurgimento se dá por meio da constituição sexual (vivências pré-históricas), das disposições constitucionais e de esquemas congênitos (Monzani, 1991, p. 85):

Sua vantagem [de Freud tratar de fatores externos e esquemas congênitos], nos parece, consiste em que ela mantém a não rigidez, a plasticidade, a indeterminação da pulsão sexual, tal como ela está descrita nos *Três ensaios*. Tratar-se-ia de esquemas virtuais que só se cristalizariam, só se concretizaram através de determinações empíricas que serviriam então para catalisar as fantasias, sem, no entanto, fazer destas um produto já pronto e acabado que o sujeito carregaria consigo desde seu nascimento (Monzani, 1991, p. 103).

É nesse sentido que, quatro anos antes dos *Três Ensaios* (1905), ao escrever o caso Dora, Freud afirmou: “Portanto, quando alguém se tornou grosseira e manifestamente perverso, é mais correto dizer que *permaneceu assim*, pois representa um estágio de inibição do desenvolvimento” (Freud, [1905], 2016b, p. 229, grifo nosso). A neurose, portanto, demarca a existência de fantasias de caráter perverso, assim como a perversão é estruturada a partir dessas mesmas fantasias. Contudo, há entre ambas uma diferença essencial: enquanto na neurose o conteúdo é recalçado e persiste no inconsciente, na perversão o recalque falha, e o conteúdo se torna assimilado ao consciente. O neurótico reprime; o perverso permanece estancado ou “fixado”, como sublinha também Patrick Valas, em seu livro *Freud e a perversão* (1990, p. 44).

Este capítulo apresentou uma análise da concepção freudiana sobre perversão, sobretudo os conceitos de sadismo e masoquismo a partir do primeiro ensaio dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), destacando a ruptura epistemológica promovida por Freud em relação à visão tradicional, representada no primeiro capítulo por Krafft-Ebing. Partindo da conceituação proposta por Freud na edição de 1905, observa-se a presença de lacunas significativas no tratamento das perversões sádico-masoquistas, como ressaltado por ele mesmo ao final da seção: “nós vamos nos contentar com a impressão de que essa perversão realmente não foi explicada de maneira satisfatória” (Freud, [1905], 2016, p. 54). Somente com os acréscimos posteriores será possível atingir uma compreensão mais robusta desse fenômeno.

Considerando apenas a formulação inicial, nota-se que a análise freudiana se realiza pela via da decomposição e expansão de um repertório de sintomas e quadros patológicos oriundos do saber médico e popular do século XIX.

Contudo, o primeiro *Ensaio* não se limita a reproduzir tais saberes, mas antes instaura um campo de hipóteses a partir do qual se ergue uma nova concepção da sexualidade, aquela que se edifica em torno da noção de pulsões sexuais. É nesse contexto que Freud elabora sua teoria das pulsões por meio de um gesto inaugural que passa pelo negativo, isto é, pelas perversões, e não diretamente pela sexualidade infantil, que será tratada no segundo ensaio. Dentre todas as formas de perversão, observa-se como o sadismo e o masoquismo despontaram como representações privilegiadas: refletem tanto em manifestações tênues e não patológicas quanto em expressões francamente patológicas. Freud organiza sua argumentação através das noções de objeto sexual e meta sexual, situando as perversões como uma camada inaugural do psiquismo, enquanto rudimentos primários, constituintes arcaicos da vida pulsional. Esse plano originário se encontra à margem das normas culturais, embora nelas permaneça operante. É justamente por isso que a perversão mais significativa, o par sadismo/masoquismo, se revela como vestígio e modelo de estados anteriores do funcionamento pulsional, ativos fora do registro estritamente patológico.

Nesse ponto, os fenômenos sádicos-masoquistas ganham amplitude e passam a expressar a plasticidade e mobilidade das pulsões sexuais. As perversões, enquanto extensões ou permanecimentos de certos caminhos pulsional, revelam sua íntima articulação com a dinâmica própria da pulsão sexual. Um exemplo visto anteriormente foi na sexualidade infantil: esta é polimorficamente perversa, marcada pela maleabilidade dos objetos e metas sexuais, sendo o sadismo e o masoquismo, neste quadro, expressões das ambivalências pulsionais, articulando as dimensões do prazer, dor, agressão, dominação e submissão, inscritas, neste quadro, principalmente na fase sádico-anal do desenvolvimento infantil.

A investigação, portanto, também permitiu delimitar a originalidade da concepção freudiana de perversão, um conceito fundamental para compreender tanto a etiologia das neuroses e do padecimento, quanto a arquitetura das pulsões sexuais. A teoria das pulsões, como se pôde observar, repousa sobre as marcas inaugurais deixadas pelas perversões, elementos imprescindíveis da constituição pulsional. Tal elaboração toca ainda a intrincada noção de “agressividade”, não apenas no sentido clínico, mas como índice da gênese das pulsões sexuais no humano, sendo esta precedida por disposições constitutivas e fatores filogenéticos ligados à própria crueldade. Cabe retomar o primeiro *Ensaio*, incorporando agora os acréscimos dos anos

posteriores, com o objetivo de seguir explorando os conceitos de sadismo e masoquismo com maior rigor, abrangência e fidelidade à complexidade da obra freudiana.

Capítulo 3 — Sadismo e masoquismo é sobretudo perversão? Acréscimos ao ensaio de 1905

Os acréscimos ao *primeiro ensaio* de 1905 revelam a crescente preocupação de Freud em elucidar como se deu a formulação analítica dos fenômenos perversos, sobretudo se o efeito desviante/patológico ou o precipitado, outrora recalcado, advém de fatores acidentais e disposicionais. A perversão, nesse contexto, passa a ser pensada não apenas como um desvio do desenvolvimento sexual, mas como expressão de um arranjo complexo entre fatores acidentais e disposicionais. Tal formulação já se delineava, em alguma medida, na edição original de 1905, por meio da valorização da realidade psíquica e da renúncia progressiva à teoria da sedução. No entanto, persistem indagações fundamentais: como se organizam essas forças no psiquismo? Haveria predominância de uma disposição interna em relação ao impacto das vivências externas?

Com os acréscimos posteriores, Freud tentou solucionar esta amálgama da reivindicação da hipótese filogenética. Se em 1905 essa perspectiva apenas sobrevoa a teoria, nos acréscimos ela se insinua de modo mais enfático, especialmente aplicada à análise do sadismo e do masoquismo. Através de termos concernentes à realidade psíquica, como “filogênese”, “traços congênitos”, “raízes inatas”, Freud sugere que, no funcionamento sádico-masoquista³⁶, persistem indícios de conteúdos psíquicos arcaicos, verdadeiros “rudimentos”. Monzani (1991) observa que os conteúdos primordiais herdados filogeneticamente, a cena primária, a castração e a sedução (Monzani, 1991, p. 85), desempenham papel estruturante na constituição da sexualidade. No escopo desta dissertação, tal hipótese filogenética será considerada especialmente nas manifestações sádico-masoquistas enquanto constituintes no campo pulsional. A articulação entre disposição e o acidental é reafirmada por Freud no prefácio à terceira edição dos *Três ensaios*, no ano de 1914:

Pois o acidental desempenha o papel principal na análise e é quase inteiramente subjugado por ela. O elemento disposicional somente aparece atrás dele, como algo que é despertado pelas vivências; no entanto, sua avaliação leva muito além do campo de trabalho da psicanálise.

É semelhante à relação entre ontogênese e filogênese. A primeira pode ser vista como repetição da segunda, na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. A disposição filogenética se faz notar por trás do evento ontogenético. No fundo, a disposição é justamente o precipitado de uma vivência mais antiga da espécie, vivência à qual vem se acrescentar, com soma dos fatores acidentais, a mais nova vivência do indivíduo (Freud, [1905/1914], 2016b, p. 15).

³⁶ E não em vão, visto que estas serão elencadas fora do âmbito patológico a partir de 1915, com o ensaio *Pulsões e seus destinos*.

O trabalho de Freud implicou possivelmente na interlocução com campos adjacentes à psicanálise, como a biologia e a antropologia. Já em *Totem e tabu* (1912), nota-se essa inflexão ao se propor, com base na hipótese darwiniana, a existência de vivências passadas da espécie, que, enquanto fantasias originárias, permanecem latentes no psiquismo do indivíduo e podem ser despertadas como formas embrionárias, esboços iniciais do direcionamento pulsional, encontrando nas manifestações perversas um de seus modos possíveis de expressão. Retomando o capítulo anterior, é possível considerar que tais rudimentos *estancados*, podem culminar tanto em sintomas neuróticos quanto em quadros de perversão. Dentre eles, por exemplo, o sadismo, por representar um dos vestígios mais nítidos e primitivos da herança da espécie: a agressividade e crueldade mescladas ao sexual. Parece ser este *imprinting*³⁷ que Freud evoca ao tratar da perversão como algo “congenito”, indicando a presença de constituições arcaicas e mecanismos psíquicos primitivos que resistem à organização mais secundária da sexualidade.

A partir de 1915, com a publicação de *Pulsões e seus destinos*, Freud retoma a dupla sadismo-masochismo como um dos possíveis exemplos dos destinos da pulsão, aprofundando e ampliando a sua formulação inicial. Nos *Três ensaios* (1905), os acréscimos introduzidos nesse mesmo ano são significativos, especialmente por se inserirem diretamente no corpo do texto, não apenas em notas de rodapé. No que se refere especificamente ao sadismo e ao masochismo, ele acrescenta, em 1915, a seguinte definição:

Na linguagem corrente, o conceito de sadismo vai de uma atitude simplesmente ativa, depois violenta ante o objeto sexual, até o vínculo exclusivo da satisfação com a subjugação e o mau tratamento desse objeto. A rigor, somente esse caso extremo mereceria o nome de perversão (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 52).

Observa-se que, no interior da perversão sádico-masochista, há gradações nas expressões do sadismo e masochismo, conforme o grau de fixação e a intensidade da ligação entre satisfação e agressão. Essa variação permite a Freud vislumbrar, inclusive, precipitados ínfimos do sadismo em atitudes meramente (*bloß*) ativas. No original, o autor utilizou o termo *schwankt* para delimitar o quanto sadismo e masochismo oscilam ou *flutuam* em sua definição³⁸, podendo ser compreendidos tanto a partir de numa definição *usual* ou corrente (*Sprachgebrauch*), quanto a partir de um critério mais estrito, rigoroso³⁹ (*Strenge genommen*).

³⁷ No sentido de vinculação.

³⁸ Em alemão (Alemanha): “*Der Begriff des Sadismus schwankt im Sprachgebrauch von einer bloß aktiven*” (Freud, 1905/1915, p. 1591). Podemos traduzir como: A noção de sadismo *oscila* ou *varia* na linguagem usual de uma *mera* atitude ativa.

³⁹ Retomando a citação: “A rigor (*Strenge genommen*) somente esse caso extremo mereceria o nome de perversão” (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 52).

Essa “ambivalência” terminológica se tornará problemática mais adiante, quando Freud recorrerá às expressões “sadismo e masoquismo *propriamente ditos*” para distingui-los de outras manifestações menos rigorosas do ponto de vista da definição clínica. O ganho dessa distinção, entretanto, reside na ênfase de que tanto o sadismo, quanto o masoquismo se restringem mais às suas formas ativas e passivas que ao vínculo com a satisfação sexual. A perversão, nesse contexto, configura-se precisamente quando essa ligação entre prazer e agressividade é exclusiva e determinante na relação com o objeto sexual.

No caso do sadismo, Freud enfatizou a passagem progressiva da atividade (forma ativa) para a violência (*gewalttätigen*), até que se estabeleça a posterior vinculação ou *ligação* (*Bindung*) exclusiva da satisfação à subjugação e aos maus-tratos do objeto⁴⁰. O termo *Bindung*, amplamente utilizado na metapsicologia freudiana, evoca a ideia de uma *ação* de fusão pulsional entre componentes libidinais⁴¹, neste caso, entre a atividade e os componentes libidinais, resultando numa manifestação agressiva e cruel. Essa mesma lógica é aplicada ao masoquismo:

De modo similar, a designação de masoquismo abrange todas as atitudes passivas ante o sexo e o objeto sexual, em que a mais extrema consiste em vincular a satisfação com o sofrimento de dor física ou psíquica por parte do objeto sexual. Como perversão, o masoquismo parece mais distante da meta sexual normal do que sua contrapartida; é lícito duvidar que ele surja primariamente, talvez apareça regularmente, isto sim, mediante uma transformação do sadismo (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 52).

A utilização do termo *Die Bindung* (a ligação) é retomada também no caso do masoquismo, agora designando a vinculação, na conotação extrema (perversa), entre satisfação e o sofrimento *de dor física* ou *psíquica* — “*das Erleiden von physischem oder seelischem Schmerz*” (Freud, 1905, p. 1591) — infligido pelo objeto sexual. A conceituação do masoquismo, nesse ponto, se delineia de modo distinto daquela atribuída ao sadismo. Enquanto o segundo é descrito por Freud com termos que remetem mais a ações externas, como violência, subjugação e maus-tratos, o masoquismo pareceu se organizar em torno de uma experiência no

⁴⁰ Em alemão (Alemanha): “*Bis zur ausschließlichen Bindung der Befriedigung an die Unterwerfung und Mißhandlung desselben*” (Freud, 1905/1915, p. 1591). Podemos traduzir como: até que a satisfação esteja exclusivamente ligada à submissão e aos maus-tratos da mesma.

⁴¹ Porém, a origem do termo é remontada à obra *Projeto para uma psicologia científica* (*Entwurf einer Psychologie*, 1895), em que *Bindung* “designa em primeiro lugar o fato de a energia do aparelho neurônio passa do estado livre ao estado ligado” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 270). A composição do ego é um exemplo da *Bindung*, tendo em vista seu “estado ligado” enquanto “massa de neurônios que mantêm seu investimento” (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 270). A ligação (*Bindung*), possui um efeito de inibição ou ligação, ou seja, de produzir facilitações no aparelho neurológico. Anos depois, com a publicação de *Além do princípio do prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920), a ligação “torna-se a característica principal das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte”, possibilitando unidades que desencadeiam na conservação (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 272).

próprio corpo do indivíduo masoquista (agressividade voltada contra si mesmo), no uso do termo “sofrer de dor física ou psíquica”, mesmo sendo relacional e pressupondo um “outro” que execute o sofrimento.

Para Freud, porém, o masoquismo se distanciava mais da meta sexual normal do que o sadismo, sobretudo por seu maior afastamento da genitalidade. Esse desvio da meta genital parece justificá-lo como secundário e derivado do sadismo. Em tal formulação mantinha-se a lógica dos pares de oposição, na qual o sadismo ocupava uma posição originária, ao passo que o masoquismo era visto como sua versão invertida, dirigida contra o próprio sujeito. Portanto, ainda em 1915 o sadismo é primário e o masoquismo resultará de uma transformação do sadismo. Todavia, não é esta posição que Freud manterá ao longo dos anos.

A partir das reformulações teóricas introduzidas em *Além do princípio do prazer* (1920) e em *O eu e o isso* (1923), Freud abandona a primazia do sadismo e passa a admitir a existência de um masoquismo originário. Tal mudança é consolidada nos *Três ensaios* (1905) em nota de rodapé incluída na edição de 1924, mesmo ano da publicação do ensaio *O problema econômico do masoquismo*. Nessa nota, Freud escreveu:

Reflexões posteriores, baseadas em certas hipóteses sobre a estrutura do aparelho psíquico e as espécies de pulsões nele operantes, modificaram bastante meu juízo acerca do masoquismo. Fui levado a reconhecer um masoquismo *primário - erógeno* -, do qual se desenvolvem duas formas posteriores, o masoquismo *feminino* e *moral*. O sadismo não utilizado na vida reverte contra a própria pessoa e faz nascer um sadismo *secundário*, que vem juntar-se ao primário (Freud, [1905/1924], 2016b, nota de rodapé 23, p. 52).

Freud retoma a relação entre sadismo e masoquismo sob o ponto de vista da transformação pulsional, mantendo a concepção de que o masoquismo decorre do sadismo. Nessa formulação a agressividade volta-se contra o próprio sujeito, produzindo o masoquismo. Essa lógica está presente na seguinte passagem agregada em 1915 nos *Três ensaios* (1905):

Frequentemente, é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual. A análise clínica de casos extremos de perversão masoquista releva a conjunção de uma série de fatores que exacerbam e fixam a atitude sexual passiva original (complexo de castração, sentimento de culpa) (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 53).

A formulação é aqui ambígua, especialmente no uso do advérbio “frequentemente” (*Häufig läßt sich*), que indica a prevalência empírica da transformação do sadismo em masoquismo, mas não exclui outras vias de constituição do masoquismo. Esse detalhe

linguístico permite uma leitura mais aberta: o masoquismo não é *sempre* uma derivação do sadismo, mas é, provavelmente, na prática clínica, uma forma recorrente de sua modificação.

A passagem pode ser dividida em duas partes. Na primeira, “frequentemente, é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual”, Freud ancora sua explicação na lógica do retorno pulsional, com a agressividade voltando-se contra o próprio indivíduo. Na segunda parte, “a análise clínica de casos extremos de perversão masoquista releva a conjunção de uma série de fatores que exacerbam e fixam a atitude sexual passiva original (complexo de castração, sentimento de culpa)”, Freud pareceu deslocar a explicação causal para o terreno da realidade psíquica, em que estruturas filogenéticas, como o complexo de castração e o sentimento de culpa, operariam uma fixação da posição passiva.

Esse segundo trecho abre margem para a leitura de que, nos casos extremos, não se trata apenas de uma inversão do sadismo, mas da revelação de uma disposição masoquista (atitude passiva sexual) *original*. Tais elementos podem prefigurar a reformulação posterior de Freud, nos anos de 1920, quando propõe a existência de um masoquismo primário, do qual derivariam o masoquismo moral e o feminino, invertendo a hierarquia conceitual entre os pares de opostos. Assim, ainda que em 1915 Freud mantenha o masoquismo como uma derivação do sadismo, a análise clínica de casos extremos, ou seja, cujos sintomas masoquistas emergiram de forma mais nítida, já oferecia indicações de que o masoquismo viria antes do sadismo, ao observar “momentos⁴²” em que uma atitude passiva sexual *original* será fixada e exagerada.

Outro termo-chave que expressa a ambiguidade entre a postulação de um sadismo originário e a constatação de uma atitude sexual passiva é o adjetivo *ursprüngliche*⁴³, utilizado por Freud. Traduzido como “originário”, “autóctone”, “primeiro” ou “primitivo”, essa expressão aparece no trecho em que Freud descreve a “interação” (*führt auf das Zusammenwirken*) de momentos que culmina ou em que se observam a fixação da atitude sexual passiva primitiva e primeira. Freud a define, ainda que de maneira imprecisa, como associada ao complexo de castração e ao sentimento de culpa⁴⁴ (*Kastrationskomplex, Schuldbewußtsein*), antecipando a constituição de um masoquismo para além de um mero derivado do sadismo.

⁴² Opção de tradução para “*Die klinische Analyse extremer Fälle von masochistischer Perversion führt auf das Zusammenwirken einer großen Reihe von Momenten* (Freud, 1905/1915, p. 1591)”: “A análise clínica de casos extremos de perversão masoquista conduz à interação de um grande número de momentos”.

⁴³ O termo *Ursprüngliche* advém da junção de dois termos. *Ur* que pode se traduzir como aquilo autóctone, que se origina de onde se manifesta e *Prüingliche*, termo alemão (Alemanha) para “primitivo”.

⁴⁴ Note que a tradução “sentimento de culpa” é em alemão (Alemanha), a inflexão do termo *Schuld* (culpa) com *bewußtsein* (consciência), caracterizando um juízo ou valor de culpa consciente, portanto.

A inclusão desse trecho, em 1915, nos *Três ensaios* (1905), testemunha a elaboração de uma concepção mais ampla do masoquismo, não mais exclusivamente como inversão do sadismo, mas como segmentos de um compêndio estrutural na formação do indivíduo segundo a psicanálise: o complexo edípico. Nesse ponto, Freud já parece vincular tanto o masoquismo quanto sua contraparte ao complexo de Édipo, dado a menção do complexo de castração e do sentimento de culpa, como apontam Laplanche e Pontalis (2001, p. 175)⁴⁵, cujo complexo de castração se destaca, nesse momento, como uma das fantasias originárias, ou seja, formações que, à maneira de enigmas, aparecem para a criança.

Embora já esboçado, o Édipo ainda não assume um papel central para Freud, o que é notado por Monzani em *Freud: O movimento de um pensamento* (2014). Para o comentador, o complexo de Édipo, mesmo sendo o ponto nuclear da constituição da sexualidade, aparece apenas como um conceito auxiliar, sendo “um pouco marginal” (Monzani, 2014, p. 48). Para Monzani (2014), seu ofuscamento se deve, em parte, como uma característica dos textos da época e, em parte, ao difícil encaixe teórico de um conceito que emerge de maneira contundente na clínica. Inicialmente, o complexo de Édipo não se adere de maneira clara e distinta ao escopo teórico de Freud. O “arquivamento da teoria da sedução” (Monzani, 2014, p. 48) motivou Freud a tratar da relação edípica com extrema discrição.

Não somente arquivada, mas posteriormente ressignificada, a teoria da sedução foi incorporada de modo mais complexo ao pensamento freudiano. O complexo de Édipo adentra a teoria de forma singular, deslocando-se do registro da factualidade para o da fantasia de sedução, isto é, pela introjeção fantasiosa das figuras parentais, permeada pela ambivalência afetiva. De modo que, os fatores externos são tão relevantes quanto os internos, ambos mediados pela fantasia. Nessa linha, Monzani afirma:

De um lado a criança *deseja* ser seduzida, ela fantasia essa sedução, mas de outro lado ela é *de fato* seduzida. Ela irradia sua sexualidade polimorfa, livre, ao mesmo tempo em que recebe as significações da sexualidade adulta genitalmente centrada. Essa sedução insidiosa realiza-se no encontro de duas séries: a irrupção da sexualidade infantil como expressão das pulsões e a inoculação da sexualidade adulta através da mãe. A fantasia é uma formação extremamente complexa em que desejo e realidade estão presentes (Monzani, 2014, p. 54).

Não por acaso a teoria da sedução foi retomada no momento em que se destacam as cartas de Freud a Fliess. A própria estrutura da sedução partilha características com aquelas atribuídas ao sadismo e ao masoquismo: a alternância entre as posições ativa e passiva e a

⁴⁵ Enquanto fantasia originária, que diz respeito às origens, as fantasias de castração apontam para a origem da diferença dos sexos (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 76).

correspondente sintomatologia psíquica, a reação passiva-histérica e a reação ativa-obsessiva. O autor da sedução pode assumir tanto a posição ativa quanto ser alguém que, anteriormente, foi passivamente seduzido. Nesse contexto, observam-se fases distintas da sedução.

Por exemplo, no caso dos sintomas histéricos de uma criança que foi seduzida por um adulto, este assumindo a posição sádico-ativa e, portanto, perversa (Mezan, 2005, p. 209), a criança responde de maneira passiva, desenvolvendo sintomas histéricos. Essa histeria, como destacou Mezan (2005), seria “*a perversão repudiada*” (Mezan, 2005, p. 209).

Já no caso de uma criança que desenvolve sintomas obsessivos, sua reação à sedução é ativa: ela repete a cena seduzindo, por sua vez, outra criança. Não é coincidência, portanto, a ênfase no sadismo originário, especialmente quando se retoma a estrutura da sedução. Tal dinâmica pode ser observada também no ensaio de 1919, *Bate-se numa criança*, no qual Freud descreve três fases das fantasias, alternando entre posições de atividade e passividade de forma análoga à cena da sedução e às reações da criança. Dessa forma, a antiga teoria da sedução e sua posterior aderência sob a forma da fantasia edípica se revelam atravessadas por essa alternância estrutural entre atividade e passividade pulsional. Por isso que em *Pulsões e seus destinos* (1915), a oposição atividade e passividade é dada como uma das características gerais da vida sexual⁴⁶.

Em uma nota de rodapé, agora acrescentada em 1920 aos *Três ensaios* (1915), Freud escreveu, “antecipando algo que virá”, que a perversão é um *resto* (*Rückstand*) do desenvolvimento sexual orientado para o complexo de Édipo⁴⁷. Nesse sentido, a perversão aparece como um resíduo da trajetória pulsional infantil, tornando o sadismo e o masoquismo expressões de uma sexualidade outrora predominante no desenvolvimento infantil, mas que, devido ao recalque, quando reaparecem fixadas, adoecem o indivíduo. A citação a seguir aborda essa perspectiva:

Antecipando algo que virá, observo, sobre a gênese das perversões, que temos razões para supor que teria havido um começo de desenvolvimento sexual normal antes da fixação delas, exatamente como no caso do fetichismo. A investigação psicanalítica

⁴⁶ “Sadismo e masoquismo ocupam uma posição especial entre as perversões, já que a oposição entre atividade e passividade, na qual se baseiam, é uma das características gerais da vida sexual” (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 53).

⁴⁷ À guisa de uma melhor compreensão, é importante distinguir o uso da palavra “resto” em dois termos distintos empregados por Freud: *Rest* e *Rückstand*. No caso da perversão, Freud utiliza *Rückstand*, termo que pode ser traduzido como “atraso” ou “estagnação” no desenvolvimento sexual, indicando algo que ficou aquém de um curso esperado de maturação. Por outro lado, como discutido no segundo capítulo, o termo *Rest* aparece relacionado ao sadismo, designando não um atraso, mas um componente pulsional remanescente, uma permanência da sexualidade infantil que não constituiu, por si só, uma perversão. Assim, embora os termos possam ser traduzidos como “resto”, é fundamental compreender que ambos expressam noções diferentes e devem ser interpretados em registros distintos.

pôde mostrar até agora, em alguns casos, que também a perversão é o resíduo de um desenvolvimento rumo ao complexo de Édipo, após a repressão do qual reaparece o componente constitucionalmente mais forte da pulsão sexual (Freud, [1905/1920], 2016b, pp. 58-59, nota de rodapé 29).

Adiante, na segunda parte, será analisado o ensaio *Bate-se numa criança* (1919), em que se observa por que sadismo e masoquismo figuram como resíduos (*Rest*) do desenvolvimento do complexo de Édipo. Se a perversão representa uma passagem ou mediação no percurso rumo ao Édipo, há aqui algo de quase revolucionário do ponto de vista clínico: a aproximação entre as perversões e as neuroses de transferência e, portanto, a possibilidade de que as perversões sejam também acessíveis ao tratamento analítico. No entanto, essa possibilidade permanece em suspenso, pois Freud ainda trata a perversão como resíduo apenas em “alguns casos”, como observado na citação acima, mantendo-a sob reserva.

Ainda assim, a citação evidencia a ligação intrínseca entre os componentes das pulsões sexuais e a formação das perversões. Nessa direção, em uma nota de rodapé de 1924, mesmo ano da publicação de *O problema econômico do masoquismo*, acrescentada ao primeiro dos *Três ensaios* (1905), Freud escreveu, retomando o mesmo mote em que trata do sadismo e masoquismo⁴⁸: “A teoria das pulsões é a parte mais significativa, mas também mais incompleta, da teoria psicanalítica. Em trabalhos anteriores (*Além do princípio do prazer*, 1920, *O eu e o id*, 1923), fiz mais contribuições à teoria das pulsões” (Freud, [1905/1924], 2016b, p. 67).

Retomando, essa “ligação intrínseca” entre os componentes pulsionais e a constituição das perversões aparece com destaque no adendo ao segundo ensaio, *A sexualidade infantil*, especificamente na seção “Fases do desenvolvimento infantil”, acrescentada em 1915 — provavelmente em consonância com os acréscimos realizados também no primeiro ensaio. É nesse contexto que o autor introduz o conceito já discutido das organizações pré-genitais do desenvolvimento sexual infantil. Segundo Freud, as inibições ou perturbações que incidem sobre essas fases pré-genitais contribuem para reconhecer, retrospectivamente, os esboços e estágios preliminares de uma organização das pulsões parciais, os quais “constituem ao mesmo tempo uma espécie de regime sexual” (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 107).

Portanto, fases dominadas pelas pulsões parciais e zonas erógenas⁴⁹ correspondentes são, segundo Freud, normalmente percorridas, restando ao psicanalista apenas vislumbrar alguns indícios de sua existência (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 107). Todavia, é na patologia

⁴⁸ “A mais frequente (*häufigste*) e significativa (*bedeutsamste*) de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida, recebeu de Krafft-Ebing os nomes de *sadismo* e *masoquismo*, para suas formas ativa e passiva respectivamente” (Freud, [1905], 2016b, p. 51).

⁴⁹ Não há ainda a preponderância da zona genital.

ou na sintomatologia que essas fases, ao se constituírem como pontos de fixação, tornam-se ativas e, assim, mais facilmente reconhecidas. As fases pré-genitais refletem, nesse contexto, a ressurgência de “estados primitivos da vida animal⁵⁰” (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 108). Renato Mezan, em *Freud: pensador da cultura* (2005), afirmou que as zonas erógenas nas quais as pulsões sexuais se satisfazem configuram-se como esboços da “permanência da sexualidade animal no ser humano” (Mezan, 2005, p. 213), funcionando como um símile do hominídeo primevo.

Freud, na IV parte de *Totem e tabu* (1912), “O retorno do totemismo na infância” (1912), adere à hipótese darwiniana⁵¹ da horda primeva, segundo a qual os seres humanos viveriam em grupos organizados (hordas) em torno de um macho dominante e despótico. Esse pai originário (*Urvater*) detinha para si todas as fêmeas, que, conforme escreveu Freud, “ciumentamente guardaria dos outros homens” (Freud, [1912-1913], 2012, p. 193). Nesse estado primordial de indiferenciação, as relações eram regidas pela força e pela violência, e não pela linguagem. Os demais membros do grupo, submetidos à vontade única do pai, eram constantemente repelidos ao perderem pelo mais forte, o pai e chefe da horda, que detém para si todo o desejo ao possuir todas as fêmeas e o controle dos demais pela força. Não havia, nessa configuração arcaica, lugar para a sublimação, o recalque ou a proibição do incesto. A pulsão sexual, portanto, operava num solo propriamente perverso, ainda não submetido às exigências da cultura.

Esse modelo mítico da horda apresenta-se, em Freud, como estrutura fundamental para a compreensão tanto do processo civilizatório, quanto da constituição da sexualidade infantil. Nas neuroses e na sexualidade polimorficamente perversa da criança, Freud reconheceu vestígios psíquicos dessa era arcaica, resquícios que permanecem sob a forma de traços infantis, mecanismos primitivos e formações sintomáticas. O mito culmina com o retorno dos filhos expulsos, que, unidos, matam o pai despótico e, num ato de canibalismo, devoram sua carne. Por meio dessa incorporação, realizam a identificação com o pai assassinado, apropriando-se de sua força e de seu desejo (Freud, [1912-1913], 2012, p. 217), mas também adquirindo ao longo dos anos, um sentimento de culpa e responsabilização pelo ato. Esse assassinato coletivo, descrito por Freud como um crime original é, segundo Enriquez (1983), o ato fundador da passagem da vida natural à vida em sociedade, já que a delimitação do desejo onipotente do pai

⁵⁰ Em alemão (Alemanha): “*Rückfälle auf fröhntierische Zustände anmuten*” (Freud, [1905], p. 1611).

⁵¹ Não apenas a vida animal, mas também o mito é utilizado como âncora, sobretudo na tragédia de Édipo Rei de Sófocles. Próximo ao trágico do rei Édipo é o que Freud atenta em sua clínica a partir dos relatos de seus pacientes, o que esclarece e justifica a escolha bem feita da tragédia grega de Édipo para além das similaridades com o mito darwiniano: o conflito e cisão do homem entre a sua própria cegueira, o inconsciente, e por outro lado a consciência e o real, em que o ser humano é sempre trágico. As adições ao segundo ensaio refletem a consideração do mito na ótica freudiana enquanto complexo de Édipo e também a articulação com a perspectiva filogenética.

resultou num sistema de regras das relações sexuais e do desejo: o totemismo e o tabu do incesto.

Ao estabelecer um elo entre o arcaico e o infantil, a concepção da sexualidade polimórfica-perversa da criança emerge também como uma repetição individual de etapas filogenéticas. Assim, as fixações observadas na sexualidade infantil, e posteriormente, no adulto, seriam em parte, manifestações sintomáticas do retorno dessas organizações libidinais primitivas, expressas na vida psíquica individual.

As organizações sexuais pré-genitais serão, portanto, abordadas à luz desse espelhamento entre o neurótico e o primitivo, bem como entre o infantil e o arcaico. A primeira dessas organizações, por exemplo, é a fase oral ou canibal. Não apenas sua designação (canibal) remete ao passado arcaico da humanidade, como também os mecanismos pulsionais nela implicados. Nessa fase, a atividade sexual se manifesta por meio da incorporação (*Einverleibung*) do objeto, ocorrendo de forma simultânea à ingestão, sendo a mucosa bucal a principal zona erógena. A incorporação, por sua vez, dá lugar à identificação (*Identifizierung*) com o objeto de prazer, que passa a funcionar como modelo de satisfação e adquire papel psíquico relevante (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 108). Ambos os mecanismos, incorporação e identificação, são considerados por Freud como característicos da psique primitiva, válidos tanto para o humano ancestral, quanto para a criança. Supostamente, “a sequência ontogenética reproduz uma sucessão filogenética” (Laplanche, 1997, p. 25), ainda que essa repetição culmine numa organização final cujo objetivo é a genitalidade. Nesse percurso em direção à organização genital, Freud descreve a segunda fase pré-genital: a organização sádico-anal.

A segunda fase pré-genital é da organização *sádico-anal*. Nela já se encontra desenvolvido o antagonismo que permeia a vida sexual; mas os opostos ainda não devem ser designados como *masculino* ou *feminino*, e sim como *ativo* e *passivo*. A atividade é produzida pela pulsão de apoderamento, através da musculatura do corpo, e é sobretudo a mucosa intestinal erógena que se apresenta como órgão, com meta sexual passiva. As duas tendências têm objetos, mas eles não coincidem. Além disso, outras pulsões parciais atuam de modo autoerótico. Nessa fase, então, a polaridade sexual e o objeto externo já podem ser constatados. Ainda faltam a organização e subordinação à função reprodutiva (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 109).

É na fase sádico-anal, etapa da organização da vida sexual situada entre o segundo e o quarto ano de vida da criança, que a primazia libidinal se desloca para a zona anal. Essa fase está articulada à polaridade atividade-passividade, correspondendo, respectivamente, às tendências sádicas e ao erotismo anal (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 180). A atividade está relacionada à pulsão de apoderamento, que se expressa através da musculatura corporal; por sua vez, a mucosa intestinal assume o papel de zona erógena privilegiada, apresentando uma

meta sexual passiva. Essas duas inclinações possuem objetos, embora não coincidam. A zona anal torna-se, por conseguinte, a principal fonte de excitação, sendo o objeto de satisfação representado pela função de reter ou expulsar os dejetos, um domínio que já antecipa o embate entre o controle e a descarga pulsional.

O surgimento da oposição entre ativo e passivo no campo psíquico, vinculado à zona anal, dá origem ao que Freud nomeia como “antagonismo” que atravessa toda a vida sexual. Esse antagonismo exprime um conflito constitutivo, ou uma cisão interna do indivíduo entre forças conscientes e inconscientes, estas últimas continuamente portadoras de impulsos contrários e ambivalentes; fase arcaica em que a pulsão sexual ainda não está subordinada à função reprodutiva, mas já organiza relações complexas. Como, por exemplo, no caso da organização sádico-anal, em que já se pode admitir a polaridade sexual e a presença de um objeto externo.

Para compreender a dupla sádico-masquista e a concepção de perversão é fundamental recorrer a materiais anteriores aos *Três ensaios* (1905), sobretudo as correspondências entre Freud e Wilhelm Fliess, seu interlocutor privilegiado na formulação das primeiras hipóteses metapsicológicas. Nessas cartas, Freud antecipa ideias que mais tarde serão sistematizadas na teoria das pulsões sexuais e das organizações sexuais infantis. Um exemplo encontra-se na carta de 14 de novembro de 1897, escrita oito anos antes da publicação dos *Três ensaios* (1905), em que Freud elabora a noção de perversão de maneira intrínseca ao “ressurgimento” de zonas erógenas que, embora não desempenhem função sexual predominante no ser humano adulto, tiveram papel central na vida animal.

Segundo Freud, o recalque teria deslocado essas zonas, justamente as regiões anteriores, a região da boca e do ânus, para um plano secundário no desenvolvimento sexual, em virtude de barreiras como a repulsa, a vergonha e o processo de adaptação e diferenciação corporal em relação ao animal mamífero. Entretanto, tais zonas erógenas permanecem ativas na criança, cuja sexualidade polimorficamente perversa seria, nesse sentido, um espelho das camadas mais arcaicas da história humana. A criança, dotada de pulsões parciais, encenava, em sua economia libidinal, vestígios da sexualidade animal. Graças ao recalque, as zonas sexuais outrora privilegiadas pelo ser humano, a região da boca e do ânus, foram delegadas ao segundo plano no desenvolvimento sexual devido às barreiras de repulsa e vergonha e, também, da adaptação e diferenciação do corpo humano daquele animal mamífero.

Não apenas do animal mamífero; devido à presença das pulsões sexuais parciais era a criança que reproduzia faces da pré-história da humanidade. Tal formulação antecipa o princípio da teoria das pulsões parciais, a de que a sexualidade humana não é originariamente

organizada em torno da função genital e reprodutiva, mas se constitui a partir da ativação progressiva de zonas erógenas, cujas formas de excitação e satisfação conservam traços da animalidade. Na carta de 1897, Freud escreveu:

Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provêm delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão (Freud, [1897], 1986, pp. 280-281).

A carta de 14 de novembro foi precedida pela célebre correspondência de 21 de setembro de 1897 (Carta 69), na qual Freud expressou crescentes dúvidas e limitações em relação à Teoria da Sedução. Já nesse momento, delineava-se a necessidade de sua superação em favor de um projeto metapsicológico, em que a fantasia e a realidade psíquica ganham um papel central na constituição dos conflitos neuróticos. Grosso modo, a sedução acontecerá via fantasia. Um dos vestígios conceituais dessa reformulação é o termo *Agression*, que Freud utilizava para descrever as cenas sexuais infantis. No entanto, tais cenas passam agora a ser compreendidas não como lembranças de eventos reais, mas como construções da realidade psíquica vinculadas à teoria da libido e à figura do complexo de Édipo. Em suas palavras:

Não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram investidas pelo afeto. Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais (Freud, [1897], 1986, pp. 265-266).

Além disso, a suposição de que a neurose infantil se fundaria exclusivamente em atos de sedução por parte de adultos levava a uma consequência teórica insustentável: a de que haveria, proporcionalmente, mais adultos perversos do que neuróticos — o que implicaria uma espécie de “perversão universal” dos adultos (Freud, [1897], 1986, pp. 265-266; Monzani, 2014, p. 43). Ainda assim, permanece a centralidade da temática familiar como núcleo estruturante da fantasia sexual. É nesse contexto de impasse teórico que se destaca o mês de setembro de 1897, apontado por Monzani (2014) como uma data capital na história da psicanálise, pois marca o abandono e reconfiguração via fantasia da Teoria da Sedução.

É desta maneira que emerge, cada vez mais, a tragédia de Édipo como escopo do humano, a fim de explicar a *origem* — e a perversão — da “Sedução”, em que o crime de Édipo,

na tragédia sofocliana, se desloca do plano material para o da fantasia, em sua existência virtual. É possível notar como, nas correspondências anteriores, a perversão emergia enquanto dado efetivo da realidade material. Na carta de 6 de dezembro de 1896, Freud relatou:

Parece-me cada vez mais que o aspecto essencial da histeria é que ela decorre da perversão por parte do sedutor, e parece cada vez mais que a hereditariedade é a sedução pelo pai. Assim, surge uma alternância entre as gerações. Primeira geração: perversão. Segunda geração: histeria e conseqüente esterilidade. Ocasionalmente, há uma metamorfose num mesmo indivíduo: perverso durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, a histeria não é a sexualidade repudiada, e sim a perversão repudiada (Freud, [1896], 1986, p. 213).

A perversão é concebida, neste momento, como anterioridade imprescindível às formulações neuróticas, ideia que reformulada, permanece no escopo teórico freudiano, agora no plano da realidade psíquica. Tanto a neurose quanto a moralidade e a vergonha emergem às custas da sexualidade anormal. É por isso que se propõe aqui o uso do termo “virtual”, em contraposição à materialidade externa da sedução. Cabe também recorrer ao comentário de Laplanche em *Fantasia originárias, fantasias da origem, origens da fantasia* (1988), que destaca:

Acrescente-se, quanto à sedução, que não é apenas, como acreditamos ter mostrado, porque tinha se deparado com numerosos fatos reais de sedução que Freud pôde fazer de uma fantasia uma teoria científica, descobrindo finalmente por esse desvio a própria função da fantasia; é sobretudo, porque procurava explicar, em termos de origem, o modo como a sexualidade ocorre no ser humano (Laplanche, 1988, p. 62).

Porém, pode-se ressaltar o mês de outubro do mesmo ano, em que, nos dias 4 e 15 de outubro, a perversão e *Édipo Rei* (*Oedipus Rex*) emergiram em sua clínica e autoanálise: “De onde é que os pacientes retiram os pavorosos detalhes pervertidos que, frequentemente, são tão afastados de sua experiência quanto de seu conhecimento?” (Freud, [04 de outubro de 1897], 1986, p. 271). A figura de *Édipo Rei* espelha a pré-história do ser humano, ou seja, a infância que “tece” seus contornos perversos via fantasia.

Descobri, também com meu próprio caso, [o fenômeno de] me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não [ocorra] tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Semelhante à inversão da filiação [romance familiar] na paranóia — heróis, criadores da religião.) Se assim for, podemos entender o poder de atração do *Oedipus Rex*, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender por que o “teatro da fatalidade” estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitrária individual, como se pressupõe em *Die Ahnfrau* e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em

potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga do recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (Freud, [1897], 1986, p. 273).

Esse aprofundamento na compreensão da tragédia de Édipo será abordado na segunda parte da dissertação, mas revela a complexidade dos processos psíquicos que envolvem sentimentos contraditórios: amor, ciúme, atração e repulsa, características que Freud retomará explicitamente em 1915, quando acrescentar o conceito de ambivalência no segundo ensaio dos *Três ensaios* (1905). Este termo, emprestado do psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que o formulou em 1910 na obra *Demência Praecox ou Grupo das Esquizofrenias*⁵², aponta para a coexistência simultânea de sentimentos opostos dirigidos a um mesmo objeto, configurando um núcleo fundamental para a compreensão dos conflitos psíquicos.

A introdução do conceito de ambivalência nos *Três ensaios* (1905) tornou-se título de seção, mas recebeu de Freud um desenvolvimento bastante sucinto, restrito a apenas um parágrafo.

Essa forma de organização sexual pode se manter através da vida e atrair permanentemente grande parte da atividade sexual. A predominância do sadismo e o papel da cloaca da zona anal lhe emprestam um cunho singularmente arcaico. Outra característica é que os pares de pulsões opostas se acham desenvolvidos de modo aproximadamente igual, o que é designado com o termo feliz, introduzido por Bleuler, de *ambivalência* (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 109).

Vale destacar como, com o passar dos anos, o próprio termo “ambivalência” foi sendo progressivamente incorporado ao arcabouço conceitual freudiano. Neste trabalho, será vista essa incorporação sobretudo no que diz respeito à dupla sadismo/masochismo. Em *Totem e tabu* (1912), por exemplo, Freud dedica longa análise à ambivalência dos sentimentos em relação aos tabus, comparando-os aos sintomas obsessivos. O próprio conceito de tabu se revela ambivalente em si mesmo, pois comporta significações contraditórias:

Por um lado, quer dizer ‘santo, consagrado’; por outro, ‘inquietante, perigoso, proibido, impuro’. O contrário de tabu, em polinésio, é *noa*, ou seja, ‘habitual, acessível a todos’. Assim, o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão ‘temor sagrado’ corresponde frequentemente ao sentido de tabu (Freud, [1912-1913], 2012, p. 42).

De modo análogo aos que creem no poder do tabu, o neurótico obsessivo se comporta como se estivesse sob seu domínio. Por exemplo, o desejo de tocar determinada parte do corpo

⁵² As demais referências e citações pertencem à segunda edição italiana da obra (*Dementia praecox o il gruppo delle schizofrenie*), traduzida ao português por mim.

— interdita pelos costumes — é recalcado (a pulsão ligada à realização do toque), mas não é abolido. O recalçamento, ao lançar a pulsão no inconsciente, conserva tanto o desejo (fixação) quanto a proibição de realizá-lo. É nesse contexto que Freud define a atitude ambivalente: “Ele quer sempre realizar esta ação — o toque —, e a abomina” (Freud, [1912-1913], 2013, p. 58). Proibição (consciente) e desejo (inconsciente) coexistem, e a ambivalência somente possui efeitos psicológicos quando intervém o fator do recalçamento. Trata-se de uma proibição externa que se internaliza por meio da relação entre aquele que a aceita com passividade, e sofre, e aquele que ocupa o lugar ativo da autoridade (os pais, a sociedade). Essa autoridade pode, inclusive, gerar uma corrente oposta de hostilidade no inconsciente em contraposição à de obediência e até mesmo carinho no consciente (Freud, [1912-1913], 2012, p. 60).

Esse seria o quadro típico da ambivalência emocional. A postura ambivalente em relação ao objeto pressupõe uma dinâmica passivo-ativa e, a partir do recalçamento, instaura-se um compromisso entre representações opostas. Esse compromisso se cristaliza, por exemplo, nos sintomas obsessivos, que interessaram profundamente a Freud por expressarem, tal como os rituais primitivos associados ao tabu, um alto grau de ambivalência. Sem ambivalência, não há tabu (Freud, [1912-1913], 2012, p. 110). O neurótico repete, portanto, a luta entre a realização de seus impulsos psíquicos e, por outro lado, a realização das exigências da cultura. O sintoma emerge como compromisso formado a partir desse conflito, expressão de uma ambivalência que, para Freud, carrega uma “constituição arcaica como resíduo atávico⁵³” (Freud, [1912-1913], 2012, p. 110), resquício da ambivalência mais intensa vivenciada pelas sociedades primitivas.

Retomando a citação dos *Três ensaios* (1905), Freud insere a ambivalência como uma forma de organização sexual, isto é, uma das estruturas do desenvolvimento sexual cujos desdobramentos constituem a chamada vida sexual normal. Nessa sequência, Freud estabeleceu como etapas desse desenvolvimento as organizações pré-genitais, a ambivalência e a escolha de objeto em dois tempos. A ambivalência, como forma de organização sexual, remete à representação do objeto (autoerótica ou externa), de maneira semelhante à do primitivo e do neurótico, contextos nos quais se observa um maior grau de ambivalência em virtude da imaturidade da consciência e da incipiente imposição de barreiras morais, como o nojo, pela autoridade externa.

Na continuação do comentário sobre o trecho citado observa-se a interlocução com a segunda fase da organização sexual, denominada sádico-anal: “A predominância do sadismo e

⁵³ Em alemão (Alemanha): “*daß sie eine archaische Konstitution als atavistischen Rest mit sich gebracht haben*” (Freud, 1912-1913, p. 722)

o papel da cloaca da zona anal lhe emprestam um cunho singularmente arcaico⁵⁴” (Freud, [1905/1915], 2016b, p. 109). Aqui, Freud parece articular a ambivalência à oposição entre passividade e atividade, a partir da predominância do sadismo e do papel da zona erógena anal, ressaltando que a representação da cloaca evoca as múltiplas funções deste órgão.

Pode-se considerar, portanto, que a organização ambivalente emerge de forma embrionária da fase sádico-anal, já que é nesta que se manifestam, com maior nitidez, os pares de opostos pulsionais⁵⁵. Ainda assim, a ambivalência adquire, posteriormente, um lugar próprio enquanto forma de organização sexual, possivelmente em virtude de sua forte carga afetiva em sua organização, visto a predominância do sadismo e o papel da zona erógena. Portanto, pode-se pensar que a organização ambivalente emerge de forma incipiente na fase descrita como a sádico-anal, pois é nesta que também se observa a emergência dos pares de opostos. Não obstante, a ambivalência alcança um lugar à parte enquanto forma de organização sexual, talvez pela sua forte influência afetiva.

Concluindo, este capítulo explorou os acréscimos feitos por Freud aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, especialmente as edições de 1915 e 1924, que aprofundam a compreensão dos fenômenos perversos, com destaque para o sadismo e o masoquismo, enfoque da dissertação. Freud abandona progressivamente uma visão meramente desenvolvimentista da perversão (como desvio da sexualidade genital) e propõe uma articulação mais complexa entre disposições internas (constitucionais) e vivências externas (acidentais), mediadas não somente pela realidade psíquica singular do indivíduo, mas também pelas fantasias originárias.

Nesse percurso, vimos como Freud introduziu a hipótese filogenética, sugerindo que certas estruturas psíquicas arcaicas herdadas da espécie, como o componente agressivo e cruel da pulsão, a cena primária e a castração, operam como rudimentos que influenciam a constituição da sexualidade infantil. Essa perspectiva, reforçada pela articulação com *Totem e tabu* (1912), aproximou a psicanálise da biologia e da antropologia, ao sugerir que traços psíquicos herdados permanecem ativos no inconsciente sob a forma de fantasias, marcando tanto a formação das neuroses quanto das perversões.

O sadismo foi descrito por Freud como uma pulsão que progride da atividade à violência, até fixar-se no prazer de submeter o outro à dor. O masoquismo, inicialmente concebido como uma derivação do sadismo voltado contra o próprio sujeito, passa a ser

⁵⁴ Em alemão (Alemanha): “*Die Vorherrschaft des Sadismus und die Kloakenrolle der analen Zone geben ihr ein exquisit archaisches Gepräge*” (Freud, 1905/1915, p. 1612).

⁵⁵ A afirmação desta interpretação questionaria a existência da ambivalência na fase anterior, a oral. Também, introduz a problematizações que apontam para a possibilidade, por exemplo, de uma “autonomia” do sadismo de sua contraparte.

reconhecido, num acréscimo de 1915, como disposição originária ligada à passividade sexual, ao complexo de castração e ao sentimento de culpa, como foi analisado e proposto. Essa análise mostrou que, embora o sadismo e o masoquismo possam constituir formas clínicas de perversão, suas raízes estão inscritas nas estruturas fundamentais da sexualidade humana, sobretudo na constituição libidinal. Freud propôs que essas manifestações nem sempre são patológicas, mas fazem parte da dinâmica normal das pulsões, assumindo caráter perverso apenas quando a satisfação fica rigidamente fixada ou vinculada à dor, à submissão ou ao sofrimento do outro.

Portanto, perfazendo este terceiro capítulo, nota-se encontros indissolúveis da composição sádico-masoquista no escopo teórico freudiano ao tratar do arranjo da sexualidade como um todo, tanto da criança polimorficamente perversa, quanto do sofrimento neurótico. Isso se evidenciou no modo como Freud vinculou a raiz do sexual a outros compostos pulsionais (o agressivo-sádico e o passivo-masoquista), momento em que recorre, como já abordado, a hipótese filogenética para pensar o par sadismo-masoquismo em um sentido ampliado. Nesse enquadramento, essas pulsões são vistas também como vestígios, pistas da evolução da psique humana.

Foi contemplada ainda a afirmação de Freud agregada nos *Três ensaios* (1905) no ano de 1925 de que a perversão é um resíduo do desenvolvimento sexual ligado ao complexo de Édipo. Essa adição posterior reforça que o par sádico-masoquista compõe uma dinâmica organizadora da sexualidade. Inseridos na estrutura edípica, esses elementos contribuem para a compreensão da etiologia das neuroses. Essa articulação se tornará ainda mais evidente na análise das fantasias de surra desenvolvida na próxima parte do trabalho. Foi visto como o sadismo e masoquismo deixam de ser meras expressões patológicas e passam a integrar uma fase do desenvolvimento infantil, a organização sádico-anal, marcada pela alternância entre atividade e passividade. Esse deslocamento amplia sua função, atribuindo-lhes um papel estrutural na constituição do indivíduo.

Partindo do entrecruzamento entre ambivalência e dinâmica opositiva passividade-atividade da pulsão, nota-se como a ambivalência, tal como formulada por Freud, ganhou certa consistência a partir da leitura de *Totem e tabu* (1912) no presente trabalho, servindo de base para a adição feitas aos *Três ensaios* (1905) em 1915. Nesse sentido, o recalque aparece como operador de uma cisão no indivíduo, dividido entre desejo, agora recalçado, internamente “sujeitado” e passivo, e uma instância externa ativa, como a moralidade, que impõe obediência e sanciona a transgressão. Exemplo cujo objetivo foi entrever a articulação entre atividade e passividade como categorias também implicadas no processo civilizatório.

Dessa forma, evidencia-se a relevância teórica dos acréscimos realizados por Freud ao primeiro dos *Três ensaios* (1905), sobretudo nas edições de 1915 e 1924. Tais adições não apenas ampliam significativamente a concepção freudiana de sadismo e masoquismo, mas também aprofundam a articulação entre sexualidade e perversão. A análise desses desenvolvimentos revela-se, assim, fundamental para compreender o par sadismo-masoquismo nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Conclusão da primeira parte — Sadismo e masoquismo: peculiaridade ou generalidade?

Ao longo dos três capítulos que compõem esta primeira parte, buscou-se analisar a dupla sadismo-masoquismo, situando-a em sua gênese e em seus desdobramentos conceituais na obra freudiana. O objetivo central dessa parte da dissertação foi investigar a gênese e o desenvolvimento dos conceitos de sadismo e masoquismo, com o objetivo de compreender em que medida essas formações podem ser pensadas como manifestações patológicas específicas para se converterem em componentes estruturantes da sexualidade humana e da economia libidinal.

O primeiro capítulo evidenciou o modo como a herança médico-psiquiátrica, representada por Krafft-Ebing, estabeleceu parte da moldura inicial em que Freud inseriu suas reflexões. No paradigma da degenerescência, as práticas sádico-masoquistas estavam associadas ao escândalo social, à transgressão da moral e à anomalia médica. A leitura proposta de *Psychopathia Sexualis* (1886) permitiu resgatar a origem dos termos no interior de um modelo médico-patológico, cuja lógica da anormalidade foi deslocada por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Mais do que apropriar-se da nomenclatura herdada, Freud inscreve a dupla em uma trama conceitual própria, inaugurando uma compreensão da sexualidade que não exclui o desvio, mas o integra à norma em sua base constitutiva. O interesse do fundador da psicanálise não reside em definir condutas desviantes, mas em mostrar que os chamados “desvios” integram o próprio núcleo constitutivo da sexualidade, por meio da concepção de pulsão sexual.

No segundo capítulo, a análise recaiu sobre a edição original de 1905, com foco no primeiro ensaio, *As aberrações sexuais*. A leitura atenta das seções dedicadas às perversões mostrou a inserção do sadismo e masoquismo operando como exemplares privilegiados do funcionamento pulsional, em que o prazer e a satisfação de metas sexuais se vinculam à dor, em sua forma ativa e passiva. Diferentemente de outras formações, eles condensam de modo particular a duplicidade entre atividade e passividade, prazer e dor, dominação e submissão.

A organização sádico-anal, analisada nos *Três ensaios* (1905), demonstrou que o desenvolvimento infantil da sexualidade envolve a integração de impulsos ambivalentes que, longe de desaparecer, persistem como pontos de tensão no adulto. A perversão, nesse sentido, deixa de ser uma exceção clínica para tornar-se índice do funcionamento geral da pulsão, sobretudo na sexualidade infantil, perverso-polimorfa. Assim, a ambivalência pulsional e a oscilação entre atividade e passividade já aparecem, nesse momento, como elementos

fundamentais da constituição libidinal, articulando-se de modo particular na organização sádico-anal.

No terceiro capítulo, “*Sadismo e masoquismo é sobretudo perversão? Acréscimos ao ensaio de 1905*”, foi possível acompanhar a forma como Freud retornou ao tema do sadismo e masoquismo em 1915 e, posteriormente, em 1919, 1920 e 1924, ao considerar os acréscimos que não apenas ampliaram a compreensão dos fenômenos perversos, mas os elevaram à condição de paradigmas para o funcionamento dos sintomas e do inconsciente, para além de formas clínicas desviantes. O sadismo originário, assim defendido nas adições de 1915, indicou que a agressividade não é uma mera derivação acidental, mas um componente da pulsão sexual. Da mesma forma, o masoquismo surge em posição ainda mais enigmática: simultaneamente vinculado ao sentimento de culpa e à ambivalência edípica. De maneira incipiente, Freud posiciona o masoquismo como chave de compreensão ao sofrimento extremo, evidenciando o entrelaçamento entre prazer e dor na constituição do sintoma.

Deste percurso, algumas conclusões podem ser colocadas. Primeiramente, percebe-se que o sadismo e o masoquismo ocupam uma posição singular frente a outras perversões. Enquanto muitas podem ser descritas em termos de metas pulsionais específicas, estas duas se destacam por seu alcance mais amplo, que toca a própria estrutura das pulsões sexuais. Sua singularidade reside no fato de que, mais do que meros sintomas, revelam o modo como o indivíduo organiza sua economia de prazer e desprazer, sua relação com o outro e sua inserção na cultura. É justamente na seção dedicada ao masoquismo e sadismo que o termo “cultura” aparece pela primeira vez nos *Três ensaios* (1905), almejando um novo ponto de vista que compreende o fenômeno sádico-masoquista para além da “vida pulsional” individual, mas filogenética e civilizatória, ao se pensar quais os efeitos da dupla acerca das implicações morais e éticas num contexto coletivo.

O que se revela, portanto, é que o sadismo e o masoquismo não se limitam ao campo patológico, mas se inscrevem como “operadores” pulsionais do ser humano. Ora aparecem como formas clínicas do excesso, ora como traços latentes que atravessam a civilização. Nesse contexto, o sadismo e o masoquismo deixam de ser lidos apenas como polaridades pulsionais para ganharem contornos filogenéticos e civilizatórios. É nesse contexto que a afirmação feita por Freud em 1933, de que o sadismo e o masoquismo se tornaram a pedra angular da teoria da libido, vai ganhando sentido até a concepção das pulsões de vida e de morte, com a reformulação do conceito de masoquismo em *Além do princípio do prazer* (1920). Essa declaração não pode ser lida apenas como um comentário retrospectivo, mas como a síntese de uma trajetória cujo deslocamento teórico se inicia da descrição clínica das perversões à

postulação de uma estrutura pulsional complexa, dado a relação entre consciente e inconsciente, princípio de prazer e princípio de realidade, prazer e dor, atividade e passividade; em suma, os motores da vida psíquica.

Essa trajetória revela a importância dos acréscimos realizados por Freud ao longo dos anos até a sua obra de 1905. Esses desenvolvimentos não apenas aprofundam o entendimento do sadismo e do masoquismo, mas também sinalizam, como ressaltado, um deslocamento teórico significativo na concepção da dupla. O objetivo desta dissertação, nesse ponto, é traçar dentro do recorte temporal proposto, a genealogia do sadismo e masoquismo antes da Segunda Tópica e Segunda Teoria Pulsional. Para alcançar esses objetivos cabe adentrar, na próxima parte da dissertação, aos textos de 1915 e 1919, *Pulsões e seus destinos* e *Bate-se numa criança*, na medida que prenunciam também a virada teórica proposta por Freud, mas também apresentam problemáticas e paradoxos na construção dos conceitos de sadismo e masoquismo. Por esta razão, tais ensaios serão considerados neste trabalho como ensaios de transição.

PARTE II — AS RUÍNAS DE TEBAS: COMPLEXO DE ÉDIPO E MASOQUISMO

Capítulo 4 — Por que sadismo originário? A hipótese do sadismo originário no ensaio “Pulsões e destinos da pulsão” (1915)

Pode-se dizer que um dos conceitos base da psicanálise freudiana é o de pulsão (*Trieb*). No ensaio metapsicológico *Pulsões e seus destinos* (1915)⁵⁶ Freud se debruça sobre a construção dessa noção que, embora complexa e, em certa medida, obscura, revela-se indispensável para a compreensão da psicologia do inconsciente (Freud, [1915], 2010b, p. 53). No âmbito deste trabalho, será analisado como o sadismo e masoquismo assumiram, nesse ensaio, o papel de exemplares do destino pulsional, uma vez que ambos representam fusões entre aspectos agressivos mesclados a elementos libidinais, se tornando, portanto, direcionamentos pulsionais dentro da psique. Antes de examinar o sadismo e o masoquismo enquanto manifestações das vicissitudes pulsionais, é necessário compreender a concepção freudiana de pulsão.

Inicialmente, Freud recorre à fisiologia para desvendar as distinções e semelhanças entre dois “lados”: o primeiro, o aparelho psíquico e os estímulos pulsionais; o segundo, o funcionamento do arco-reflexo e dos estímulos externos e fisiológicos que, em sua maioria, provém do ambiente externo⁵⁷. O estímulo pulsional (*Trieb Reize*), ao emergir das demandas do aparelho psíquico, surge do interior do organismo e requer ações específicas para ser mitigado (Freud, [1915], 2010b, p. 54). Enquanto o estímulo fisiológico se apresenta como um impacto único e momentâneo, cuja resolução exige uma ação imediata, como a fuga diante de um perigo (a fonte de estímulo) (Freud, [1915], 2010b, p. 54), o estímulo pulsional se manifesta como uma força constante, que não cessa sua pressão no aparelho psíquico. Nenhuma ação de fuga externa seria capaz de abolir essa necessidade (*Bedürfnis*) pulsional.

Os estímulos pulsionais podem ser suavizados somente por meio da satisfação, como ressalta Freud, “mediante uma modificação adequada da fonte interior de estímulo” que os gerou (Freud, [1915], 2010b, p. 54). Eles funcionam como sinalizações da existência de uma realidade interior, impondo exigências que não podem ser resolvidas por ações externas (Freud, [1915], 2010b, p. 54). Dessa forma, a pulsão se distingue do simples reflexo fisiológico:

⁵⁶ No alemão: *Triebe und Triebchicksale*.

⁵⁷ Alguns exemplos de estímulos externos: a ação-reflexo dos olhos com o estímulo da luz natural ou artificial, as bases orgânicas da necessidade de fome e sede.

enquanto este é episódico e solucionável, a pulsão representa um impulso interno incessante que demanda um manejo do aparelho psíquico.

Assim, encontramos a essência da pulsão, primeiramente, em suas características principais: a origem em fontes de estímulos no interior do organismo, o aparecimento como força constante; e derivamos daí um outro de seus traços: sua irredutibilidade por meio de ações de fuga (Freud, [1915], 2010b, p. 55).

Numa perspectiva biológica, Freud recorre à noção de finalidade ou tendência para conceituar e ampliar a noção de pulsão. Retomando os estímulos externos e fisiológicos, que podem ser aplacados por uma ação motora alcançando o seu desfecho, observa-se que os estímulos pulsionais diferem significativamente: não podem ser liquidados por um mecanismo muscular ou por ações externas, permanecendo constantes em uma dinâmica psíquica que oscila entre prazer e desprazer⁵⁸. Ainda assim, Freud ressalta que o aparelho psíquico possui a *finalidade* de eliminar os estímulos internos e reduzi-los ao mais baixo nível (Freud, [1915], 2010b, p. 55), apontando para uma tendência de que a psique “gostaria de manter-se verdadeiramente livre de estímulos” (Freud, [1915], 2010b, p. 55).

É a impossibilidade da resolução completa dos estímulos internos que levam o sistema nervoso a controlar os estímulos, levando o aparelho psíquico a lidar com exigências de satisfação que vão se tornando cada vez mais complexas, alterando também o mundo exterior, a fim de satisfazer a fonte interna de estímulo. Assim, os estímulos internos não apenas condicionam o funcionamento da psique, mas também promovem o desenvolvimento e a progressão do sistema nervoso (Freud, [1915], 2010b, p. 56).

Nessa argumentação, Freud já esboça ideias que serão retomadas em 1920, em *Além do princípio do prazer*, ao discutir as pulsões de vida e de morte, termos que tensionam o princípio do prazer. Se este princípio opera visando a eliminação do desprazer, entendido como excesso de excitação, ele acaba, paradoxalmente, por servir às pulsões de morte, como observa Monzani (2014, p. 201), uma vez que tais pulsões atuam no sentido de reconduzir a substância viva ao estado inorgânico (Monzani, 2014, p. 201).

Da relação entre o corpo, isto é, o organismo e seus estímulos internos, a pulsão passa a ser compreendida por Freud como um conceito-limite ou fronteiroço entre o somático e o psíquico. Trata-se, portanto, de um representante psíquico dos estímulos que surgem do interior

⁵⁸ Por mais que esse processo seja relacionado ao funcionamento do princípio do prazer, Freud acautela o leitor: “cuidemos de preservar essa hipótese em toda sua indefinição, até que nos seja dado intuir a natureza da relação entre prazer-desprazer e as flutuações das grandezas de estímulos que atuam na vida psíquica. Certamente é possível que tais relações sejam muito variadas e bem pouco simples” (Freud, [1915], 2010b, pp. 56-57).

corpo (estímulos internos) e alcançam o espírito (*seele*) sob forma de uma representação psíquica (Freud, [1915], 2010b, p. 57). Observa-se, assim, que Freud buscou descrever os fenômenos psíquicos, elaborando os conceitos fundamentais da psique a partir de conceitos oriundos das ciências naturais, articulados ao material empírico da prática psicanalítica.

Aprofundando ainda mais conceito de pulsão no ensaio de 1915, Freud afirma que toda pulsão possui um impulso ou pressão (*Drang*), entendido como uma soma de força ou quantidade de trabalho que confere à pulsão o caráter de uma porção de atividade (Freud, [1915], 2010b, p. 57). Para Laplanche (1985, p. 18) o impulso é o elemento motor da pulsão. A pulsão tem como alvo ou meta (*Ziel*) a satisfação, alcançada pela mitigação do estímulo que provém de uma fonte somática (*Quelle*). Os alvos podem assumir variados caminhos e formas na tentativa de “suspender” o estímulo, podendo inclusive ser inibidas ou desviadas (Freud, [1915], 2010b, p. 58). O elemento que permite o alcance da meta é o objeto (*Objekt*), por meio do qual a pulsão se satisfaz.

O objeto, entretanto, não é fixo e nem pré-determinado à pulsão: ele é altamente variável e flexível, podendo ser, por exemplo, qualquer parte do próprio corpo, como ocorre no autoerotismo e pode se modificar ao longo dos destinos pulsionais da vida do indivíduo (Freud, [1915], 2010b, p. 58); dessa forma, o objeto não desempenha nenhum papel constitutivo, isto é, fundamental (Prado Jr., 1991, p. 48). Há, contudo, casos em que a pulsão se liga ao objeto de forma unilateral, ocasionando uma fixação da libido. Conforme denota Bento Prado Jr., em *Entre o alvo e o objeto do desejo*, Freud recorre a quatro pontos de referência (impulso, meta, fonte e objeto) para elaborar a noção de pulsão, situada na articulação entre o biológico e o psíquico (Prado Jr., 1991, p. 48):

Aqui [*Pulsões e Destinos de Pulsões*] Freud busca desenhar o horizonte do conceito de *pulsão* [para fixar o regime das pulsões], por oposição tanto à noção de instinto, propriamente dito [em sua dimensão biológica], quanto à de estímulo externo ou de arco-reflexo. Na obscura interface do biológico e do psíquico, a noção de pulsão é circunscrita através da fixação de quatro pontos de referência: pressão (*Drang*), alvo (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*) (Prado Jr., 1991, p. 48).

Antes de adentrar às vicissitudes das pulsões, Freud especifica ainda mais o funcionamento pulsional, dividindo as pulsões primordiais em dois grupos: as *pulsões do Eu* ou de *autoconservação*, e as *pulsões sexuais* (Freud, [1915], 2010b, p. 61).

A partir de seus estudos sobre as neuroses de transferência, a neurose obsessiva e a histeria, Freud observou que parte do conflito neurótico se originava entre as “exigências da sexualidade e as do Eu” (Freud, [1915], 2010b, p. 61). Para Laplanche (1985), o Eu aparece

como uma instância antes da Segunda Tópica, sendo visto como uma “unidade”, em contraponto às pulsões parciais, auto eróticas (Laplanche, 1985, p. 77). Como já mencionado nos capítulos anteriores, as pulsões sexuais são numerosas e podem se originar de diversas fontes orgânicas (as zonas erógenas).

Inicialmente, elas atuam independentemente uma das outras, mas, com o desenvolvimento, tendem a ser reunidas em torno de uma meta comum, ligada ao objeto genital, cuja função também é reprodutiva (Freud, [1915], 2010b, p. 63). Essas pulsões emergem *apoiando-se* nas pulsões de autoconservação, ligadas ao Eu (como a fome, por exemplo), e, gradualmente, vão se desligando delas, adquirindo ampla mobilidade em relação aos seus objetos. Essa característica, a facilidade com que as pulsões sexuais podem trocar de objeto, explica o fato de que elas “são capazes de realizações que se acham abastadas de suas originais ações dotadas de objetivo” (Freud, [1915], 2010b, p. 64). Já as pulsões do Eu, ligadas à autoconservação do indivíduo *biológico*, não são sexuais (Laplanche, 1985, p. 80).

Neste capítulo, serão examinados apenas dois dos destinos das pulsões, aqueles relacionados ao sadismo e ao masoquismo⁵⁹. É precisamente em uma dessas vicissitudes das pulsões sexuais que se inscrevem o masoquismo e o sadismo no ensaio de 1915, cuja hipótese de um *sadismo originário* se justifica pelo fato de que a pulsão pode *voltar-se contra a própria pessoa*, sendo o masoquismo o exemplo do retorno de um sadismo para o próprio Eu; esse seria um dos destinos pulsionais, no qual há a mudança de objeto com meta inalterada. Outro destino pulsional é o da *reversão no contrário*, que inclui tanto o processo da *conversão da atividade em passividade* quanto o de *inversão de conteúdo* (Freud, [1915], 2010b, p. 64). O de conversão da meta ativa para passiva também se encontra na transformação do sadismo para o masoquismo.

O par sadismo-masoquismo é o primeiro exemplo que Freud apresenta ao tratar dos destinos pulsionais, seguido das considerações sobre voyeurismo-exibicionismo:

Exemplo do primeiro processo (reversão no contrário) se acham nos pares de opostos, sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo. A reversão diz respeito apenas às *metas* da pulsão; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado. A inversão de conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio.

A *volta contra a própria pessoa* nos é sugerida pela consideração de que o masoquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio Eu, e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. A observação psicanalítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra a sua pessoa, e o

⁵⁹ Os quatro destinos da pulsão são: a reversão no contrário; o voltar-se contra a própria pessoa; a sublimação e a repressão. Apenas os dois primeiros são vislumbrados nesse ensaio.

exibicionista, do seu desnudamento. O essencial no processo, portanto, é a mudança de *objeto* com a meta inalterada (Freud, [1915], 2010b, p. 65).

Ambos os destinos pulsionais — a volta contra a própria pessoa e a conversão da atividade em passividade — coincidem na dupla sadismo-masoquismo. Para explicitar esses processos, Freud realiza uma dissecação em etapas das duas vicissitudes pulsionais implicadas na passagem do sadismo ao masoquismo:

- a) O sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo uma outra pessoa como objeto.
- b) Esse objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com a volta contra a própria pessoa também se realiza a transformação da meta pulsional ativa em passiva.
- c) Novamente se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito (Freud, [1915], 2010b, p. 65).

Freud descreve três etapas nessa transformação do sadismo em masoquismo. A primeira delas, designada como “a)”, apresenta o sadismo em sua forma fundamental: prática de violência ou agressividade e exercício de poder sobre um outro, que funciona como objeto de satisfação. Trata-se do sadismo que requer necessariamente um objeto externo (masoquista), o que permite indagar se esta seria sua manifestação “propriamente dita”.

A segunda etapa, “b)”, corresponde ao processo de reorientação pulsional denominado por Freud de “voltar-se contra a própria pessoa”. O indivíduo que, até então ocupava a posição sádica, abandona o seu objeto externo (o “masoquista”) (Freud, [1915], 2010b, p. 66). Esse desligamento pulsional do objeto externo culmina em um ajuste de percurso, cujo substituto ou novo alvo passa a ser a própria pessoa. A pulsão retorna ao indivíduo que anteriormente assumia a posição sádica (Freud, [1915], 2010b, p. 66).

Com o retorno da pulsão ao próprio Eu, Freud assinala, ainda nessa etapa intermediária da transformação entre sadismo e masoquismo, a mudança ou transformação da meta pulsional ativa para passiva. Contudo, a etapa “b)” não configura ainda o masoquismo, mas um momento transitório em que o indivíduo não busca outra pessoa para desempenhar a função de “sádico” (Freud, [1915], 2010b, p. 66). É apenas na etapa “c)” que se estabelece o masoquismo propriamente dito, quando ocorre a escolha de um objeto externo destinado a ocupar o lugar de sujeito da ação sádica, ao passo que o masoquista assume a posição de “sujeitado” (Freud, [1915], 2010b, p. 66). Sobre essa última etapa, Freud destaca:

O caso *c* é o que comumente se chama de masoquismo. Também com ele a satisfação se dá pela via do sadismo original, o Eu passivo se colocando em fantasia, no seu lugar

anterior, agora deixado ao novo sujeito. É bastante duvidoso que exista uma satisfação masoquista mais direta. Não me parece ocorrer um masoquismo original, que não surja a partir do sadismo, da maneira descrita (Freud, [1915], 2010b, p. 66).

Delineia-se, assim, a hipótese freudiana de um sadismo original, em oposição à inexistência de um masoquismo originário. No ensaio de 1915, Freud ainda sustenta a primazia do sadismo, sendo o masoquismo uma decorrência derivada dele. A satisfação do masoquista, portanto, permanece referida ao sadismo original, na medida em que o novo sujeito eleito na última etapa funciona como representante fantasioso desse sadismo anterior, de um Eu tornado passivo (Freud, [1915], 2010b, p. 66). Ao longo dessas etapas, observa-se que é indispensável a presença de um objeto externo que execute as ações sádicas dirigidas a um outro Eu.

Na Parte I, capítulo três, observou-se que Freud acaba por designar o sadomasoquismo com certas ambiguidades terminológicas, estabelecendo distinções entre o sadomasoquismo “propriamente dito” e outras manifestações “lateralmente” associadas ao prazer sexual. Para lidar com tais “deslizes”, Laplanche (1985) propõe ao leitor a seguinte orientação:

Somos obrigados, para melhor controlar e detectar os deslizamentos em jogo, a forçar na criação de uma terminologia mais rígida: reservamos, pois, os termos sádico (sadismo), masoquista (masoquismo) para tendências, atividades, fantasias, etc., que se comportam necessariamente, de modo consciente ou inconsciente, um elemento de excitação ou gozo *sexuais*. Assim nós os distinguirmos da noção de agressividade (auto ou hétero-agressividade) que, então, será considerada como de essência não sexual. Essa distinção prévia não supõe em absoluto a existência efetiva de uma agressividade não sexual e, inversamente, não desmente *a priori* que comportamentos comumente chamados “sádicos” possam em realidade depender de elementos instintivos não sexuais (Laplanche, 1985, p. 91).

Cabe acentuar que, em *Pulsões e seus destinos* (1915), não há uma definição acerca dos componentes não sexuais do sadismo e do masoquismo — cujos mecanismos derivam originalmente das pulsões sexuais — como é o caso da agressividade mencionada por Laplanche (1985). Ainda assim, a própria ambiguidade terminológica empregada por Freud pode sinalizar um modo de funcionamento que ultrapassa o registro estritamente sexual, retomando a função de *apoio* da qual as pulsões sexuais inicialmente dependem e, ao mesmo tempo, se distinguem⁶⁰.

⁶⁰ Contudo, a leitura de Laplanche (1985) conduz a uma interpretação segundo a qual o sadismo descrito na primeira etapa seria um termo empregado por Freud de maneira imprópria, já que, para Laplanche (1985), esse momento inicial corresponde a uma fase “não sexual”: o que se exterioriza em direção ao objeto é apenas agressividade. A etapa propriamente sexual, portanto, iniciar-se-ia no masoquismo e só posteriormente retornaria ao sadismo. Ocorre que, ao longo do texto freudiano, observa-se que já na primeira etapa há uma ênfase na excitação sexual própria do sádico, dado que o sadismo envolve uma ação orientada por um objetivo que excede a simples agressividade (subjugamento, infligir dor, destruir, humilhar) (Freud, [1915], 2010, p. 66). Além disso, convém lembrar que, nesse ensaio, Freud sustenta reiteradamente a primazia do sadismo, cuja ação é dotada de metas voltadas à satisfação pulsional.

Voltando à análise do ensaio, resta então a questão: como nomear a chamada etapa “b)”, se ela ainda não corresponde ao que habitualmente se denomina “masoquismo”?

A etapa “b)” corresponde ao estágio em que a pulsão sádica se volta para a própria pessoa, mas ainda sem a adoção de uma posição passiva diante de um objeto externo. O que se estabelece é um comportamento de castigo, tormento, humilhação de si mesmo. Para ilustrar esse momento intermediário entre sadismo e masoquismo, Freud recorre tanto a exemplos clínicos, como certos comportamentos obsessivos, quanto a uma analogia de ordem gramatical, a fim de explicitar que, nesse estágio, a pulsão sádica encontra-se “paralisada” no próprio Eu (Freud, [1915], 2010b, p. 66).

Nessa perspectiva, o *verbo* que sinaliza a *ação* ou *estado* do sujeito situa-se entre o modo ativo e passivo. Enquanto o sadismo “ativo” exige um verbo como ação “ferir” ou “machucar”, e o masoquismo “passivo” supõe construções como “ser ferido”, “ser machucado”, o estágio “b)” manifesta um *verbo* nem ativo nem passivo, mas reflexivo. Esse modo verbal expressa ações praticadas pelo próprio sujeito sobre si mesmo, de modo que quem realiza também recebe a ação: “ferir-se”, “machucar-se” (Freud, [1915], 2010b, p. 66). O que antes se dirigia para fora retorna ao Eu, colocando o indivíduo numa posição de autoflagelo.

Freud sintetiza esse ponto afirmando: “A transformação vai somente até o estágio *b*. A ânsia de atormentar se torna tormento de si mesmo, castigo de si, e não masoquismo. O verbo ativo não se transforma no passivo, mas num médio-reflexivo” (Freud, [1915], 2010b, p. 66). Não há, portanto, um masoquismo original no ensaio de 1915, mas apenas um percurso derivado, que parte de um sadismo primordial. Rosenberg (2003), denomina essa fase “b)” de *auto-sadismo*, entendido como um sadismo refletido, voltado contra o próprio indivíduo. Sua interpretação o leva a situar, nessa etapa, o surgimento da culpa, em razão do caráter autopunitivo que aí se manifesta, dinâmica cujo desdobramento conduziria ao masoquismo (Rosenberg, 2003, p. 59)⁶¹.

Freud também discute, nesse contexto, a diferença entre as metas ativas e passivas da pulsão no sadismo e no masoquismo. No texto, o masoquismo emerge, em contraste com o sadismo, como uma forma de satisfação em que o prazer se liga de modo mais direto à dor, diferentemente do primeiro, no qual predomina a excitação sexual intensa que não depende, originalmente, da imposição de dor. Como observou Freud:

⁶¹ Tal leitura, contudo, só se torna possível mediante o recurso a obras posteriores, uma vez que a análise proposta por Rosenberg se articula à Segunda Tópica, introduzida por Freud em *O eu e o id* (1923). Não há também, ainda no ensaio de 1915, nenhuma alusão ao complexo de Édipo no processo da transformação entre o sadismo e o masoquismo. É somente no ensaio *Bate-se numa criança* (1919) que a questão edípica passa a emergir de modo explícito como solo e gênese das perversões.

Mas a psicanálise parece mostrar que infligir dores não se relaciona com as originais ações da pulsão dotadas de objetivo. A criança sádica não leva em conta a imposição de dor e não tem esse propósito. Uma vez efetuada a transformação em masoquismo, porém, as dores se prestam muito bem para uma meta masoquista passiva (Freud, [1915], 2010b, p. 67).

No masoquismo, as sensações dolorosas “invadem a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em virtude do qual se admite também o desprazer da dor” (Freud, [1915], 2010b, p. 67). Assim, o masoquismo acolhe de modo mais explícito a presença simultânea de dor e do deleite, configurando a vivência paradoxal do prazer obtido por meio do desprazer. Freud admite ainda a possibilidade de retorno do sadismo — isto é, da meta sádica de infligir dor — no funcionamento masoquista, de modo que o masoquista pode fruir “masoquisticamente” ao identificar-se com o objeto que sofre (e que, nesse movimento, também encarna um papel masoquista) (Freud, [1915], 2010b, p. 67). Evidencia-se, dessa forma, a flexibilidade do deslocamento pulsional entre sadismo e masoquismo, ainda que a fruição da dor se manifeste de forma mais acentuada no masoquista.

Naturalmente se frui, em ambos os casos, não a dor mesma, mas a excitação sexual que a acompanha, o que é particularmente cômodo na posição do sádico. Portanto, fruir a dor seria uma meta originalmente masoquista, que no entanto só se tornaria uma meta pulsional em alguém originalmente sádico (Freud, [1915], 2010b, p. 67).

Desta forma, Freud reforça a tese de que o masoquismo deriva do sadismo: a pulsão busca uma ação dotada de objetivo que ultrapassa a mera fruição da dor. As sensações dolorosas são, portanto, secundárias em relação à meta pulsional sádica, cuja finalidade é a *excitação sexual*. A dor só se torna efetivamente uma meta pulsional — e, portanto, condição do masoquismo — em alguém cuja estrutura pulsional foi inicialmente sádica (Freud, [1915], 2010b, p. 69). Ao retratar as etapas das vicissitudes pulsionais através do sadismo e do masoquismo, Freud desenvolve uma teorização do funcionamento agressivo e punitivo, mesmo que logo encoberta em 1920 com *Além do princípio do prazer* (Laplanche, 1985, p. 90). Convém enfatizar que ambas vicissitudes pulsionais analisadas, a reversão da atividade em passividade e a volta contra a própria pessoa, não substituem a orientação pulsional originária do aparelho psíquico (Freud, [1915], 2010b, p. 69).

Aqui, a perversão sádico-masoquista emerge quando se completa o destino pulsional de reversão (Valas, 1990, p. 65). Assim, conforme Valas (1990), o sadismo ou o masoquismo enquanto formas perversas manifestam-se de acordo com o lugar que o “sujeito” e seu “parceiro” ocupam na dinâmica pulsional:

No sadismo, o sujeito atormenta o parceiro tomado como objeto e goza, de forma masoquista, pela erotização dos tormentos que lhe aflige; no masoquismo, o sujeito se faz objeto diante do parceiro transformado no seu fantasma, e goza pela erotização da dor infligida pelo parceiro (Valas, 1990, pp. 65-66).

Assim, a orientação ativa da pulsão continua coexistindo ao lado da passiva. O cenário descrito por Freud aproxima-se do funcionamento de um vulcão com suas ondas magmáticas: cada série de ondas, assim como as diferentes metas das pulsões, pode ser decomposta, mas todas derivam de uma erupção pulsional que permanece inalterada, enquanto as ondulações subsequentes são suscetíveis de modificações (Freud, [1915], 2010b, p. 69). Nesse quadro mais amplo, torna-se possível avaliar a evolução das vicissitudes pulsionais a partir dessa “cratera” denominada inconsciente, lugar no qual a pulsão se inscreve primordialmente (Monzani, 2014, p. 213).

O movimento pulsional entre atividade e passividade é retomado por Freud com o termo discutido no capítulo 3 deste trabalho: *ambivalência*, conceito incorporado nos *Três ensaios* (1905), no mesmo ano da publicação de *Pulsões e seus destinos*, em 1915. É na organização pré-genital sádico-anal que emergem as polaridades atividade e passividade, bem como a busca por um objeto cuja aniquilação ou destruição se torna possível pelo impulso agressivo de apoderamento. Nesse estágio, não há distinção entre ódio e amor; ambos aparecem misturados: satisfação autoerótica e perseguição de sensações desprazerosas, num movimento simultâneo de conservação e afirmação da vida (Freud, [1915], 2010b, pp. 78-79).

No mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto. Apenas com o estabelecimento da organização genital o amor se torna contrário do ódio (Freud, [1915], 2010b, p. 79).

Um ano antes, o ensaio igualmente metapsicológico *Introdução ao narcisismo* (1914) já apontava para fases do desenvolvimento sexual infantil em que as pulsões sexuais encontram satisfação no próprio corpo, em uma modalidade autoerótica. O autoerotismo é aludido também no ensaio de 1915, quando Freud aborda a transformação do sadismo em masoquismo. Ambas as vicissitudes da pulsão tratadas neste capítulo “dependem da organização narcísica do Eu, e carregam a marca dessa fase” (Freud, [1915], 2010b, p. 71), uma vez que o sadismo possui um estágio preliminar narcísico em que a volta para o próprio Eu, bem como a reversão da meta

ativa para passiva, apontam para um retorno ao objeto narcísico⁶². Neste processo, a pulsão agressiva retorna ao Eu que, de modo análogo ao narcisismo primário, passa a ocupar a posição de objeto.

Entre sadismo e masoquismo mantém-se sempre uma relação entre um indivíduo (o sujeito narcísico) e um outro Eu que, por meio da identificação, alterna entre as posições de dominado e dominador: “do mesmo modo, a transformação do sadismo em masoquismo significa um retorno ao objeto narcísico, enquanto nos dois casos o sujeito narcísico é trocado, mediante a identificação, por um outro eu” (Freud, [1915], 2010b, p. 71). Os destinos pulsionais que se desdobram no sadismo e no masoquismo permanecem submetidos às três polaridades fundamentais que regem a vida psíquica: *atividade e passividade, sujeito (Eu) e mundo externo (objeto)* e por fim *prazer e desprazer* (Freud, [1915], 2010b, p. 73).

Caberia então indagar, ainda que a resposta permaneça parcial, por que falar em um sadismo originário? Essa interrogação, que dá nome ao capítulo, abre o caminho para a conclusão; antes disso, porém, é preciso ressaltar um ponto que pode oferecer algum contorno possível à resposta. Em *Pulsões e seus destinos* (1915), observou-se que parte da elaboração do sadomasoquismo se estrutura a partir da defesa de um sadismo originário, isto é, da precedência de uma pulsão com a meta ativa. Não obstante, Freud já havia defendido o caráter originário do sadismo em uma correspondência enviada a Jung em 1909, no contexto de uma discussão sobre a neurose obsessiva. Sobre o sadismo, Freud escreve:

Em defesa do sadismo, gostaria de observar que sua natureza como componente originário da pulsão dificilmente pode ser colocada em questão, pois a função biológica fala a seu favor. Os fenômenos reativos, de modo geral, não têm a natureza que o sadismo nos mostra, pois revelam-se sempre passivos, restritivos. Que o mecanismo fundamental do tornar-se neurótico é o antagonismo entre as pulsões, o Eu como o que recalca, e a libido como o que é recalçado, sobre isso já concordamos [...]. Mas é curioso que nós, seres humanos, tenhamos tanta dificuldade em manter a atenção igualmente direcionada aos dois polos pulsionais e em levar o antagonismo entre Eu e libido também para a observação, que deveria abarcar ambos imparcialmente [...] Ao se fixar no Eu, que eu mesmo não estudei suficientemente, você corre igualmente o risco de cometer uma injustiça em relação à libido, à qual dei seu devido valor (Freud, [1909], Carta 169 F, pp. 305-306, tradução minha).

Freud reafirma a posição do sadismo na economia pulsional, inscrevendo-o desde o início da constituição da pulsão sexual (*ursprüngliche Komponente des Triebes*). A função biológica sugere ao sadismo um componente agressivo, ativo, vital e expansivo, indispensável à sobrevivência e afirmação da vida (defesa, dominação, controle). Essa natureza se evidencia

⁶² Sobre o objeto narcísico, Freud diz: “claramente buscam a si mesmos como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de narcísico” (Freud, [1914], 2010a, p. 32). O objeto narcísico, portanto, representa o objeto escolhido da maneira como o indivíduo “amava a si mesmo”.

para Freud na clínica, ao observar que, no processo de excitação sexual sádica, emergem também precipitados da agressividade oriunda da autoconservação, do *apoio*. É essa agressividade que, ao ser progressivamente “sexualizada”, transforma-se no sadismo propriamente dito, configurado nas etapas sistematizadas mais tarde, em 1915.

Outro ponto a ser considerado é a crítica de Freud à interpretação das neuroses⁶³: ao afirmar que o mecanismo fundamental da neurose se baseia no antagonismo e conflito entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, ele não apenas demonstra o conflito neurótico, mas também observa a tendência do ser humano a privilegiar o Eu, obscurecendo o caráter relacional das pulsões sexuais, ou seja, da libido. Ao atribuir primazia ao Eu, enfatizam-se aspectos que acabam por marginalizar toda a dimensão da libido. As forças do Eu, como a resistência, a autoconservação e as formações reativas, frequentemente mascaram seu contraponto: as pulsões sexuais, o conteúdo do inconsciente, o desejo. Caberia, portanto, ao psicanalista a *sustentação* das antinomias pulsionais, a ambivalência pulsional que o próprio Freud reconhece ao final do ensaio de 1915, quando formula a vida psíquica a partir de pares opostos.

Diferentemente do que propõe Laplanche (1985), não se trata, em *Pulsões e seus destinos* (1915), de delimitar um recorte temporal entre as etapas pulsionais — na transformação do sadismo em masoquismo — nem de atribuí-las ora às pulsões do Eu, ora às pulsões sexuais, como se o sadismo inicial fosse um momento “não-sexual” em que Freud teria sido impreciso em nomear. Trata-se de estabelecer um horizonte lógico: a necessidade conceitual de um sadismo originário inaugura as sustentações do conflito neurótico e do antagonismo pulsional, funcionando como um articulador conceitual, matriz da vinculação entre autoconservação e sexualidade. Com isso, funda-se a própria dualidade que atravessa o ser humano. Assim, o sadismo originário possui um propósito no escopo teórico de Freud. No intento de responder o título do capítulo, o lugar inaugural do sadismo advém como necessidade conceitual, parte da construção epistemológica da metapsicologia freudiana.

Birman traz em sua obra *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico* (2009) um ponto que se alinha com a perspectiva apresentada, a de que o sadismo originário evoca a afirmação da vida pelo indivíduo:

A retórica freudiana é muito clara no que concerne ao sadismo originário, pois o que estaria em pauta seria a armação da potência do ser que se contraporía ativamente à perturbação desprazerosa aniquilante. Se esse movimento seria marcado pela violência, o que se pretende com isso não é o aniquilamento do outro, bem entendido,

⁶³ Cf. Carta completa em: MCGUIRE; SAUERLÄNDER. *Briefwechsel Sigmund Freud/ C.G. Jung. Buchclub Ex Libris Zürich*. Carta 169 F (19 de dezembro de 1909). Viena, pp. 305-307, 1976.

mas a armação da potência de viver. Enfim, a armação da potência do ser seria marcada pela violência (Birman, 2009, p. 104).

Mesmo com as mudanças introduzidas por Freud em 1920, relativas ao sadismo e masoquismo, a partir do paradoxo do masoquismo e da evocação de sua originalidade, permanece evidente que o sadismo originário e a agressividade nele contida apontam para a potência ativa e afirmativa da vida do indivíduo, e não necessariamente para a destruição do objeto. Longe de constituir um resíduo secundário na dinâmica pulsional com o masoquismo, ele viabiliza a articulação entre sexualidade e preservação, funcionando como um princípio estruturante da vida psíquica, para além da perversão, mas também como via de compreensão do funcionamento da vida psíquica: a pulsão mantém sua forma mesmo com seus efeitos ambíguos ou desviados. Contudo, é também pela dinâmica sádico-masoquista que emergem certas manifestações perverso-neuróticas, cujo interesse será o enfoque do próximo capítulo, ao adentrar nas fantasias de surras de sadomasoquistas analisados por Freud.

Capítulo 5 — Ameaça de ruptura do edifício metapsicológico: o ensaio “Bate-se numa criança” (1919)

Para Laplanche (1985, p. 100), *Bate-se numa criança* (1919) é uma confirmação clínica de *Pulsões e seus destinos* (1915), pois serão nas fantasias sadomasoquistas narradas pelos pacientes de Freud, se observa como os destinos das pulsões se realizam. Porém, será visto também como essa linearidade e confirmação não é absoluta. Assim, o último capítulo desta dissertação recorre ao ensaio de 1919 com o objetivo de esclarecer a concepção de sadismo e masoquismo a partir dos impasses e deslocamentos que se produzem na própria compreensão dessa dupla perversa. Tais transformações emergem de forma incipiente no texto, especialmente no que concerne à teoria pulsional e à insistente irrupção do complexo de Édipo, agora articuladas por Freud a partir do material clínico de seus pacientes. Será possível observar, assim, como esse ensaio demarcou uma zona limítrofe entre a concepção de sadismo e masoquismo desenvolvida ao longo dos capítulos anteriores e uma outra em desenvolvimento, que passa a preparar o terreno para modificações decisivas tanto no plano metapsicológico quanto na clínica.

Portanto, justifica-se o sentido do título do capítulo. Ademais, o ensaio encerra não apenas uma zona limítrofe que antecede a emergência da Segunda Teoria Pulsional e da Segunda Tópica, bem como entre o sadismo e masoquismo, mas também dificuldades e impasses conceituais e interpretativos no interior do próprio texto, decorrentes das profundas transformações empreendidas por Freud a partir de 1920, que parecem já despontar neste escrito de 1919. Uma dessas questões, por exemplo, refere-se ao ponto de partida das fantasias de surra: tratar-se-ia de um movimento originariamente sádico ou masoquista? Tal indeterminação permanece em aberto, o que causa estranhamento quando confrontada com a defesa de Freud do sadismo originário. Trata-se de uma questão essencial para pensar o funcionamento libidinal da dupla sádico-masoquista, bem como a articulação das pulsões a partir da encenação das fantasias e de sua inscrição no Complexo de Édipo.

Desta forma, “*Bate-se numa criança*” (1919) será tomado como um ensaio de transição: um texto que se inscreve em continuidade com os *Três ensaios* (1905), mas cuja redação ocorre aproximadamente no mesmo período dos esboços de *Além do princípio do prazer* (1920) e de *O infamiliar* (1919) (Iannini; Tavares *apud* Freud, [1919], 2016c, p. 119). Além disso, trata-se também de um escrito diretamente voltado à problemática do masoquismo, como o próprio Freud indica em carta a Ferenczi, em janeiro de 1919: “Ainda estou totalmente absorvido. Provavelmente em breve redigirei em versão definitiva algumas inovações específicas acerca

da gênese do masoquismo” (Freud, 1914-1919, Carta 787, p. 329). O texto foi finalizado em março de 1919, momento em que *Além do princípio do prazer* já se encontrava em elaboração, o que demarca de modo significativo o contexto histórico-teórico de sua redação.

Concluí um trabalho bastante extenso, de 26 páginas, sobre a gênese do masoquismo, que leva o título *Batem numa criança*. Um segundo, com o misterioso cabeçalho *Além do princípio do prazer*, está em andamento (Freud, 1914-1919, Carta 794, p. 335, tradução minha).

Embora nas correspondências com Ferenczi Freud tenha salientado que o ensaio se orienta ao masoquismo, o próprio título, “*Bate-se numa criança*”: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, indica um alcance que ultrapassa esse registro específico ao longo de suas seis partes, estendendo à compreensão das perversões no interior do campo psicanalítico e, de modo mais amplo, ao funcionamento neurótico, a partir das fantasias e de sua articulação com o complexo edípico.

Cabe ressaltar ainda um possível fator adicional para o caráter emblemático e contraditório do ensaio, para além das formulações de seu edifício conceitual. Aspecto que, embora relevante, não será aprofundado nesta dissertação. Trata-se do fato de que a análise apresentada por Freud tem como objeto uma análise das fantasias de sua filha, Anna Freud⁶⁴. Marco Antonio Coutinho Jorge (2020, p. 7) assinala que, para alguns estudiosos, certas contradições do texto poderiam estar relacionadas à dinâmica transferencial própria dessa relação. Tal vínculo, contudo, não será aqui desenvolvido, permanecendo o foco na análise do ensaio em si, sobretudo no que diz respeito ao sadismo e masoquismo.

Cumprir assinalar que o título original, *Ein kind wird geschlagen*, recebeu diferentes traduções para o português, entre as quais se destacam “batem numa criança”, “bate-se numa criança”. Do ponto de vista estritamente gramatical, a tradução mais próxima do original seria “uma criança é espancada”, uma vez que, no alemão, a construção se apresenta na voz passiva, com a criança ocupando a posição de sujeito passivo da situação. Nessa formulação, embora o agente da ação permaneça desconhecido, a cena descreve uma situação delimitada, na qual a criança é claramente identificada como alvo da violência, de forma mais contundente. Continuando, o polo masoquista tende a se apresentar de forma mais nítida, ao passo que “bate-

⁶⁴ O ingresso de Anna Freud no círculo psicanalítico deu-se com a publicação de um ensaio, fruto de sua análise com o pai, Freud. Intitulado “Fantasias de surra e devaneios”, apresentado em 1922 e redigido com o apoio de Lou Andreas-Salomé, o trabalho garantiu também sua entrada como membro na Sociedade de Viena (Jorge *apud* Freud, 2020, p. 18).

se numa criança” acentua a impessoalidade da cena, apagando o agente da ação e deslocando o foco para o ato de bater. Grosso modo, o título da obra é a representação de uma fantasia.

A primeira parte introduz as características das fantasias de surra a partir da descrição freudiana extraída de seus pacientes: em todos os casos, trata-se de cenas em que crianças são espancadas. Tais fantasias são endereçadas à clínica no contexto de um adoecimento neurótico — obsessivo ou histérico — na vida adulta, conduzindo o sujeito ao tratamento psicanalítico em razão do prazer e vício que elas produzem. Esse prazer, tanto psíquico quanto corporal, culmina em satisfação genital-masturbatória de modo reiterado e recorrente, não mais de forma voluntária, mas sob o caráter obsessivo e involuntário da repetição (Freud, [1919], 2010c, p. 294). Cabe salientar que o prazer se encontra no ápice da cena imaginada.

Essas fantasias são apresentadas na análise de Freud, como ele mesmo escreve, de maneira vacilante, marcada por oscilações, e a lembrança do momento em que surgiram pela primeira vez mostra-se incerta. Esse resgate mnêmico é essencial a fim de reconstruir a cena encontrando o seu material latente (Freud, [1919], 2010c, p. 294). Freud pressupõe a atuação evidente das barreiras do recalque, que dificultam o trabalho analítico e se opõem ao reconhecimento da origem das fantasias. A esse obstáculo somam-se a vergonha e o sentimento de culpa do paciente em relação ao tema, intensificados até mesmo quando comparados a outras recordações das primeiras lembranças da vida sexual (Freud, [1919], 2010c, p. 294). Ainda assim, Freud logra circunscrever o período em que tais fantasias se iniciaram: antes mesmo da idade escolar, por volta do quinto ou sexto ano de vida (Freud, [1919], 2010c, p. 294).

Observa-se, então, o modo como o processo de reconstrução da fantasia se desenrola no contexto analítico. Embora tenham sua origem em um período precoce e tenham sido posteriormente esquecidas, essas fantasias reaparecem e são reativadas no período escolar ou em demais vivências com contexto de violência. Há, portanto, um tempo originário de constituição seguido de um segundo momento no qual um acontecimento externo atua como gatilho, despertando-as e investindo-as libidinalmente. Não apenas são reativadas, mas também fortalecidas e, em certos casos, modificadas em seu conteúdo, passando a se articular, por exemplo, ao cenário escolar da criança. Assim as fantasias resgatam um material latente, uma cena escondida, de um tempo primordial, filogenético.

De modo próximo ao que é reconstruído em *O homem dos lobos* (1914-1918), tratar-se-ia aqui de uma cena ou fantasia originária, posteriormente modificada pelas vivências ontogenéticas. Entre essas influências, Freud menciona a literatura, a observação de castigos aplicados a outras crianças, a violência no contexto familiar e escolar e a própria atividade imaginária infantil, pela qual a criança elabora cenas em que o conteúdo de surra era seguido

de punição em decorrência do mau comportamento ou da maldade atribuída à criança espancada (Freud, [1919], 2010c, p. 295). No entanto, o deleite não se produzia da mesma maneira diante do real externo, por exemplo, ao presenciar efetivamente uma criança sendo golpeada, como ocorria na fantasia, isto é, na realidade psíquica. da mesma maneira com o real externo, por exemplo, ao observar uma criança sendo golpeada, conquanto ocorria na fantasia, na realidade psíquica. Observa-se, inclusive, a presença de sentimentos de repulsa e de cuidado em relação à criança agredida, por vezes até mesmo no âmbito da fantasia. Tal ambivalência justifica a atuação dos componentes da barreira do recalque, em constante negociação com os conteúdos inconscientes, de modo que, ao longo do desenvolvimento, as fantasias se tornam progressivamente mais refinadas, complexas e de acesso mais dificultado em razão do fortalecimento dessas barreiras (Freud, [1919], 2010c, p. 295).

Diante disso, impõe-se a questão acerca da importância dos fatores externos na constituição das fantasias de surra, sobretudo no que se refere as punições físicas. Freud observa que seus pacientes, em sua maioria, raramente haviam sido submetidos a castigos corporais na infância. Ainda assim, ressalta:

Mas, naturalmente, cada uma dessas crianças tivera de sentir em algum momento a superior força física dos pais ou educadores; não é preciso sublinhar que não faltaram golpes normais entre crianças que viveram sob o mesmo teto (Freud, [1919], 2010c, p. 296).

É enfatizado, assim, o papel das figuras de autoridade e sua relação com a força física. A criança em desenvolvimento experimenta-se, em alguma medida, como indefesa, subjugada e frágil diante daquele que detém maior poder. O confronto, que Freud qualifica como natural, ocorre sobretudo entre crianças, sob a forma de disputas de força. É próprio da infância que haja conflitos, brigas e rivalidades, elementos que integram o campo das experiências corporais e relacionais.

Há, portanto, uma orientação para a reconstrução das cenas com o objetivo de alcançar o fio que escapa à consciência e ao recalque: as fantasias antigas e simples, o material latente do desejo. No entanto, o que recebe de seus pacientes são respostas ainda nebulosas. As indagações formuladas por Freud revelam esse ponto cego; e a todas essas questões não havia respostas esclarecedoras, mas apenas uma formulação insistente: “Não sei nada mais; batem numa criança” (Freud, [1919], 2010c, p. 296):

Quem era a criança que apanhava? A que tinha a fantasia ou uma outra? Era sempre a mesma criança, ou, frequentemente, qualquer outra? Quem batia na criança? Um

adulto? Quem, então? Ou a criança fantasiava que ela mesma batia numa outra? Para todas essas questões não havia informação esclarecedora, mas apenas uma tímida resposta: “Não sei nada mais; batem numa criança” (Freud, [1919], 2010c, p. 296).

No que concerne ao objeto da fantasia, observa-se que, em sua maioria, tratava-se de meninos; frequentemente essa informação permanecia indefinida ou mostrava-se irrelevante. Não era o sexo da criança que ocupava o centro do interesse, mas o fato de ela ser golpeada. Outro elemento significativo, sublinhado por Freud, diz respeito ao modo como a cena se forma e se apresenta: a criança é espancada no traseiro, nu. O corpo infantil tem como algo de violência e punição as nádegas e, retomando a fase sádico-anal, pode-se inferir que tanto a pele quanto a zona anal, assim como a posição passiva da criança e a figura ativa do agressor, remetem ao funcionamento pulsional sádico-masoquista enquanto esquema fantasístico.

É nesse ponto que Freud encerra a primeira parte do ensaio formulando uma dúvida central, que permanecerá tensionada ao longo de toda a investigação: “Em tais circunstâncias não se podia resolver, inicialmente, se o prazer ligado à fantasia de surra devia ser chamado de sádico ou masoquista” (Freud, [1919], 2010c, p. 297).

Na segunda parte do ensaio, Freud aprofunda a compreensão das perversões sexuais ao articular a presença dessas fantasias e sua manutenção ao longo da vida, que, mantendo a satisfação autoerótica, serão compreendidas como um traço primário de perversão. Nesse registro, em continuidade com o que já havia sido proposto nos *Três ensaios* (1905), a perversão é concebida como um componente da função sexual que se desenvolveu de modo antecipado, tornando-se prematuramente autônomo e fixado. Tal fixação precoce cristaliza esse componente, mantendo-o à margem dos demais desenvolvimentos posteriores da sexualidade (Freud, [1919], 2010c, p. 297).

Esse traço infantil de perversão pode não se conservar ao longo da vida, assumindo diferentes destinos pulsionais, como a repressão, a sublimação ou a substituição por uma formação reativa. Contudo, quando tais destinos não se efetivam e a perversão persiste na vida adulta, pode-se inferir a existência de um evento fixado, isto é, aquilo que conduziu à fixação do componente sexual na infância (Freud, [1919], 2010c, p. 298). Coloca-se, então, a questão: o que conduz a essa fixação? Num primeiro momento, poder-se-ia supor que ela decorresse de um acontecimento externo, de uma vivência específica, hipótese inicialmente aventada por Freud.

Entretanto, a observação clínica revelou que as impressões fixadoras não possuíam caráter traumático, sendo, em geral, banais e destituídas de significado especial. Independentemente da natureza dessas impressões, bastava a adesão do componente sexual

premature, já disponível, para que ele se lançasse e se fixasse como prática sexual dominante (Freud, [1919], 2010, p. 298). Em outros termos, o evento externo oferece apenas o “ensejo” para a fixação; as condições decisivas para tal processo situam-se em outra instância, distinta da vivência em si, a saber, na constituição congênita do indivíduo (Freud, [1919], 2010c, p. 298). Como afirma Freud:

É certo que aí encontrávamos um limite da nossa compreensão, pois as impressões fixadoras não tinham nenhuma força traumática, eram geralmente banais e desinteressantes para outros indivíduos; era impossível dizer por que o impulso sexual fixara-se justamente nelas. Mas sua importância podia se achar no fato de haverem proporcionado o ensejo, ainda que casual, para a adesão do componente sexual prematuro e pronto para lançar-se, e devíamos prever que a cadeia de laços causais teria um fim provisório em algum lugar. A constituição congênita parecia justamente responder a todas as exigências para tal ponto de apoio (Freud, [1919], 2010c, p. 298).

O foco do ensaio, portanto, não recai propriamente sobre o ponto de apoio do componente investido, mas sobre o modo de funcionamento desses componentes. No texto em questão, Freud se detém especificamente nos componentes sádico e masoquista. Ao adentrar a problemática da perversão, ele introduz essa dupla como elementos da pulsão sexual que se tornam centrais para a compreensão das disposições futuras da libido, especialmente no que diz respeito ao objeto, à meta e à fonte pulsional. Freud também articula essas disposições a possíveis modalidades de adoecimento, como no caso do componente sádico da libido que, ao tornar-se autônomo e posteriormente recalçado, pode engendrar uma disposição neurótica:

Se o componente sexual que prematuramente se desprende é o sádico, formamos a expectativa, baseados em conhecimento adquirido em outras fontes, de que graças à posterior repressão dele surja uma disposição à neurose obsessiva (Freud, [1919], 2010c, p. 298).

Observa-se, assim, a presença de uma forte influência da antiga teoria da sedução, agora reelaborada em seu aspecto virtual e psíquico. Essa reformulação permite, em certa medida, a articulação de aspectos anteriormente concebidos como opostos, a perversão e a neurose. A perversão deixa de figurar de forma absoluta como o negativo da neurose. A neurose emerge, então, como uma possível via de elaboração de um traço perverso. Com essa hipótese e possível leitura, Freud aproxima estruturalmente a perversão sexual das neuroses, sugerindo a existência de um ponto comum entre ambas, algo partilhado entre elas.

É nesse contexto que Freud introduz os casos clínicos relativos às fantasias de surra. Ele comenta seis casos investigados, quatro de mulheres e dois de homens, sendo que o sexto não

é desenvolvido e comentado no ensaio. A maioria desses casos apresenta uma disposição para a neurose obsessiva:

Um bastante severo, incapacitante, outro menos grave, acessível a influência analítica, e um terceiro que evidenciava ao menos alguns traços nítidos de neurose obsessiva. Um quarto caso, admita-se era uma franca histeria com dores e inibições, e um quinto, que buscou a análise apenas por indecisões na vida, não seria classificado num diagnóstico tosco, ou seria despachado como “psicastenia” (Freud, [1919], 2010c, p. 299).

A segunda parte do ensaio se encerra com a apresentação desses casos clínicos, que servirão de base para a discussão subsequente acerca das fantasias de surra e do funcionamento sádico-masoquista. Na terceira parte do ensaio, Freud destaca o caráter congênito dos componentes sexuais e seu despertar a partir das vivências infantis. Nesse contexto, ele retoma a problemática filogenética, cuja busca pela cena primordial em sua clínica o conduz à formulação das fantasias originárias, esquemas herdados, precipitados da história da cultura humana, que vêm completar as vivências individuais por meio da fantasia (Mezan, 2005, p. 473), conforme explicitado em *O homem dos lobos* (1914-1918).

Ainda que Freud procure reconstruir clinicamente um evento originário, a gênese das fantasias originárias permanece ancorada em uma vivência individual. Sua tentativa de articular ontogênese e filogênese não elimina, contudo, o fato de que a inscrição e fixação dessas fantasias remetem a uma história primitiva e coletiva, ainda que se determinem no interior de uma trajetória singular. As fixações derivam, assim de uma sequência filogenética vinculada aos componentes pulsionais congênitos (Correa, 2015; Silveira, 2017, p. 182).

O período da infância em questão situa-se aproximadamente entre os dois e os cinco anos de idade. Os fatores libidinais congênitos articulam-se a complexos entendidos como esquemas pré-individuais que organizam as experiências infantis. As fantasias de surra, nesse sentido, carregam heranças ancestrais, assentadas não apenas na realidade psíquica, mas também em mecanismos de ordem biológica e heredogenética (Grubrich, 1987, p. 111). Freud afirma, assim, logo no início da terceira parte de *Bate-se numa criança* (1919), que tais fantasias constituem apenas o desfecho de um processo do desenvolvimento infantil, exigindo uma preparação de ordem filogenética. Há, portanto, uma anterioridade fundamental na sua formulação, situada no campo do desejo:

As fantasias de surra de que aqui tratamos se mostram apenas no final ou depois desse período. Bem pode ser, então, que elas tenham uma pré-história, que perfaçam um desenvolvimento, correspondam a um desfecho final, não a uma manifestação inicial (Freud, [1919], 2010c, p. 300).

A reconstrução dessa pré-história evidencia a complexidade da formação das fantasias de surra, cujas transformações incidem sobre a forma, o conteúdo, o significado e a posição do sujeito em relação à cena fantasiada. É nesse ponto que Freud descreve as diferentes fases dessas fantasias, iniciando-se pelas pacientes do sexo feminino.

A primeira fase das fantasias de surra das meninas, então, deve pertencer a um período remoto da infância. Algumas coisas nelas permanecem curiosamente indefinidas, como se não importassem. A pouca informação obtida dos pacientes na primeira comunicação, “Batem numa criança”, parece justificada para essa fantasia. Uma outra coisa pode ser determinada com certeza, no entanto, e sempre com o mesmo sentido. A criança que apanha nunca é a que fantasia, mas invariavelmente outra, em geral um irmão menor, quando existe. Como este pode ser menino ou menina, não pode haver aqui um nexo constante entre o sexo da criança que fantasia e o da que apanha. A fantasia não é certamente masoquista, então; talvez queira chamá-la de sádica, mas não se deve perder de vista que a criança que fantasia não é jamais aquela que bate. Permanece obscuro, no início, quem é realmente a pessoa que bate. Apenas uma coisa pode se constatar: não é outra criança, mas um adulto. Mais tarde esse adulto indeterminado será reconhecido, de maneira clara e inequívoca, como o *pai* (da menina) (Freud, [1919], 2010c, pp. 301-302).

Na reconstrução das fantasias de surra, Freud identifica um primeiro estágio, situado em um período remoto e indeterminado, que se configura como uma cena na qual outra criança é castigada, jamais a própria menina que fantasia. Cumpre destacar que Freud fornece pouquíssimas informações clínicas sobre suas pacientes; ainda assim, é possível situar essa cena como uma fantasia “simples e pura”, uma espécie de cena primária a partir da qual se desdobram as fases subsequentes, marcadas por crescente conflito. Nesse momento inicial, a criança que fantasia ocupa a posição de espectadora da cena de punição infligida a outra criança. A figura que bate não é inicialmente determinada com clareza, mas é desde logo reconhecida como um adulto (Freud, [1919], 2010, p. 302), o que Freud posteriormente explicita ao antecipar que esse adulto será o pai da menina que fantasia. A fórmula que encerra essa pré-etapa/etapa⁶⁵ é, então, “*meu pai bate na criança que odeio*” (Freud, [1919], 2010c, p. 302). Há aqui a presença da agressividade e crueldade na formulação da fantasia.

Nessa primeira fase da fantasia de surra, delineiam-se algumas características fundamentais: os dois objetos do deleite da menina são, de um lado, a criança que apanha (alvo dos seus sentimentos hostis e diante da qual ela assume uma posição ativa enquanto observadora) e, de outro, o pai, que ocupa o lugar do agente que bate, exercendo a função sádica da cena. Freud denomina essa fase preparatória como sádica, mas não há menção se a menina

⁶⁵ Freud fica em dúvida se essa primeira cena seria propriamente uma fantasia ou não. Por isso, pode-se pensar numa fase da fantasia, ou numa “pré-fase”, que inaugura as posteriores.

experimenta prazer ao imaginar a punição infligida à outra criança (Freud, [1919], 2010c, p. 302).

Se supormos que há prazer, contudo, este derivaria primordialmente das sensações visuais, do fato de assistir à cena, e não de uma posição sádica no sentido estrito, uma vez que a criança que fantasia nunca assume o lugar daquele que agride. É precisamente aí que se instaura uma zona de obscuridade teórica, pois Freud hesita em qualificar essa fase como propriamente sádica, ainda que mantenha essa nomeação: “talvez se queira chamá-la de sádica, mas não se deve perder de vista que a criança que fantasia não é jamais aquela que bate” (Freud, [1919], 2010c, p. 302).

Essa hesitação estende-se, inclusive, ao estatuto mesmo dessa primeira etapa, que Freud reluta em reconhecer plenamente como uma fantasia. Ele questiona se se trata efetivamente de uma construção da realidade psíquica, que é muito próxima à formação onírica, ou se estaria mais próxima de recordações, lembranças de cenas presenciadas ou mesmo de desejos ainda não plenamente organizados enquanto fantasia (Freud, [1919], 2010c, p. 302).

A segunda fase é particularmente emblemática, tanto por seu estatuto inconsciente quanto por seu caráter inequivocamente masoquista. Diferentemente da primeira, essa segunda etapa apresenta uma inversão decisiva das posições na cena. O pai permanece como agente agressor, mas a criança castigada passa a ser a própria criança que fantasia, agora marcada pelo prazer, pela satisfação: “*Sou castigada por meu pai*” (Freud, [1919], 2010c, p. 302). Trata-se de uma fase reconstruída em análise, jamais lembrada conscientemente, cuja importância reside menos em sua rememoração do que nas consequências estruturais que produz, sobretudo no que diz respeito ao caráter masoquista da punição e do castigo se agregarem ao prazer sexual. Somente na segunda fase das fantasias de surra que agressão e dor se agregam à satisfação:

Entre essa primeira fase e a seguinte ocorreram grandes mudanças. A pessoa que bate continuou a mesma, o pai, mas a criança castigada tornou-se outra, é invariavelmente a própria criança que fantasia; a fantasia é bastante marcada pelo prazer e adquire um significativo conteúdo, cuja procedência nos ocupará mais adiante: Ela diz, então: “*Sou castigada por meu pai*”. Ela tem caráter indubitavelmente masoquista (Freud, [1919], 2010c, p. 302).

A terceira fase, por sua vez, apresenta uma retomada estrutural da primeira, mas sob novas condições. Trata-se agora de uma fantasia consciente, relatada diretamente pelas pacientes, na qual o objeto da punição se desloca novamente. A criança que fantasia já não figura como aquela que apanha; em seu lugar surgem várias crianças, em sua maioria meninos, castigadas por uma figura masculina de autoridade que não é o pai, mas um representante deste.

A menina que fantasia retorna à posição de espectadora; quando interrogada, limita-se a afirmar: “*Estou olhando, provavelmente*” (Freud, [1919], 2010c, p. 303).

A situação monótona e simples da primeira fase agora pode receber diversos adornos: os castigos variam, a violência pode ser substituída por outras formas de humilhação, e as crianças castigadas não são conhecidas individualmente (Freud, [1919], 2010c, p. 303). A fantasia de surra, quanto mais consciente e manifesta, se torna mais complexa, agregando elementos que transbordam a simples agressividade presente na primeira fantasia sádica de surra (Freud, [1919], 2010c, p. 303). O elemento decisivo dessa fase, que a distingue da primeira ao mesmo tempo em que a articula à segunda, é a presença de uma excitação sexual intensa. A fantasia torna-se, assim, suporte de satisfação masturbatória, revelando sua ligação estrutural com a fase masoquista intermediária:

A terceira fase se assemelha novamente à primeira. Sua formulação é a que sabemos pelo comunicado da paciente. A pessoa que bate nunca é o pai, ela permanece indefinida, como na primeira fase, ou vem a ser, de modo típico, um representante do pai (como o professor). A própria pessoa da criança que fantasia já não aparece na fantasia de surra. Ao serem questionadas, as pacientes dizem apenas: “Eu estou olhando, provavelmente”. No lugar de uma criança que apanha, em geral, há muitas crianças. Com bem maior frequência, são garotos (nas fantasias de meninas) que apanham, mas elas não são conhecidos individualmente. A monótona situação original da surra pode experimentar as mais diversas alterações e adornos, e a surra mesma pode ser substituída por castigos e humilhações de outra espécie. Mas a característica essencial que distingue também as mais simples fantasias dessa fase daquelas da primeira, e que produz a relação com a fase do meio, é a seguinte: a fantasia agora é portadora de uma forte, inequívoca excitação sexual, e, como tal, permite a satisfação masturbatória. Justamente isso é enigmático, no entanto; por qual caminho essa fantasia, agora sádica, de que garotos desconhecidos apanham, tornou-se patrimônio duradouro dos impulsos libidinais da menina? (Freud, [1919], 2010c, p. 303).

É justamente esse ponto que Freud reconhece como enigmático: por qual via uma fantasia agora novamente sádica pôde se tornar um componente duradouro da vida libidinal da menina? Ao encerrar essa seção, Freud enfatiza a complexidade dos nexos entre as diferentes fases da fantasia de surra, bem como as dificuldades implicadas na compreensão de suas transformações e permanências (Freud, [1919], 2010c, p. 303).

Se, na terceira parte do ensaio, Freud se dedicou a enumerar e descrever as fantasias de surra, é na quarta parte que ele passa a adentrar mais detidamente seu conteúdo, retomando os anos da infância em que tais fantasias se situam e podem ser reconstruídas ou recortadas. O aspecto geral desse retorno permite evidenciar que a criança que fantasia encontra-se enredada em seu complexo edípico (Freud, [1919], 2010c, p. 304), o que Freud explicita logo de início:

A menininha está ternamente fixada ao pai, que provavelmente fez tudo para ganhar seu amor e que, dessa forma, inculca o gérmen de uma atitude de ódio e concorrência em relação à mãe, atitude que subsiste ao lado de uma corrente de terna dependência (Freud, [1919], 2010c, p. 304.)

A ligação objetal terna e amorosa com o pai é, desse modo, abalada e vivida como disputa em relação à mãe — sublinhando o caráter prematuro dessa escolha objetal incestuosa. A menina se contrapõe à mãe e mantém com ela uma atitude ambivalente, marcada simultaneamente pela dependência e pelo ódio (Freud, [1919], 2010c, p. 304). Porém, no contexto das fantasias de surra, essa hostilidade dirigida aos rivais pelo amor paterno não se manifesta diretamente em relação à mãe, mas a outras crianças, como aquelas que figuram na cena fantasiosa. Essas crianças, mais velhas ou mais novas, podem ser pensadas, segundo Freud, como irmãos ou equivalentes, isto é, como aqueles que disputam com a menina o amor dos pais (e precisam compartilhar tal amor) e que, por isso mesmo, tornam-se objetos de repulsa, ódio ou desprezo.

Logo, as fantasias de surra da primeira fase — nas quais o pai espanca outra criança — podem ser compreendidas como tentativas de realizar, via fantasia, o desejo da menina de sentir-se defendida e preferida pelo pai. A criança castigada figura como rival na disputa pelo amor paterno e, por meio da humilhação implicada no espancamento, a menina dá curso, de forma virtual, ao ódio dirigido a esse competidor. A primeira fantasia de surra expressa, portanto, a realização do amor exclusivo do pai pela menina que fantasia, obtida pela destruição do amor destinado à criança espancada (Freud, [1919], 2020c, p. 305).

É desse modo que Freud integra as fantasias de surra à lógica edípica, concluindo:

E muitas crianças, que acreditavam comandar seguramente o inabalável amor dos pais foram derrubadas, por meio de um só golpe, das alturas de sua presumida onipotência. Então é agradável a ideia de o pai bater nessa criança odiada, independentemente de tê-lo visto fazendo isso. Ela significa: “Meu pai não ama esse outro, *ama somente a mim*” (Freud, [1919], 2010c, p. 305).

Dessa forma, Freud elucida o conteúdo e significado da primeira fase da fantasia de surra, mostrando como ela satisfaz o ciúme infantil e “reforça seus interesses egoístas [da criança]” (Freud, [1919], 2010c, p. 305). Por essa razão, ele evita qualificá-la com segurança como uma fase puramente sexual ou propriamente sádica (Freud, [1919], 2010c, p. 305). Trata-se, antes, de uma fantasia que aponta para a gênese do conflito neurótico e o inscreve no horizonte edípico, o que torna difícil delimitar com precisão seu domínio. O que se pode afirmar é que, nessa primeira fase, há uma tentativa de assegurar e preservar para o Eu o amor do pai,

mediante a destruição via fantasia dos objetos que se interpõem como obstáculos a esse investimento.

Assim, a fantasia apresenta-se menos como sexual e mais como um recurso de autopreservação da criança, vinculada primeiramente aos interesses do Eu (Freud, [1919], 2010c, p. 305). Em alusão à profecia das Bruxas em *Macbeth*, de Shakespeare, Freud acrescenta que se trata de algo “não claramente sexual, nem mesmo sádico, mas certamente a matéria da qual ambos posteriormente serão feitos” (Freud, [1919], 2010c, p. 305). A primeira fase da fantasia de surra encerra, portanto, uma espécie de matéria bruta, um enigma fundamental da constituição humana, a partir do qual a sexualidade e o sadismo virão a emergir. Trata-se ainda de uma configuração anterior à articulação com o masoquismo, desprovida de sedução, culpa ou qualificação moral, mas marcada por uma onipotência e um narcisismo ilustrativos de uma passagem em direção ao sintoma e ao ato, passagem essa que se instaura primeiramente no próprio campo da fantasia.

Considerando o caráter prematuro da escolha objetal incestuosa, a excitação psíquica passa a se organizar precocemente em torno das zonas genitais, favorecendo o surgimento do ato masturbatório como antecipação das metas sexuais definitivas e ditas normais. Sob a égide do complexo de Édipo delinea-se, na menina, o desejo de ser esposa do pai e ter um filho com ele e, no menino, o de ser marido da mãe e igualmente gerar um filho com ela (Freud, [1919], 2010c, p. 306). Nesse contexto, os genitais adquirem centralidade na investigação infantil acerca da origem da vida e da sexualidade, articulando-se à pulsão de saber (Freud, [1919], 2010c, p. 306).

Contudo, a fruição plena dessa escolha incestuosa é barrada pelo recalçamento, seja por sua interdição, seja pela frustração inerente à impossibilidade de sua realização. Esse impasse será posteriormente sistematizado por Freud em *O declínio do complexo de Édipo* (1924), a partir da introdução do complexo de castração e, no caso das meninas, da noção de inveja do pênis.

Freud acrescenta, como uma das motivações do necessário recalque do desejo incestuoso, o caráter reiterativo do próprio recalçamento, concebido como um espelhamento dos recalçamentos ocorridos ao longo da história da humanidade — razão pela qual a tragédia de Édipo retorna novamente à cena. Se, na primeira fase da fantasia, a organização se condensava na fórmula: “Ele (o pai) só ama a mim, não a outra criança, por que bate nela” (Freud, [1919], 2010c, 307), na segunda fase ocorre uma reorganização decisiva. As moções incestuosas são recalçadas e, uma vez tornadas inconscientes, fazem emergir a consciência de

culpa (*Schuldbewusstsein*), que inverte o sentido da fantasia: “Não, ele não te ama, pois está batendo em você” (Freud, [1919], 2010c, p. 307).

A segunda fase da fantasia exprime, assim, uma negociação paradoxal entre a consciência e o desejo incestuoso, na medida em que articula, simultaneamente, a culpa e a excitação sexual que escapa à representação recalçada. É nesse ponto que Freud conclui que, na fantasia inconsciente da segunda fase, “a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo” (Freud, [1919], 2010c, p. 308).

Cabe, contudo, ressaltar que Freud não confirma de modo inequívoco que a primeira fase da fantasia seja propriamente sádica. Permanece, portanto, certa obscuridade quanto a qual componente — sádico ou masoquista — se antecipa de forma prematura e isolada, ainda que Freud incline-se a afirmar a primazia do componente sádico (Freud, [1919], 2010, p. 308). Ao recalque soma-se ainda outra transformação fundamental: a regressão da organização genital à fase sádico-anal, produzindo uma corrosão da organização sexual já esboçada (Freud, [1919], 2010c, p. 308).

A fantasia, inicialmente marcada por vingança e triunfo, passa, na segunda fase, a assumir o caráter de castigo e punição pela relação genital proibida. Por essa via, o “ser surrado” não funciona apenas como punição, mas também como substituto regressivo do erotismo genital recalçado, preenchendo a fantasia como excitação libidinal que encontra descarga nos atos masturbatórios (Freud, [1919], 2010c, p. 308). Como sintetiza Freud:

“Meu pai me ama” tinha um sentido genital; devido à regressão se converte em: “Meu pai bate em mim (apanho de meu pai). Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desaforo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo (Freud, [1919], 2010c, p. 5).

A essência do masoquismo revela-se como uma erotização do castigo: o masoquismo, tal como se apresenta na segunda fantasia de surra, resulta do recalque e da regressão do desejo edipiano. Se anteriormente a fórmula “Meu pai me ama” exprimia a realização da fantasia do amor incestuoso em sua possibilidade genital, dirigida ao pai e desprovida de sofrimento, a regressão “Meu pai me bate” assinala a transformação desse desejo em uma cena de punição, efeito direto da emergência da consciência de culpa diante da impossibilidade de manutenção do amor proibido.

O masoquismo configura-se, assim, como um compromisso produzido pelo recalque: de um lado, a consciência de culpa; de outro, a excitação libidinal, na qual a surra funciona

simultaneamente como punição moral e substituto regressivo da relação genital interdita. Essa excitação deslocada fixa-se à fantasia e encontra descarga nos atos masturbatórios. O sofrimento masoquista permite, desse modo, que o desejo continue a existir sob a forma de punição, ao mesmo tempo que viabiliza o desenvolvimento da consciência e da vida civilizatória. O fracasso da realização incestuosa, aliado à instauração da culpa, abre caminho para a renúncia da escolha objetal primária para a possibilidade de novos investimentos libidinais. O masoquismo sustenta, portanto, uma dupla função: expiação e satisfação, resultado do composto entre consciência de culpa e erotismo. Para Rosenberg: a essência do masoquismo não se reduz à sua transformação do sadismo pela culpa, sendo preciso:

Acrescentar o “erotismo”, a “moção amorosa”, e à punição, o substituto regressivo desta última, transformá-la em posição passivo com relação ao pai, o que quer dizer que haverá excitação libidinal tendendo para a descarga (Rosenberg, 2003, p. 58)

No caso do menino, em que Freud encontrou essa fantasia inconsciente apenas em um de seus casos, justamente em um homem, observa-se uma “inversão a mais” em relação ao caso da menina: a substituição da atividade pela passividade (Freud, [1919], 2010c, p. 309). A fantasia sofre, então, duas inversões: uma comum a ambos os sexos, na qual o amor se transforma em punição; e uma segunda, específica do menino, em que se abandona a posição daquele que deseja em favor da posição daquele que sofre a ação do outro. Assim, em lugar de “meu pai me bate”, a cena pode ser formulada como “Eu estou sendo batido pelo meu pai”, configurando uma cena organizada sob o signo da passividade.

Embora permaneça masoquista, a fantasia do menino torna-se menos reconhecível como expressão de desejo em razão de um maior grau de desfiguração, o que a protege de um recalque mais intenso (Freud, [1919], 2010c, pp. 308-309). Nesses casos, a regressão mostra-se suficiente para apaziguar o sentimento de culpa, sem que o recalque seja plenamente mobilizado. Diferentemente, nos casos femininos, a intensidade da culpa exige a conjugação de ambos processos (regressão e recalque). Freud pressupõe assim, que na menina a posição passiva já é “dada” de antemão, ao passo que, no menino, a inversão adicional da atividade em passividade produz uma deformação suficiente para reduzir a culpa, dispensando o recalque (Freud, [1919], 2010c, pp. 308-309):

Esta pessoa, então um adulto, havia conservado claramente na memória que costumava utilizar para fins masturbatórios a ideia de apanhar da mãe; mas é verdade que logo substituí a própria mãe pelas mães de colegas de escola ou por outras, de algum modo semelhantes a ela. Não se deve esquecer que, na transformação da fantasia incestuosa do menino na fantasia masoquista correspondente, ocorre uma inversão a mais que no caso da menina, isto é, a substituição da atividade pela

passividade, e esse grau adicional de deformação pode evitar que a fantasia permaneça inconsciente como resultado do recalque; nos casos femininos, a consciência de culpa, talvez mais exigente, seria apaziguada apenas pela ação conjunta de ambas (Freud, [1919], 2010c, pp. 308-309).

Trata-se de mais uma passagem obscura e de difícil compreensão, uma vez que o recalque surge no texto freudiano como destino necessário da escolha incestuosa: “no entanto, chega o tempo em que essa primeira floração é estragada pelo gelo; nenhum desses amores incestuosos pode fugir à fatalidade do recalque” (Freud, [1919], 2010c, p. 306). Coloque-se, então, uma questão decisiva: por que, no caso dos meninos, essa fantasia poderia escapar ao recalque?

Se Freud pressupõe, nos meninos, uma posição ativa originária, assim como pressupõe, nas meninas, uma posição passiva, a inversão adicional presente na segunda fantasia de surra masculina funcionaria como uma proteção contra o recalque e, conseqüentemente, contra um caráter punitivo mais intenso? Por que, no caso das meninas, o sentimento de culpa se mostra mais exigente, de tal modo que apenas a combinação entre recalque e regressão permitiria algum apaziguamento? Permanece em aberto, nesse ponto, se a segunda fantasia, no caso dos meninos, seria inteiramente inconsciente e, mais ainda, se poderia ser qualificada propriamente como masoquista, tendo em vista o grau de deformação implicado na inversão entre atividade e passividade.

Mas, ainda assim, para sustentar seu argumento de que a fantasia infantil de surra do menino conserva um caráter masoquista, Freud afirma que, nesse caso, “à consciência de culpa bastaria a regressão, em vez do recalque” (Freud, [1919], 2010c, p. 309). Essa solução, no entanto, não dissipa inteiramente a obscuridade do problema. O próprio Freud reconhece, na sexta e última parte do ensaio, que “a descrição das fantasias infantis de surra seria irrealizável se eu não houvesse me limitado, excetuando umas poucas referências, ao que se verifica em pessoas do sexo feminino” (Freud, [1919], 2010c, p. 317). O material masculino revela-se, assim, ainda mais opaco do que o feminino, não apenas pela complexidade teórica envolvida, mas também pela escassez de material clínico relativo as fantasias de surra infantil (Freud, [1919], 2010c, p. 317).

Retomando a quarta parte do ensaio e a terceira fase da fantasia de surra, observa-se que a figura do pai é agora mantida sob a forma de um representante da autoridade, como o professor. A fantasia torna-se novamente sádica: “Meu pai está batendo na outra criança, ele ama somente a mim” (Freud, [1919], 2010c, p. 310). No entanto, esse caráter sádico remete apenas à forma da primeira fase, ao passo que a satisfação permanece essencialmente

masoquista, uma vez que a excitação libidinal se conserva ligada ao conteúdo recalçado (“ele ama só a mim”). As crianças que figuram na cena da terceira fase são, assim, deformações e substitutos da própria criança que fantasia (Freud, [1919], 2010c, p. 310).

Coloca-se, então, a questão: por que, nas fantasias de surra da terceira fase, aqueles que apanham são, na maioria das vezes, meninos? Freud propõe uma explicação restrita ao caso das meninas apoiando-se na teoria de Van Ophuijsen acerca do chamado complexo de masculinidade. Segundo essa formulação, ao se afastarem do amor incestuoso pelo pai, as meninas passam a se identificar com a posição masculina; daí a predominância de figuras masculinas como objetos de punição (Freud, [1919], 2010c, p. 311).

Na quinta parte do ensaio, Freud sintetiza os pontos desenvolvidos anteriormente, indicando que as formulações até então apresentadas podem ser mobilizadas sobretudo em três direções: para a compreensão da gênese das perversões em geral, excepcionalmente o masoquismo, e para a avaliação do papel desempenhado pela diferença entre os sexos na dinâmica neurótica (Freud, [1919], 2010c, p. 311). Atendo-se aos dois primeiros eixos, a gênese das perversões e o masoquismo, Freud retoma e amplia questões já introduzidas nos *Três ensaios* (1905), em especial a introdução da realidade psíquica via fantasia, bem como o tema da fixação e do desenvolvimento prematuro de determinados componentes constitucionais no que concerne à perversão, cuja entrada em cena se dá pelo par sadismo-masoquismo, sustentado pelo complexo de Édipo, ainda apenas timidamente formulado nos *Três ensaios* (1905).

O ponto decisivo, contudo, consiste em situar a perversão não mais como um quadro aberrante e degenerativo, mas como parte da própria trama dos processos normais do desenvolvimento sexual (Freud, [1919], 2010c, p. 311). Longe de constituir um desvio externo à normatividade psicosssexual, a perversão emerge no terreno do complexo de Édipo, articulada ao amor objetal incestuoso da criança, e permanece investida mesmo após o recalque desse complexo. Nesse sentido, a perversão pode ser compreendida como herdeira da carga libidinal que até então investia o complexo edipiano (Freud, [1919], 2010c, p. 312).

Freud indica ainda que uma constituição sexual anormal exerce uma pressão sobre o complexo de Édipo, desviando o seu curso típico e impedindo sua dissolução completa. O resultado é a formação de um resto psíquico incompatível com a consciência, que se cristaliza como perversão (Freud, [1919], 2010c, p. 312). No caso do masoquismo, essa carga residual mantém-se ligada ao sentimento de culpa associado ao complexo de Édipo, conferindo-lhe sua configuração particular. É nesses termos que Freud formula:

Ela [a perversão] é posta em relação com o amor objetal incestuoso da criança, com o seu complexo de Édipo, surge primeiro no solo desse complexo e, depois que ele desmorona, resta sozinha frequentemente, como herdeira de sua carga [*Ladung*] libidinal e agravada pela consciência de culpa que a ele se ligava. A constituição sexual anormal demonstra enfim a sua força, empurrando o complexo de Édipo numa direção particular e obrigando-o a tornar-se um incomum resíduo (Freud, [1919], 2010c, p. 312).

Retomando os *Três ensaios* (1905), Freud recupera a concepção de perversão infantil, afirmando que esta pode fundar, por meio de uma fixação, a formação posterior de uma perversão *adulta*, mas também pode ser interrompida, sublimada ou permanecer latente no interior de um desenvolvimento sexual considerado “normal” (Freud, [1919], 2010c, p. 312). Coloca-se, então, a questão de saber se é possível atribuir as perversões *infantis* uma origem no complexo de Édipo (Freud, [1919], 2010c, p. 312). Para abordar esse problema, Freud enfatiza a importância de reconhecer as vivências anteriores à impressão considerada patogênica, isto é, aquelas que se situam antes dos seis anos de idade (Freud, [1919], 2010c, p. 313). Em geral, a primeira vivência passível de recordação é posterior a esse período, por isso, a relação entre as primeiras manifestações perversas e o complexo de Édipo permanece obscura enquanto não se “trouzer à luz ao tempo anterior à primeira impressão patogênica” (Freud, [1919], 2010c, p. 313).

Admitindo-se a hipótese de que as perversões derivam do complexo de Édipo, torna-se possível compreender tanto as fantasias de surra, quanto as demais fixações perversas como resíduos desse complexo. Freud as descreve como: “cicatrices após o decurso do processo, digamos, exatamente como o famigerado ‘senso de inferioridade’ [*Minderwertigkeit*] corresponde a tal cicatriz narcísica” (Freud, [1919], 2010c, pp. 313-314). Não apenas a neurose, mas também a perversão pode constituir um dos restos do complexo de Édipo no inconsciente, operando como disposição para desenvolvimentos posteriores.

No que concerne ao masoquismo e à sua gênese, Freud mantém ainda a defesa da primazia do sadismo, afirmando que:

O masoquismo não é uma manifestação pulsional primária, mas surge de uma reversão do sadismo contra a própria pessoa, isto é, pela regressão do objeto para o Eu (ver *As pulsões e seus destinos*) (Freud, [1919], 2010c, p. 314).

Freud chama a atenção para o caráter enigmático do masoquismo, que não se reduz apenas como meta passiva, mas se define também pelo seu aspecto desprazeroso no momento da realização ou satisfação pulsional. Esse traço paradoxal, a partir do qual a satisfação se concretiza no desprazer, conduzirá Freud, posteriormente, a uma reformulação mais ampla não

apenas da articulação sadismo-masoquismo, mas da própria teoria pulsional, com a ampliação do dualismo pulsional para as pulsões de vida e de morte e a postulação de um masoquismo originário a partir de 1920 e 1924.

Para Rosenberg (2003, p. 71), trata-se de uma contradição que toda teoria do masoquismo é obrigada a enfrentar, na medida em que ela coloca em xeque a própria noção de prazer e, de modo mais radical, o princípio do prazer. Como sustentar um princípio cuja função é buscar o prazer e evitar o desprazer diante da existência de uma vicissitude pulsional (o masoquismo) em que o sujeito inflige a dor a si mesmo e dela extrai satisfação? Em *Batem numa criança* (1919), a tentativa de situar o masoquismo no interior da dinâmica pulsional começa a se delinear, justamente porque o masoquismo “escapa” à conceituação do princípio do prazer. Instaura-se, como afirma Laplanche (1985), um paradoxo do masoquismo pela definição “prazer do desprazer”.

Retornando ao texto, a transformação em masoquismo ocorreria “mediante a influência da consciência de culpa que participa do ato do recalque” (Freud, [1919], 2010c, p. 31). Por sua vez, o mecanismo do recalque converteria “o sadismo deste no masoquismo passivo, em certo sentido novamente narcísico” (Freud, [1919], 2010c, p. 315). A origem dessa consciência de culpa permanece incerta; contudo, Freud já esboça aqui uma formulação que antecipa suas elaborações posteriores sobre o Supereu, ao afirmar que a consciência de culpa pode ser atribuída “àquela instância que se opõe ao resto do Eu como consciência crítica” (Freud, [1919], 2010c, p. 315)⁶⁶.

Ao final da quinta parte do ensaio, Freud retoma a segunda fase da fantasia de surra e abarca parcialmente a terceira. A segunda fase é considerada “incomparavelmente a mais importante” (Freud, [1919], 2010c, p. 316), pois é a partir dela que se constitui o compromisso sintomático e seu efeito excitante, que se estende até a terceira fantasia. Sua relevância, contudo, reside sobretudo nos efeitos sobre o *caráter*, isto é, nos resultados que incidem sobre a personalidade da menina ou do menino que fantasia. Esses indivíduos carregariam, portanto, ao longo da vida, uma ambivalência afetiva em relação às figuras e aos modelos paternos: “facilmente se desgostam com eles, assim fazendo que se realize, para sua própria dor e dano, a situação fantasiada de que apanham do pai” (Freud, [1919], 2010c, p. 316). Para Laplanche (1985, p. 102) a segunda fase é *propriamente* uma fantasia, sendo sobretudo, uma fantasia originária.

⁶⁶ A culpa emerge como uma das modalidades entre o Eu e o Supereu, este último herdado do Édipo pela introjeção das relações objetais (Rosenberg, 2003, p. 48).

Ao longo da quarta e quinta partes, Freud aprofunda com especial nitidez a articulação entre as fantasias de surra, o complexo de Édipo e a gênese do sadismo e do masoquismo, por meio do retorno a um tempo pré-histórico do indivíduo, no qual as fantasias se estruturam. Longe de constituírem formações anormais, essas fantasias carregam traços partilhados na história da cultura humana e se inscrevem no núcleo da economia psíquica edipiana, funcionando como a matéria-prima a partir da qual se desdobram tanto o sexual quanto o não sexual.

Os conteúdos das fantasias de surra, enquanto fantasias originárias, operam como “formas”, “moldes” que serão preenchidos tanto filogeneticamente quanto ontogeneticamente. Em sua formulação inicialmente “sádica”, no caso da menina, observa-se a operação entre o desejo incestuoso, a autopreservação e a agressividade. Em um segundo momento, figurado na cena da fantasia inconsciente masoquista, manifestam-se o recalque primário e a regressão do desejo proibido de amor ao pai, com o conseqüente desenvolvimento da culpa e da instância crítica punitiva. Trata-se, ainda, da articulação entre o erotismo narcísico, excitação libidinal, proibição e recalque.

Sadismo e masoquismo envolvem-se entre si de modo necessário e se sustentam pela herança edipiana não inteiramente dissolvida. Nesse ensaio, eles não aparecem como fenômenos à parte do desenvolvimento sexual dito “normal”, mas como modalidades fundamentais de elaboração psíquica de autopreservação, agressividade, da dor, do desejo, da culpa e da punição. Enraizados no complexo de Édipo, deixam marcas duráveis no caráter, na personalidade e na vida amorosa do indivíduo, preparando o terreno tanto para a neurose quanto para a perversão. O masoquismo, em particular, participa da constituição da instância moral e crítica e, portanto, da adaptação do indivíduo às normas, ao mesmo tempo em que instaura formas de sofrimento psíquico e de culpa.

Na sexta parte do ensaio, a mais extensa, Freud adentra o exame dos casos de fantasias masculinas, que se mostram, segundo ele, mais difíceis de compreender e marcadas por um material mais escasso de fantasias infantis de surra. Entre esses casos, encontram-se aqueles que Freud denomina como *verdadeiros masoquistas*, no sentido da perversão sexual, isto é, sujeitos cuja satisfação sexual somente se efetiva por meio da masturbação, isoladamente, ou associada a encenações masoquistas (Freud, [1919], 2010c, p. 318).

Tais fantasias ou representações podem alcançar um nível obsessivo, produzindo perturbações psíquicas suficientemente intensas para conduzir o sujeito à análise e tratamento. É nesse contexto que Freud estabelece uma articulação entre a fixação da posição masoquista e a impotência sexual. Afirmo ele:

O masturbador masoquista vê que é impotente quando enfim tenta o coito com uma mulher, e aquele que até então realizou o coito com o auxílio de uma ideia ou um arranjo masoquista pode subitamente fazer a descoberta de que essa cômoda aliança fracassou, pois seu órgão genital não mais reage ao estímulo masoquista (Freud, [1919], 2010c, pp. 318-319).

Percebe-se, assim, como a relação genital é ameaçada pelas fixações regressivas nas quais as fantasias masoquistas se organizam e se encenam. A fragilidade da função genital e sua incapacidade de sustentar a própria primazia conduzem o indivíduo a não mais se relacionar com o outro por meio do coito, mas apenas através da mediação fantasiosa, estruturada em torno da humilhação, do sofrimento e da dor. Se, na quinta parte do ensaio, Freud se dedica às transformações de caráter que são ocasionadas pelo complexo de Édipo, na sexta parte ele inicia sua exposição a partir do adoecimento psíquico de um adulto masoquista. O genital deixa de responder ao estímulo por meio do coito, mas apenas através da estrutura pulsional da fantasia masoquista.

É nesse sentido que Freud qualifica o masoquismo aqui como perversão sexual: ele funciona como meio exclusivo de obtenção de satisfação e de manutenção da excitação, produzindo uma ruptura da potência genital no momento em que o sujeito tenta abandonar a fantasia em favor da relação genital com um objeto real, e não mais virtual. A impotência sexual, nesses casos, não se vincula a uma causa orgânica, mas à *posição masoquista assumida pelo homem*, sustentada por um encadeamento regressivo e passivo do destino pulsional.

Ao aprofundar a descrição das fantasias masoquistas do homem, Freud destaca um elemento particularmente enigmático: a presença recorrente da atitude feminina (Freud, [1919], 2010c, p. 319), uma vez que as figuras que aplicam a punição são sempre mulheres, tanto nas fantasias quanto nas encenações. Tal dado parece, à primeira vista, contradizer a lógica do complexo de Édipo, na qual a figura paterna ocuparia um lugar mais coerente como agenda da punição; também a presunção de que o homem possui “de antemão” uma atitude ou posição masculina.

Mas as pessoas que castigam são sempre mulheres, nas fantasias e nos arranjos. Isso é algo desconcertante; queremos saber também se o masoquismo da fantasia infantil de surra já se baseia nessa postura feminina (Freud, [1919], 2010c, p. 319).

Diante da escassez de material clínico, Freud propõe, ainda assim, um retorno e reconstrução das fantasias de surra do sexo masculino. No caso dos meninos, ele postula um estágio preliminar comparável ao das fantasias das meninas: uma primeira fase

indubitavelmente masoquista, invertendo, inclusive, a primazia do sadismo até então defendida (Freud, [1919], 2010c, p. 320). O conteúdo dessa fase: “Apanho de meu pai”, corresponde à segunda fase descrita nas fantasias das meninas (Freud, [1919], 2010c, p. 320). Diferentemente do que ocorre nelas, Freud não consegue demonstrar, nos meninos, uma fase preliminar sádica comparável.

Ser golpeado, na fantasia masculina, como a chamarei, de forma breve, esperando não ser mal entendido, é igualmente ser amado no sentido genital, de forma rebaixada pela regressão. A inconsciente fantasia masculina original, portanto, não era “Eu apanho do meu pai”, como provisoriamente formulamos, mas “*Sou amado por meu pai*”. Ela foi transformada, pelos processos conhecidos, na fantasia consciente que diz: “*Eu apanho de minha mãe*”. A fantasia de surra do menino é então, desde início, passiva, derivada realmente da atitude feminina em relação ao pai. Tanto a feminina (da garota), ela corresponde ao complexo de Édipo, mas o paralelismo que esperávamos entre uma e outra deve ser abandonado em prol de um traço comum diverso: *em ambos os casos a fantasia de surra deriva da ligação incestuosa com o pai* (Freud, [1919], 2010c, p. 321).

Para Freud, a expressão “apanho de meu pai” operaria como um substituto regressivo de “sou amado por meu pai”, uma forma regressiva da expressão do amor genital (Freud, [1919], 2010c, p. 320). Mais uma vez, a fantasia masoquista aparece como uma formação de compromisso: ela preserva o vínculo incestuoso com o pai, ao mesmo tempo em que o torna aceitável à consciência por meio da punição, do sofrimento e da humilhação. É dessa forma que o amor proibido consegue “sobreviver”: sob a forma masoquista. A fantasia inconsciente primária, “*sou amado por meu pai*”, é transformada em cena de surra e desde início assume uma atitude feminina e passiva em relação ao pai, evidenciando o papel do recalque e o redirecionamento regressivo e passivo da libido (Freud, [1919], 2010c, p. 320).

Independentemente da diferença anatômica entre os sexos, o que Freud propõe ao afirmar que a fantasia de surra masculina é passiva e que deriva da posição feminina diante do pai, não diz respeito ao sexo biológico, mas à posição estrutural no interior do complexo de Édipo (Rosenberg, 2003, p. 48). Trata-se, em ambos os casos, de uma posição passiva em relação ao objeto de amor. Assim, a fantasia de surra, tanto no menino, quanto na menina, deriva da ligação incestuosa com o pai.

Dessa formulação decorre um ponto de interpretação a respeito do masoquismo. Em primeiro lugar, o masoquismo não pode ser compreendido apenas como uma simples inversão do sadismo; ele se apresenta como uma disposição primária, alicerçada no Édipo como um destino da libido que emerge como solução diante da impossibilidade da satisfação genital com o objeto de amor proibido, o pai (Freud, [1919], 2010c, p. 320).

A fantasia masoquista inconsciente da menina deriva da posição edípica considerada normal, ao passo que, no menino, essa posição aparece de forma invertida, com o pai ocupando igualmente o lugar de objeto amoroso (Freud, [1919], 2010c, p. 321). Freud mantém em aberto a possibilidade de estruturas mais complexas, mas a assimetria inicial entre as fantasias do menino e da menina permite compreender também como o recalque pode reorganizar de diferentes formas as fantasias em cada sexo.

Em nenhum dos casos (fantasias de surra de meninas e meninos) há uma eliminação absoluta do conteúdo incestuoso; o que ocorre é seu *disfarce*, isto é, soluções defensivas.

É lícito supor que com o recalque da fantasia inconsciente original não há grandes mudanças. Tudo o que para a consciência foi recalcado e substituído por outra coisa é mantido no inconsciente e permanece capaz de atuação. Não sucede o mesmo com o efeito da regressão a um estágio anterior da organização sexual. Acerca dela acreditamos que também muda o estado das coisas no inconsciente, de modo que após o recalque, nos dois sexos, continua a existir no inconsciente a fantasia masoquista de apanhar do pai, mas não aquela (passiva) de ser amado pelo pai. Também não faltam indícios de que o recalque atingiu seu propósito apenas de forma bastante incompleta (Freud, [1919], 2010c, p. 322).

Se não há recalque completo, aquilo que a consciência tentou substituir permanece ativo e eficaz no inconsciente. Por meio da regressão, opera-se uma modificação no funcionamento psíquico: já não subsiste a fantasia passiva de ser amado pelo pai, mas sua forma regressiva e masoquista (a fantasia de ser surrado por ele). O masoquismo emerge, assim, como resíduo da regressão libidinal. Os restos do recalado indicam que a fantasia de surra não elimina absolutamente a ambivalência edípica, mas a reinscreve sob novas configurações. O masoquismo deve, portanto, ser compreendido como efeito das vicissitudes do complexo de Édipo, sendo decisivo para a compreensão não apenas da sexualidade perversa, mas também da sexualidade neurótica e de suas manifestações clínicas.

É dessa forma que Freud sustenta que o recalque não incide sobre representações por serem sexuais *per se*, mas que, ao incidir sobre seus conteúdos arcaicos, faz do complexo de Édipo o núcleo organizador da neurose e da formação dos sintomas (Freud, [1919], 2010c, p. 327):

A teoria psicanalítica, que é baseada na observação, sustenta com firmeza que os motivos do recalque não podem ser sexualizados. O núcleo do inconsciente psíquico é formado pela herança arcaica do ser humano, e sucumbe ao processo de recalque tudo o que dela tem de ser deixado para trás, no progresso para fases posteriores do desenvolvimento, por ser inconciliável com o novo ou prejudicial a ele. Esta seleção é mais bem-sucedida num grupo de pulsões do que no outro. Esses últimos, as pulsões sexuais, conseguem baldar o intento do recalque, em virtude de condições especiais já várias vezes apontadas, e fazer-se representar por formações substitutivas

perturbadoras. Daí a sexualidade infantil submetida ao recalque ser a principal força motriz na formação de sintomas, e a parte essencial de seu conteúdo, o complexo de Édipo, ser o complexo nuclear da neurose (Freud, [1919], 2010c, p. 327).

Por fim, sabe-se que o recalque não incide sobre representações por serem sexuais em si, mas por pertencerem a uma herança arcaica da psique, incompatível com exigências posteriores ao desenvolvimento. O inconsciente mantém tal legado primitivo, originário, cujos processos que não foram abandonados por inteiro entram em conflito com as organizações psíquicas futuras. A especificidade do sexual consiste em seu poder de resistência ao recalque, pois deslocam-se facilmente, se reagrupam e se organizam de forma a contornar as proibições, retornando sob a forma de sintomas.

Assim, o recalque não produz a sexualidade, pelo contrário, é a sexualidade que, ao ser recalçada, torna-se o motor dos sintomas. O complexo edípico é o núcleo por meio do qual os sintomas se organizam, e as fantasias de surra são exemplares, contorno dos conflitos fundamentais entre o desejo e a norma. Há, portanto, uma continuidade estrutural entre a perversão e a neurose, que partilham do mesmo núcleo, os destinos do complexo de Édipo.

Concluindo, o ensaio *Bate-se numa criança* (1919) ocupa um lugar limítrofe nas obras de Freud. Ao mesmo tempo que confirma de forma clínica as formulações de *Pulsões e seus destinos* (1915), o ensaio de 1919 introduz tensões que abalam o edifício metapsicológico construído até então. Trata-se, como proposto, de um ensaio de transição: apoiado sobre os *Três ensaios* (1905) e *Pulsões e seus destinos* (1915), mas já anuncia deslocamentos e obscuridades que resultarão em *Além do princípio do prazer* (1920). O “ponto de fratura” emerge na própria indeterminação a respeito das fantasias de surra: tais fantasias são originalmente sádicas ou masoquistas? A oscilação permanece sem solução clara.

“Não sei nada mais; batem numa criança”: indecibilidade não apenas clínica, mas também metapsicológica ao ameaçar a linearidade das etapas e vicissitudes da dupla sadismo-masochismo, tal como formulada em 1915. Ao partir das fantasias relatadas por seus pacientes neuróticos, sobretudo obsessivos, um outro ponto merece destaque: o deleite situa-se no ápice da cena imaginada, não no fato real, já que as vivências que serviriam como ponto de fixação não possuem força traumática para tal. Assim, o evento é apenas o ensejo e a condição decisiva reside na própria constituição pulsional e organização edípica, ultrapassando assim, o campo restrito da perversão. Por mais que se apresente como uma contribuição à gênese das perversões sexuais, Freud articula perversão e neurose.

A perversão continua a ser o negativo *absoluto* da neurose? Ambas compartilham o mesmo núcleo edípico. O masochismo, longe de ser um fenômeno marginal, revela-se como

operador central da constituição psíquica, implicado na formação da instância moral e da economia pulsional da culpa. Ao reconstruir três fases das fantasias de surra, Freud torna visível a complexidade do problema. Por exemplo, na primeira fase da menina, é fantasiado que outra criança é castigada pela figura que posteriormente se revelará como o pai. A criança que fantasia é espectadora, a cena expressa a competitividade e o desejo pelo amor do pai, mas seu estatuto pulsional permanece ambíguo: não é claramente sádica nem plenamente sexual. Essa indefinição parece já fragilizar a tese da primazia do sadismo.

Na segunda fase, a mais importante, inconsciente e reconstruída pela análise, ocorre a inversão decisiva: “Sou castigada por meu pai”. Agressão, culpa e excitação sexual se articulam e o amor incestuoso pelo pai retorna sob a forma de punição, sendo o castigo um substituto regressivo da relação genital agora proibida, sendo através da dor a forma pela qual o prazer se realiza. Assim, o masoquismo aparece como formação de compromisso: satisfaz a instância crítica pela punição e preserva o desejo pela erotização do sofrer. Contudo, introduzindo a difícil equação de incluir a satisfação no desprazer, essa novidade no campo da fantasia começa também a corroer o primado do princípio do prazer.

Na terceira fase, a cena retorna à forma sádica, já que outras crianças são castigadas e o pai é substituído por outras figuras de autoridade. Porém, a força libidinal deriva do núcleo masoquista da fase anterior, sendo que sua forma manifesta encobre um fundamento passivo: mesmo disfarçado, o masoquismo permanece em dois sentidos, pois, além da forte excitação sexual herdada da segunda fase, as crianças que apanham são substitutos da criança que fantasia, tendo assim uma formulação masoquista. No caso masculino, a dificuldade teórica se acentua. Freud propõe que a fantasia originária seria “Sou amado por meu pai”, transformada regressivamente em “Apanho de meu pai”. Assim, a surra substitui o amor incestuoso.

Desde o início, no caso dos meninos, a posição é passiva e ligada ao pai como objeto de amor, contudo, a explicação mostra-se mais obscura, e a escassez de material clínico acentua a dificuldade. A tentativa de sustentar a primazia do sadismo revela-se frágil diante da autonomia problemática do masoquismo. O ensaio aborda também a dimensão filogenética das fantasias, remetendo sobretudo à segunda fase das fantasias originárias, esquemas herdados que articulam a ontogênese e a herança arcaica: a gênese do masoquismo, portanto, escapa à explicação linear dos destinos pulsionais formulados em 1915, apesar do esforço em manter a linearidade proposta das etapas de transformação do sadismo e masoquismo e a primazia do componente sádico.

Ao final do ensaio, consolida-se um ponto decisivo das perversões, a partir do qual ela emerge enquanto resíduo estrutural do complexo de Édipo. Neurose e perversão compartilham,

portanto, a mesma *matriz*, diferindo em seu destino pulsional, carga libidinal e formas de fixação. O masoquismo, particularmente, revela uma contradição interna: introduz o prazer no desprazer, tensionando o princípio regulador da economia psíquica. Assim, o ensaio de 1919 não rompe ainda com a teoria pulsional vigente, mas a submete sob tensão. Ao deslocar o problema do trauma para a constituição, da perversão como anomalia para “restos” do Édipo, e ao evidenciar a insuficiência da simples reversão do sadismo para explicar o masoquismo, Freud propõe fissuras ao modelo anterior. O edifício metapsicológico permanece de pé, mas com questões em aberto. São precisamente as “fraturas”, abertas pela erotização do castigo e pela autonomia do masoquismo que vão incitar, no ano seguinte, a necessidade de uma reformulação mais radical da teoria pulsional, sendo o sadismo e o masoquismo não mais também um ponto de “fissura”, mas de reconstrução de uma nova teoria pulsional.

Conclusão da segunda parte — As ruínas de Tebas: complexo de Édipo e masoquismo

Se o quarto capítulo colocava como questão: *por que sadismo originário?*, e o quinto anunciava a *ameaça de ruptura do edifício metapsicológico* a partir do ensaio *Bate-se numa criança* (1919), ambos convergem, na segunda parte, para um mesmo cenário metafórico e conceitual: as ruínas de Tebas.

Édipo, *Oidípous*⁶⁷, o de “pés (*Pous*) inchados (*Oídos*)”, como indica a tradução de seu nome, foi abandonado ainda bebê, com os pés amarrados, lançado para fora da cidade, isto é, para fora da sociedade. Tal gesto decorre da previsão do oráculo dirigida a seus pais: a criança mataria o pai, cometendo parricídio, e se uniria incestuosamente à mãe. Para evitar o destino anunciado, é expulso da ordem civilizada, marcado no corpo e separado de sua origem, fato que ele próprio esquecerá.

Adotado pelo rei de Corinto, Édipo cresce sob outra filiação. Contudo, o enigma acompanha toda a sua existência. Ao consultar o oráculo, recebe a mesma profecia: mataria o pai e desposaria a mãe. Convencido de que seus pais são aqueles que o criaram, Pólipo e Mérope (Vernant; Vidal-Naquet, 2019, p. 66), foge de Corinto para proteger aqueles que julga serem seus genitores. No caminho, cruza com Laio, seu pai biológico, e o mata após uma discussão, sem saber quem ele é. A história de Édipo é atravessada pela duplicidade entre consciência e inconsciente, entre “saber” e “não-saber”. Ao decifrar o enigma da Esfinge⁶⁸ e libertar Tebas da praga que a assolava, torna-se rei da cidade. Casa-se com Jocasta, sua mãe, e empenha-se em descobrir o assassino de Laio, sem perceber que investiga a si próprio. Édipo é aquele que burla as leis sem o saber: torna-se, simultaneamente, pai e irmão de seus filhos, filho e marido da própria mãe. Figura dupla e cindida, constitui o protótipo do homem trágico, dilacerado.

CORO Habitantes de minha pátria Tebas, eis o Édipo / Que os famosos enigmas soube, o homem poderoso / Cuja sorte, na urbe, todos viam com inveja: / Vede em que horrenda de desgraça ele voga! 1520 / Assim, nenhum mortal que o último dia ainda / Está por ver, não feliciteis antes / Que sem prova de mágoa chegue ao termo da vida (Sófocles, *Édipo Rei*, [~427 a.C.], 2015).

Quando descobre que é o assassino de seu próprio pai, Édipo cega-se e retorna à

⁶⁷ Em grego: Οιδίπους. O valor semântico das palavras da tragédia é sempre tensionado e conflituoso, de modo que Édipo assume a figura mítica (passada) mas também da época da pólis (presente). Além disso, a fala de Édipo é ela mesma contraditória, acontece-lhe de dizer o contrário do que deseja falar (Vernant; Vidal-Naquet, 2019, p. 77).

⁶⁸ A figura da Esfinge também ressalta aquilo que não sabe, inconsciente. O enigma, em que aquele de dois pés (*Dípous*) é o homem, remete também a figura de Édipo como a resposta ao enigma. Édipo (*Oidípous*) remete semanticamente aquele “que sabe” (*Oida*). Há então uma dupla fala, visto que ao final da tragédia, Édipo errou ao desejar saber (*Oida*) (Vernant; Vidal-Naquet, 2019, p. 84).

natureza, isto é, novamente lançado para fora da civilização. Se, no início, fora expulso por uma profecia, agora exila-se pela verdade. Ao unir-se à mãe e matar o pai, realiza o incesto e o parricídio que buscara evitar. Resta-lhe apenas o exílio.

Na tragédia, Édipo deve responsabilizar-se até mesmo por aquilo que cometeu sem saber, por aquilo que, poderíamos dizer, estava no âmbito do “inconsciente”. Ele vive na cultura, submetido à lei que castra e separa o indivíduo. E então há a culpa, já que na estrutura psíquica dirige-se o impulso amoroso à mãe e a rivalidade ao pai; ainda que tais movimentos sejam recalçados, permanecem como marcas estruturais.

ÉDIPO Para mim, que há de mirar admirado, ainda? / Que hei de querer, que hei de falar, ou hei de / Ouvir com gosto, amigos? / Retirai-me, depressa, desta terra! 1340 / Retirai-me depressa, queiroz, a este pestilento / E três vezes maldito, o mortal / Que os deuses / Mais detestam! (Sófocles, *Édipo Rei*, [~427 a.C.], 2015).

O Édipo, pensado por Freud a partir da narrativa sofocliana, possibilitou a formulação do chamado complexo de Édipo como estrutura universal do indivíduo. Contudo, se a matriz é universal, sua realização é particular, singular. Cada sujeito “preenche” o complexo à sua maneira, em sua história própria. Assim, todo ser humano se inscreve no Édipo, mas o faz de modo único, reconstruindo-o em análise.

Tebas é a cidade de Édipo, o espaço teatral em que a verdade do desejo se revela sob a forma da tragédia. Falar em “ruínas de Tebas” é reconhecer que o complexo de Édipo, longe de se encerrar como uma etapa superada do desenvolvimento, deixa restos estruturais que continuam a operar na vida psíquica. Entre esses restos, o masoquismo ocupa posição privilegiada. No quarto capítulo, ao retomar o ensaio *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), buscou-se sustentar a hipótese do sadismo originário não apenas como mero dado clínico, mas necessidade conceitual. A precedência lógica de uma meta ativa inaugura a própria inteligibilidade do conflito neurótico. Ao postular o sadismo como *ursprüngliche Komponente des Triebes*, Freud não apenas afirmou a presença inaugural da agressividade na constituição da pulsão sexual, mas funda a articulação entre agressão e sexualidade. A violência do sadismo primeiro não visa primariamente a destruição do objeto, mas também a afirmação da potência de viver, a autopreservação. Trata-se da atividade que resiste ao desprazer.

O sadismo originário, portanto, cumpre função estruturante: sustenta as polaridades fundamentais da vida psíquica, por exemplo, a atividade e a passividade, e viabiliza a formalização do antagonismo pulsional. Nesse horizonte, a transformação do sadismo em masoquismo é exemplo de como os destinos pulsionais obedeceriam, assim, a uma lógica de

reversão e troca de posições. A primazia do polo ativo garante a coerência do modelo: masoquismo surge como derivação, destino secundário da pulsão originalmente ativa.

Entretanto, é precisamente essa coerência que começa a se abalar quando adentramos o quinto capítulo e o exame do ensaio de 1919. Em *Bate-se numa criança* (1919), Freud alude ao material clínico que tensiona a linearidade anteriormente estabelecida entre sadismo e masoquismo. Como já pontuado, as fantasias de surra são originalmente sádicas ou masoquistas? Não há solução inequívoca para essa questão. A segunda fase da fantasia de surra, propriamente masoquista e inconsciente, propicia o surgimento do complexo de Édipo e assim as ruínas de Tebas começam a se delinear: aquilo que o complexo deixou como vestígio retorna sob a forma de fantasias masoquistas. Foi visto como no caso masculino a dificuldade se intensifica, sendo a postura passiva a posição primária das fantasias do garoto.

Assim, a reconstrução das três fases da fantasia torna evidente essa dinâmica e ilumina um ponto fraco do edifício teórico de 1915, pois a tentativa de manter o masoquismo como simples reversão do sadismo mostra-se insuficiente; a essência do masoquismo se encontra na expiação do desejo e na sua satisfação, tensão entre a consciência de culpa e erotismo. A metáfora de Tebas tem uma justificativa simples: é o palco da revelação trágica entre o desejo e sua proibição. As ruínas de Tebas são, portanto, os vestígios de Édipo que continuam a organizar a economia das pulsões sexuais. O sadismo originário, tal como formulado em 1915, arma a “potência ativa da vida”; mas, ao atravessar o campo edipiano, essa potência encontra a satisfação, o desejo, a culpa e a perda. Nessa travessia, falar de simples reversão é praticar com o masoquismo um reducionismo, já que este ocupa um lugar estratégico de encarnar o resto do amor incestuoso recalcado, convertido em punição erotizada.

Assim, os capítulos não se opõem, mas se encadeiam numa tensão que produz. O quarto capítulo demonstra a necessidade conceitual do sadismo originário para sustentar a dualidade pulsional e a armação da potência do ser. O quinto revela que, ao se confrontar com a clínica, essa necessidade encontra obscuridades. A linearidade dos destinos se fragmenta; surgem fissuras que expõem a insuficiência do modelo. Entre a hipótese do sadismo originário e a ameaça de ruptura anunciada em 1919, Freud parece ser conduzido a repensar o estatuto da pulsão, abrindo caminho para a concepção de uma dimensão que excede o princípio do prazer.

Portanto, o masoquismo, situado nessas ruínas, não é mero destino secundário, nem simples inversão. É testemunho do conflito pulsional que revela sua face trágica: para conservar o amor interdito, o sujeito acata a punição e erotiza a sua perda. É nesse ponto que a metapsicologia freudiana encontra seu limite e, ao mesmo tempo, a pedra de toque para sua reconstrução.

CONCLUSÃO

Partindo de uma questão que atravessa grande parte da história da recepção psicanalítica das perversões, ao falar de sadismo e masoquismo estamos tratando da psicologia de um indivíduo doente ou de uma dimensão constitutiva do ser humano em geral? Esta dissertação tomou essa interrogação em sua Parte I intitulada: “*Sadismo e masoquismo: peculiaridade ou generalidade?*”, como exigência de um movimento que demandou um retorno às origens conceituais desses termos e uma análise rigorosa do sadismo e masoquismo no interior da teoria freudiana entre 1905 e 1919.

O primeiro capítulo, intitulado, “*Batismo do sadismo e masoquismo em Psychopathia Sexualis (1886), de Richard von Krafft-Ebing*”, teve por finalidade retratar o espírito médico-psiquiátrico do século XIX e situar o momento inaugural em que tais categorias sádico-masoquistas foram formalmente nomeadas. Ao resgatar a figura de Krafft-Ebing, não se tratou de uma reconstrução meramente historiográfica, mas de explicitar o horizonte epistemológico que sustentava a leitura dessas condutas como parestesias de origem degenerativa e hereditária. Inseridos numa taxonomia clínica marcada pelo determinismo anatomopatológico, sadismo e masoquismo eram compreendidos como aberrações, desvios *fixos* da norma sexual e sintomas de uma patologia individual.

Nesse sentido, o primeiro capítulo explorou a gênese dos conceitos de sadismo e masoquismo com base no *Psychopathia Sexualis* (1886), evidenciando seus limites classificatórios, suas contradições internas e o enquadramento patologizante e jurídico que os marca desde a origem. Foi possível observar como Freud se apropria desses termos e os desloca de seu destino exclusivamente nosográfico, os reescrevendo no interior da teoria pulsional e da concepção ampliada de sexualidade desenvolvida nos *Três ensaios* (1905). Tal deslocamento inaugura a possibilidade de compreender o sadismo e o masoquismo não apenas como categorias diagnósticas, mas como expressões ímpares do funcionamento pulsional.

A resposta à questão da Parte I começou a delinear-se no segundo capítulo, intitulado “*A mais frequente e significativa de todas as perversões’: sadismo e masoquismo nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*”. A análise concentrou-se exclusivamente na edição original de 1905, sem os acréscimos posteriores, com o objetivo de examinar com o máximo rigor o movimento discursivo do texto freudiano em sua formulação inaugural. Esse gesto metodológico buscou evitar leituras retrospectivas que projetassem sobre 1905 categorias conceituais desenvolvidas sobretudo a partir de 1915.

Nos *Três ensaios* (1905) foi visto como Freud realizou um deslocamento decisivo: a perversão deixa de ser interpretada como aberração degenerativa e passa a ser compreendida como um dos arranjos possíveis das pulsões sexuais. A desmontagem do conceito tradicional de sexualidade constitui o primeiro passo dessa operação teórica. A pulsão sexual, tal como elaborada por Freud, não possui objetos previamente determinados. Desde o primeiro ensaio “As aberrações sexuais”, a noção de sexualidade é ampliada, rompendo-se com a suposição de um instinto sexual biologicamente programado, não obstante, o título do ensaio não deve ser lido como simples adesão à nomenclatura médica, mas estratégia metodológica: parte-se daquilo designado como desvio para alcançar o funcionamento pulsional que atravessa a constituição do indivíduo. No lugar do instinto, instaura-se o modelo pulsional, no qual a meta sexual, isto é, a finalidade da pulsão, pode encontrar satisfação sob o império de uma zona erógena localizada em objetos que não são pré-determinados.

Mais do que isso, o funcionamento da chamada sexualidade perversa apresenta profundas similaridades com o desenvolvimento sexual infantil. A criança é descrita por Freud como polimorficamente perversa, marcada pela plasticidade de objetos e metas sexuais. Ao retomar o primeiro ensaio, enfoque do capítulo, cujo objetivo é a concepção de sadismo e masoquismo, observa-se então que o conceito de perversão é transformado: não designa mais um desvio patológico apenas, passando a referir-se a uma modalidade de organização pulsional que encontra sua matriz na “pré-história” do indivíduo, na sua infância e em esquemas filogenéticos.

Dessa forma, no sujeito mais normal já se encontram os rudimentos que, quando desenvolvidos, levarão às perversões, sendo a denominação desses “restos” enquanto formações, esboços de um estado primário do funcionamento das pulsões sexuais, mantendo referência a um momento inicial da organização pulsional, prevalecendo a perspectiva de que as perversões remetem a um esquema anterior e primário das pulsões sexuais.

Foi nesse contexto que o par sadismo-masoquismo assume estatuto privilegiado, quando Freud os qualifica como a “mais frequente e significativa de todas as perversões”, por sua função paradigmática na elucidação da composição da pulsão sexual. Freud destaca que as pulsões de crueldade surgem na infância com certa independência das zonas erógenas, isto é, do sexual. É justamente essa autonomia que permite compreender como o componente cruel pode articular-se à sexualidade, constituindo um dos núcleos estruturais do par sadismo-masoquismo. Tais rudimentos, quando fixados, podem dar origem às formações perversas; contudo, um certo grau deles permanece ativo também na sexualidade dita normal. Manifestam-

se em atos como olhar, tocar e beijar; gestos que, longe de serem intrinsecamente patológicos, revelam a continuidade entre o chamado normal e o chamado perverso.

Embora sadismo e masoquismo tenham aparecido apenas na seção dedicada as “fixações de metas sexuais provisórias”, sua lógica já se encontra antecipada no texto, como exposto. O masoquismo, em particular, não se reduz à simples busca pela dor, mas envolve fundamentalmente uma posição passiva, de submissão, modalidade da passividade frente à autoridade do outro. Essa dimensão indicou, já no primeiro capítulo, como a dupla perversa pode ser pensada para além de categorias patológicas, inscrevendo-se nas dinâmicas relacionais com os objetos tal como articulada pela teoria da libido.

Dessa forma, foi visto como a pergunta inicial começa a receber um contorno mais preciso: sadismo e masoquismo não podem ser compreendidos exclusivamente como particularidades ou “excentricidades”. Em 1905, os termos apontam para algo mais radical: para uma dimensão constitutiva da vida pulsional que atravessa tanto as formações perversas quanto a própria organização dita normal da sexualidade, expressando a própria lógica de funcionamento da pulsão sexual, como modalidade de veicular a satisfação. Entre as diversas perversões analisadas, o sadismo e o masoquismo foram destacados como as principais, ou seja, as mais frequentes, constantes e significativas.

Retomando a definição de Freud, sadismo e masoquismo são apresentados a partir de um mesmo prisma estrutural: tratam-se de perversões que envolvem a dor infligida ao objeto sexual, manifestando-se sob duas formas complementares: uma ativa (sadismo) e outra passiva (masoquismo). O ato de esmurrar, como foi visto, corresponde à forma ativa, enquanto o ser esmurrado corresponde à forma passiva. Freud assinala sua preferência pelos termos sadismo e masoquismo, tal como cunhados por Krafft-Ebing, em detrimento de “algolagnia”, justamente pela amplitude da definição proposta em *Psychopathia Sexualis* (1886), que incluía o prazer vinculado a toda espécie de humilhação e submissão.

Sadismo e masoquismo irão, ao longo do ensaio, passar a nomear, para além de patologias extremas, categorias que nomeiam componentes estruturais do funcionamento psíquico. Também foi investigado que há no sadismo um componente geral: a agressividade. Ainda que, em 1905, não se coloque a questão de saber se a agressividade é intrinsecamente sexual, ele distingue um componente agressivo que pode articular-se à pulsão sexual.

O sadismo emerge quando esse componente se torna independente, exacerbado e deslocado para ocupar a posição principal da meta sexual. Seu significado, num primeiro momento, residia na superação da resistência do objeto sexual, não apenas pelo cortejo, mas também pela subjugação. Essa primeira definição do sadismo, enquanto componente agressivo

da pulsão sexual que fora fixado como meta, é uma definição mais estrita do que a vista adiante no trabalho, a acrescentada em 1915. Dessa forma, Freud não exclui a existência de componentes sádicos e masoquistas nas pulsões sexuais enquanto tais; o que caracteriza a perversão é o momento em que esses componentes se autonomizam e passam a reger isoladamente a satisfação.

Ao final do capítulo foi introduzido um ponto decisivo descrito nos *Três ensaios* (1905), a consideração de que toda dor contém a possibilidade de uma sensação prazerosa. Essa formulação, ainda embrionária, anuncia dois problemas que se tornaram centrais: o paradoxo do masoquismo e o problema econômico que ele impõe à teoria pulsional e ao princípio do prazer. A articulação entre dor e prazer, já esboçada em 1905, só será tematizada de modo sistemático na década de 1920, quando a persistência de desprazer na dinâmica da satisfação exigirá uma revisão do primado do princípio do prazer.

Freud reconheceu ainda o caráter composto da pulsão sexual na perversão sádico masoquista. A hipótese de que a pulsão sexual não seja uma entidade unitária, mas um “composto de elementos”, sendo a agressividade um exemplo da proeminência de um desses componentes. Nesse sentido, a perversão se opõe à neurose: enquanto esta implica o recalçamento e o retorno do recalçado sob a forma dos sintomas, a perversão expõe em estado relativamente direto, um componente pulsional tornado predominante.

A forma ativa e passiva da crueldade, como foi perscrutado, torna-se assim indispensável para compreender não apenas as perversões, mas também o sofrimento dos sintomas neuróticos e até mesmo determinadas condutas sociais. A articulação entre libido e crueldade permite elucidar transformações afetivas que atravessam quadros clínicos diversos. Assim, o sadismo e o masoquismo deixam de figurar exclusivamente como manifestações perversas e passam a integrar o campo maior da produção sintomática e social.

Freud chega a afirmar que a relação entre a pulsão sexual e a perversão é elevada ao estatuto de dado constitutivo da sexualidade humana, tratando-se de uma disposição congênita, algo que todos os seres humanos têm em comum no início de seu desenvolvimento sexual. Isso significaria que o caráter perverso da pulsão antecede, em termos ontogenéticos, os mecanismos de recalque e a própria formação dos sintomas neuróticos. Na perversão observa-se a pulsão em seu estado primevo, não organizada segundo a norma genital, mas como conjunto de tendências originárias. A perversão revelaria as raízes inatas da sexualidade, adquirindo estatuto estrutural enquanto esboços constitutivos do funcionamento pulsional.

No resumo dos *Três ensaios* Freud formulou essa hipótese, como foi examinado: a predisposição às perversões seria a predisposição geral original da pulsão sexual humana, da

qual o comportamento sexual “normal” se desenvolveria por meio de alterações orgânicas e inibições psíquicas no curso da maturação. A perversão não é, portanto, exceção à regra: ela é a matriz originária a partir da qual a norma se constitui. Por isso, pôde-se afirmar que a dupla sadismo-masochismo se revela como vestígios e modelos de estados anteriores do funcionamento pulsional, ativos para além do registro estritamente patológico. A teoria das pulsões repousa, em larga medida, sobre marcas inaugurais deixadas por essas formações.

Ainda que a formulação de 1905 apresente lacunas, reconhecidas pelo próprio Freud ao admitir que a perversão não fora ali “explicada de forma satisfatória”, já se encontram delineados os elementos que permitirão as reformulações posteriores, como pontuado. A crueldade, agressividade e a passividade permanecem articuladas à sexualidade infantil, especialmente à organização sádico-anal. A amálgama entre prazer e dor não é atribuída também a “falhas” morais ou disfunções fisiológicas, mas inscrita na realidade psíquica.

O terceiro capítulo, o último da Parte I, “*Sadismo e masochismo é sobretudo perversão? Acréscimos ao ensaio de 1905*” aprofundou essa análise ao incorporar os adendos de 1915 a 1924. A incorporação das adições não se limita a descrever o sadismo e masochismo como simples desvios do desenvolvimento sexual, mas concebê-los como resultado de um arranjo complexo entre fatores constitucionais e acidentais, fixações precoces e vicissitudes posteriores. Freud distingue entre o uso corrente e uma definição mais rigorosa de sadismo e masochismo. Essa oscilação terminológica revelou a dificuldade de estabilizar conceitualmente a dupla perversa.

Há, portanto, graus e intensidades entre ambos: desde precipitados ínfimos do sadismo em atitudes meramente ativas até a conotação extrema, propriamente perversa, na qual a satisfação se liga de modo necessário ao sofrimento físico ou psíquico. Essa gradação impede qualquer compreensão dicotômica, pois o que varia não é a presença ou ausência do componente, mas sua fixação, intensidade e articulação à meta sexual. Já o masochismo é descrito que é *frequentemente* um prosseguimento do sadismo voltado contra a própria pessoa, não estabelecendo uma regra universal, mas descrevendo uma possível prevalência clínica.

Ao mesmo tempo, ao mencionar a conjunção de fatores como o complexo de castração e o sentimento de culpa na fixação da atitude sexual passiva original, Freud abre a possibilidade de que o masochismo não seja apenas uma *inversão*, mas revela uma disposição primária, filogenética, na qual as cenas da castração e o Édipo façam parte, pontos que antecipam ainda timidamente a virada de 1920 e 1924, quando Freud postula um masochismo originário e reformula um novo dualismo pulsional. Não apenas um masochismo originário, mas será proposto um feminino e moral. Será que já não estaríamos frente a tais modalidades de

“masoquismos”? Mesmo com todo o intento de Freud de tentar formalizar as etapas de transformação entre sadismo e masoquismo, há pontos que escapam à teorização. O capítulo cinco mostrou isso com vigor.

Outro ponto examinado no terceiro capítulo foi a perversão enquanto “resto” do desenvolvimento rumo ao complexo de Édipo: a perversão não é exterior ao percurso “normal”, mas resíduo de sua própria trajetória. Nesse sentido, sadismo e masoquismo não constituem exceções monstruosas, mas expressões fixadas de uma sexualidade infantil que atravessa todo ser humano. A fase sádico-anal, com sua polaridade entre atividade e passividade, oferece o terreno privilegiado para compreender essa matriz. A pulsão de apoderamento, ligada à musculatura, e o erotismo anal, vinculado à retenção e expulsão, organizam uma economia em que controle e descarga, domínio e submissão, já se encontram entrelaçados. É aí que emerge o antagonismo que atravessará toda vida sexual. A ambivalência foi vista como traço arcaico da organização sexual.

Também foi visto como o abandono da teoria da sedução em 1897 deslocou o problema, que até então existia na realidade material, para o campo da realidade psíquica e da fantasia, fornecendo pela figura de Édipo o molde para compreender como o desejo, agressividade e culpa se entrelaçam na constituição psíquica do indivíduo. Desse modo, ao final do percurso, a pergunta da Parte I encontra uma resposta que permite sustentar ambos: peculiaridade e generalidade, mas em níveis distintos. Enquanto fixação rígida e exclusiva da satisfação ligada ao sofrer, pode-se configurar quadros perversos.

Contudo, enquanto componentes da organização sexual e libidinal, articulados ao componente agressivo e cruel da pulsão, ao Édipo, à ambivalência, à culpa e formação da instância moral, sadismo e masoquismo pertencem também à condição universal do ser humano. Assim, na primeira parte do trabalho, a dissertação conduz à seguinte conclusão: na metapsicologia freudiana, sadismo e masoquismo não são apenas categorias clínicas do adoecimento, mas operadores conceituais que permitem pensar a própria constituição do ser humano.

A Parte II do trabalho, “*As ruínas de Tebas: masoquismo e complexo de Édipo*”, deu continuidade à investigação da concepção de sadismo e masoquismo por meio da análise de dois ensaios de Freud: *Pulsões e destinos da pulsão* (1915) e, como fechamento do recorte temporal proposto, *Bate-se numa criança* (1919). O objetivo foi evidenciar não apenas a complementaridade entre esses textos, mas também a articulação com a parte anterior do estudo. Ao mesmo tempo, buscou-se demonstrar que, entre 1915 e 1919, opera-se uma reconfiguração

conceitual significativa, cuja tensão atinge um ponto limítrofe no escrito de 1919, onde a problemática do masoquismo se entrelaça de modo decisivo ao complexo de Édipo e à fantasia.

No quarto capítulo que inaugura a Parte II, “*Por que sadismo originário? A hipótese do sadismo originário em Pulsões e destinos da pulsão (1915)*”, ao retomar o ensaio de 1915, evidencia-se que a presunção de um sadismo originário designa, para além das divergências em pensar esse momento cronológico primitivo como sexual ou não, uma função lógica decisiva na arquitetura da metapsicologia. Ao introduzi-la, Freud articula autoconservação e sexualidade, inscrevendo a agressividade como componente constitutivo da vida psíquica, enquanto traça o sadismo e masoquismo enquanto vicissitudes pulsionais.

O sadismo originário não visa primordialmente à destruição do objeto; antes, expressaria a afirmação da vida diante do desprazer ameaçador, isto é, uma resposta ativa à excitação que irrompe no aparelho psíquico. Foi examinado também a pontuação de Freud de que o aparelho psíquico possui a finalidade de eliminar os estímulos internos e diminuí-los ao nível mais baixo, apontando para uma tendência de que a psique adota um funcionamento de manter-se livre de estímulos, esboçando ideias que serão retomadas em 1920, em *Além do princípio do prazer* (1920), ao discutir as pulsões de vida e de morte, pois, se há um princípio que opera visando a eliminação do desprazer, ele acabaria, paradoxalmente, servindo às pulsões de morte.

Nesse horizonte, sadismo e masoquismo assumem, em 1915, o estatuto de exemplares privilegiados dos destinos pulsionais, pois evidenciam a fusão entre componentes agressivos e elementos libidinais, configurando direcionamentos possíveis da pulsão no interior da economia psíquica. O par sadismo-masoquismo ocupou uma posição estratégica, ao apresentá-lo como primeiro exemplo ao tratar dos destinos pulsionais. A transformação do sadismo em masoquismo é descrita em três etapas. Na primeira, o sadismo aparece em sua forma fundamental: prática de violência ou exercício de poder sobre um objeto externo que serve de suporte à satisfação.

Trata-se da forma ativa da pulsão, *necessariamente* referida a um outro. Na segunda etapa, ocorre o que Freud denominou da vicissitude “voltar-se contra a própria pessoa”, onde o sujeito abandona o objeto externo e a pulsão retorna ao próprio Eu. Nesse movimento, o alvo passa a ser o próprio sujeito e a meta ativa inicia sua conversão em passiva, outra vicissitude pulsional. Porém, essa etapa não configura ainda o masoquismo propriamente dito, há apenas a interiorização da agressividade. Falta a eleição de um novo objeto que “encarne” a posição ativa, sendo apenas na terceira etapa que o masoquismo se constitui enquanto tal: quando o novo objeto ocupa o lugar de agente da ação sádica, enquanto o sujeito assume a posição de

sujeitado. Ainda assim, a satisfação obtida nessa configuração remete ao sadismo originário, pois o Eu passivo se coloca, em fantasia, no lugar anteriormente ocupado pelo agente.

Delineou-se assim, a primazia do sadismo no ensaio de 1915, onde não há um masoquismo originário que não derive do sadismo. O masoquismo seria, portanto, uma formação secundária, resultado do retorno da pulsão ao Eu e da reversão da meta ativa em passiva. Essa distinção é fundamental, pois revela que, já em 1915, Freud concebe a agressividade como estrutural e admite a possibilidade de sua incidência sobre o próprio Eu. A hipótese do sadismo originário não apenas sustenta a primazia da atividade, mas também inaugura o campo no qual se tornará pensável, posteriormente, um masoquismo primário. Assim, o percurso do capítulo demonstrou que sadismo-masoquismo funcionam como operadores metapsicológicos privilegiados para se pensar as vicissitudes da pulsão, a ambivalência afetiva e a própria constituição conflitiva do indivíduo.

Retomando o sadismo originário, foi observado que infligir dor ao outro não constitui em si a meta primária da pulsão originalmente, *somente* com a transformação em masoquismo que a dor passa a servir diretamente à meta pulsional, integrando-se à economia da satisfação. No masoquismo, as sensações dolorosas invadem a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, explicitando a vivência paradoxal do prazer pelo desprazer. Contudo, permanece a tese fundamental: o masoquismo deriva do sadismo, a dor só se torna meta pulsional efetiva em alguém cuja organização primeira foi sádica.

Foi investigado que tanto a reversão da atividade em passividade, quanto o voltar-se contra a própria pessoa não substituem a orientação originária da pulsão; tratam-se de destinos possíveis, não de *anulações* da matriz inicial. Há reafirmação da posição do sadismo, portanto, como componente originário da pulsão sexual, com função biológica sugerindo que o componente agressivo é indispensável à defesa, dominação e à afirmação da vida; ao ser progressivamente sexualizada, essa agressividade transforma-se no sadismo *propriamente dito*. Nesse sentido, o lugar inaugural do sadismo advém como necessidade epistemológica, cumprindo a função teórica de inscrever a agressividade no cerne da vida psíquica e sustentar a tensão constitutiva entre preservação e destruição, prazer a desprazer, atividade e passividade.

No capítulo final, “*Ameaça de ruptura do edifício metapsicológico*”, dedicado ao ensaio *Bate-se numa criança* (1919), evidencia-se uma inflexão decisiva na elaboração do par sadismo-masoquismo. Se, em 1915, a hipótese de um sadismo originário sustentava as transformações para o masoquismo, em 1919 a problemática desloca-se para o interior do complexo de Édipo e das fantasias de surra infantis, tensionando a integridade do edifício metapsicológico até então construído. A afirmação de um masoquismo derivado do sadismo

passa a tomar outras configurações, nas quais o masoquismo e a culpa passam a ocupar também a posição matricial a partir do conflito edípico.

Foi visto como o ensaio de 1919 não se concentra na origem isolada de um componente pulsional, mas no modo de funcionamento das fantasias de surra e em sua inscrição na dinâmica edípica. Foi mostrado como Freud demonstra que tais fantasias não são fenômenos marginais, mas formações estruturais da realidade psíquica que articulam o desejo incestuoso, a autopreservação, rivalidade, culpa e excitação sexual, satisfação.

A primeira fase das fantasias de surra no caso da menina, “*o pai bate em outra criança*”, satisfaz o ciúme e reforça os interesses narcísicos do Eu, funcionando como tentativa de assegurar o amor exclusivo do pai. Não se trata ainda de uma cena claramente sexual ou sádica, mas de uma “matéria bruta” a partir da qual o sadismo e a sexualidade poderão emergir. Não obstante, foi visto como essa primeira fase recebe o nome de “sádica” com muitas ressalvas, mas nota-se como o elemento agressivo desponta a fim de conservar os desejos do Eu pela fantasia, uma região crepuscular entre o não-sexual e o sexual.

Na segunda fase, reconstruída apenas em análise, ocorre a inversão decisiva: “*sou castigada por meu pai*”. Aqui se evidencia o caráter propriamente masoquista da fantasia, pois a agressão e a dor passam a integrar a excitação sexual. Essa transformação é operada pela consciência de culpa, que converte o sadismo em masoquismo ao inscrever o desejo incestuoso sob a forma de punição. A fantasia torna-se, assim, o palco onde se encena a negociação entre desejo e proibição. É nesse ponto que a culpa e o desfecho masoquista revelam sua função estruturante, antecipando a formação da instância crítica e de caráter que mais tarde será conceituada como o Supereu.

Com isso, o percurso entre 1905 e 1919 evidenciou um deslocamento fundamental: sadismo e masoquismo deixaram de ser compreendidos apenas como categorias herdadas da psiquiatria, para se tornarem parte dos operadores pulsionais da metapsicologia freudiana. A perversão aproxima-se da neurose, não mais como seu negativo absoluto, mas como via possível de elaboração de componentes pulsionais comuns no registro edípico.

Além disso, ao retomar a problemática filogenética e as fantasias originárias, Freud inscreve as fantasias de surra em uma dimensão que articula ontogênese e esquemas herdados. Os componentes sexuais congênitos despertam a partir das vivências infantis, organizadas por esquemas pré-individuais que estruturam a experiência. Assim, as fixações pulsionais não se reduzem a eventos individuais, mas remetem a uma história arcaica que encontra, na fantasia, seu modo de atualização singular.

Não somente através da problemática filogenética, mas por meio das próprias regras do inconsciente que levaram Freud a empreender uma elaboração teórica que construiu seu próprio saber, viabilizando um discurso no qual a literatura pudesse despontar, de modo a procurar outro fundamento explicativo fora do científico de até então (Soria, 2016, p. 117). É dessa forma que a referência ao Édipo-Rei de Sófocles surgiu como meio de desvendar a estrutura da psique em sua perspectiva metapsicológica, tendo papel nuclear na constituição neurótica do ser humano. O ensaio de 1919 demarcou, portanto, uma fronteira teórica: nele se torna incerta a própria primazia do sadismo originário, sobretudo quando Freud comenta a respeito das fantasias dos meninos, que têm um caráter masoquista-passivo originário, uma vez que a gênese das fantasias de surra não se deixa reduzir facilmente a um ponto de partida exclusivamente sádico ou masoquista.

Essa indeterminação não representou vulnerabilidade, mas sinalizou como a aproximação entre a teoria e a práxis tornou a compreensão psicanalítica mais complexa e obscura, sobretudo a respeito da teoria pulsional. Assim, o foco deslocou-se da origem isolada do componente investido para a dinâmica de articulações, especialmente através da cena edípica. Desse modo, o capítulo final evidenciou que o masoquismo e o sadismo não são apenas destinos pulsionais, mas podem ser vistos enquanto matrizes do conflito psíquico. Ao integrar as fantasias de surra ao complexo de Édipo, Freud demonstrou que a sexualidade infantil, o narcisismo, a rivalidade e o recalque se organizam em torno dessa dupla.

O masoquismo revela-se, dessa maneira, não como fenômeno derivado e secundário, mas como operador central na constituição do indivíduo, implicado na gênese da culpa, da formação da instância moral e na fruição da satisfação pela dor. O masoquismo deixou de aparecer como simples reversão do sadismo para ser compreendido como parte da formação de compromisso enraizada na economia edípica, como mostra a segunda fase da fantasia de surra, que revela a erotização do castigo como resultado do recalque do desejo incestuoso e da regressão à organização sádico-anal. Há uma dupla função estrutural que o masoquismo demonstra: a permanência do desejo sob a forma de punição e a participação da constituição da consciência moral e da adaptação às exigências civilizatórias. Nesse ponto, o masoquismo não é exterior ao princípio do prazer, mas revela seu limite interno.

Situando as fantasias de surra no interior do complexo de Édipo, Freud deslocou a perversão do campo da anomalia para o da constituição psíquica, restos do complexo de Édipo. Sadismo e masoquismo emergem como destinos da pulsão implicados na autopreservação, na agressividade, no amor objetal e na culpa, deixando marcas duráveis no caráter, na vida amorosa e nas formações sintomáticas, preparando o terreno tanto para a neurose, quanto para a

perversão e psicose. Não se tratam de estruturas estranhas ao desenvolvimento “normal”, mas de modalidades de elaboração do desejo na realidade psíquica.

A suposta “ameaça de ruptura” do edifício mostra-se, assim, menos como colapso do que como momento de transformação, o lusco-fusco que prepara as reformulações decisivas dos anos seguintes e consolida o lugar estrutural, “angular”, do par sadismo-masoquismo na teoria pulsional freudiana. Portanto, o que inicialmente aparecia como problemático e escandaloso, transforma-se em eixo estruturante, exigindo a ampliação do dualismo pulsional e preparando o caminho para introduzir as pulsões de vida e de morte.

Referências

- BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.
- BLEULER, E. **Dementia praecox o il gruppo delle schizofrenie**. Traduzione integrale di Antonello Sciacchitano. Polmnia Digital Editions, 2024.
- CORRÊA, S, F. **Filogênese na metapsicologia freudiana**. Campinas: Unicamp, 2015.
- DELEUZE, G. **Sacher Masoch: o frio e cruel**. Tradução de Jorge Bastos. Revisão técnica de Roberto Machado. Jorge Zahar Editora Ltda, 2009.
- FERRAZ, F. C. **Perversão**. (Coleção clínica psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FERREIRA, H. **Mini aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Supervisão de Rita Farinha, Projecto Gutenberg, 1913.
- FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual (1905). *In: Obras Completas Volumen 7 (1901-1905)*: Fragmento de análisis de un caso de histeria, Tres ensayos de teoría sexual y otras obras. Traducción directa del alemán: José Luis Etcheverry. Argentina: Amorrortu Editores, 1978a.
- FREUD, S. **The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume 2, 1914-1919**. Edited by Eva Barbant, Ernst Falzeder and Patrizia Giampieri-Deutsch. Supervision of André Haynal. Transcribed by Ingeborg Meter-Palmedo and Translated by Peter T. Hoffer. Harvard University Press, Cambridge. London, England, 1996.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). *In: Obras Completas, volume XII: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In: Obras Completas, volume XII: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914- 1916)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, S. “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). *In: Obras Completas, volume XIV: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.
- FREUD, S. 32. Angústia e instintos (1933). *In: Obras Completas, volume 18: O mal-estar*

na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010e.

FREUD, S. O eu e o id (1923). **Obras Completas, volume XVI**: O eu o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, S. Resumo da psicanálise (1924). **Obras Completas, volume XVI**: O eu o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

FREUD, S. Totem e tabu (1912-1913). **Obras Completas, volume XI**: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). *In*: **Obras Completas, volume VI**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In*: **Obras Completas, volume VI**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

FREUD, S. “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). *In*: **Obras Incompletas de Sigmund Freud; 5**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016c.

FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905). *In*: **Gesammelte Werke VIII**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf>. Acesso em: 07/02/2026.

FREUD, S. Totem und tabu. *In*: **Gesammelte Werke IX**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf>. Acesso em 07/02/2026.

FREUD, S. Triebe und Tribschicksale. *In*: **Gesammelte Werke X**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf>. Acesso em 07/02/2026.

FREUD, S. “Ein Kind wird geschlagen” Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller Perversionen. *In*: **Gesammelte Werke XII**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf>. Acesso em: 07/02/2026.

FREUD, S. Sobre lembranças encobridoras [1899]. Apresentação, tradução e notas de André Carone. **Cadernos de Tradução LELPraT**. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/lelprat/article/view/12292>, v. 2, 2021.

GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRUBRICH-SIMITS, I. Metapsicologia e Metabiologia. **Ensaio complementar a “Neurose de Transferência: uma síntese”, de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HANNS, L. A. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

JORGE, M. A. C. Dois ensaios sobre fantasias de surra. *In: “Bate-se numa criança”*: contribuição ao conhecimento da origem das perversões sexuais; Fantasias de surra e devaneios. Freud, S; Freud, A. Tradução Vera Ribeiro. Revisão técnica: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2020.

KRAFFT-EBING, R. V. **Psychopathia sexualis**: as histórias de caso. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRAFFT-EBING, R. V. **Biografie sessuali I casi clinici dalla Psychopathia sexualis**. Traduzione di Piero Giolla prefazione di Giorgio Agamben. Neri Pozza Editores, 2015.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J-B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J. **Freud e a sexualidade**: o desvio biologizante. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LEBRUN, G. O selvagem e o neurótico. *In: Passeios ao Léu*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MASSON, M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Coleção Analytica. Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda. 1986.

McGUIRE; SAUERLÄNDER. **Briefwechsel Sigmund Freud/ C.G. Jung**. *Buchclub Ex Libris Zürich*, 1976.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MORAES, E. R. **Lições de Sade**: ensaios sobre a imaginação libertina. 1. Reimp. São Paulo: Iluminuras, 2011.

MONZANI, L. R. A fantasia freudiana. *In: Filosofia da Psicanálise*. Bento Prado Jr (org.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

MONZANI, L. R. **Desejo e prazer na idade moderna**. 2ª ed. rev. (Coleção pensamento contemporâneo; 6). Curitiba: Champagnat, 2011.

MONZANI, L. R. **Freud: O movimento de um pensamento**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MUCURY, M. T. **O problema da perversão: a gênese do conceito no primeiro alienismo francês e o paradoxo da abordagem freudiana**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Brasília; Université Paris 8, 2025.

PESSONI, I. **Patologia da sexualidade**. Folha de São Paulo, 29 de abril de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2904200116.htm>. Acesso 07/02/2026.

PRADO JR., B. **Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud**. In: *Filosofia da Psicanálise*. Bento Prado Jr (org.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROSENBERG, B. **Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida**. Prefácio de Claude Le Guen; tradução de Célia Gambini. São Paulo: Escuta, 2003.

SILVEIRA, L. Resenha de “Filogênese na metapsicologia freudiana”, de Fernanda Silveira Corrêa (Campinas: Editora Unicamp, 2015). **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 22; n.1, pp. 179-186, 2017.

SIMANKE, T. S. Freud e a sexualidade infantil antes de Freud. In: **Amar a Si mesmo e Amar o Outro: Narcisismo e Sexualidade na Psicanálise Contemporânea**. Joel Birman (org.). 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2016.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução Ordep Serra e Sueli de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2015.

SORIA, A. C. S. Sobre a cientificidade do discurso psicanalítico: uma análise introdutória. In: **Sofia**. v 06, n. 1, pp. 112-120, 2016. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3e07/c865bebceefbc99821776dd1505469f5cbf2.pdf>. Acesso 18/02/2026.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VERNANT, J-P; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. 2a Edição. Editora Perspectiva, 2019.